

A um passo da felicidade

“Wife by contract”

Flora Kidd





O casamento com Damien Nikerios deu a Teri tudo o que uma mulher poderia desejar: posição, dinheiro, prestígio... e longas e acaloradas noites de amor. Damien era um grego másculo e generoso, e sua virilidade revelou a Teri emoções profundas e insuspeitas. Além disso, ele era riquíssimo e tirou Teri da ruína, saldando todas as dívidas deixadas pelo pai dela. No entanto, assim que chegou de sua viagem de lua-de-mel, um maravilhoso cruzeiro pelas ilhas gregas do mar Egeu, Teri foi obrigada a acordar do seu sonho: Damien tinha um caso com Milena, a terceira esposa de Stephanos, que era pai dele...

CAPÍTULO I

O lustre de cristal estava pendurado no meio do teto alto de estuque que conservava ainda, após tantos anos, os desenhos em baixo-relevo de rosas e de cupidos. O mesmo tema repetia-se nos lambris da sala. Transformada recentemente em cassino, em lugar dos violinos e das valsas ouvia-se agora o girar ininterrupto da roleta no salão da bela residência vitoriana.

Havia quatro mesas. A mais concorrida era a que ficava embaixo do lustre de cristal, no centro da sala e era naquela direção que caminhava o homem moreno, de cabelos negros e ombros largos, vestido a rigor, com a mão enfiada displicentemente no bolso do casaco.

No momento em que se aproximou da mesa, um outro homem, esse louro e de rosto corado, abriu caminho por entre os jogadores com uma expressão de ansiedade na fisionomia.

— O que foi? — indagou o homem moreno.

— Ela perdeu tudo e não quer ir embora. Eu vou sair para obrigá-la a me acompanhar.

O rapaz de cabelos claros afastou-se e o homem moreno postou-se atrás do grupo de jogadores, os olhos fixos na mulher jovem que estava sentada no outro lado da mesa.

Ela tinha cabelos platinados compridos, mas que estavam presos no momento com uma fita preta de veludo. O decote amplo revelava os ombros roliços, o desenho delicado da omoplata, o busto perfeito por baixo da alça fina do vestido.

A luz do lustre iluminava suavemente o tom prateado dos cabelos e a pele aveludada do rosto, e projetava uma sombra delicada entre os seios. Ela estava com a fisionomia apreensiva e apoiava a ponta da língua sobre o lábio inferior, como se fosse um tique nervoso. Os cílios compridos, fortemente pintados, piscavam sobre os olhos azuis enquanto acompanhava atentamente o movimento da bola branca da roleta.

A roda giratória estava diminuindo de velocidade e os lábios da moça se entreabriram lentamente ao ver a pequena bola de marfim subir do declive do disco giratório e saltar sobre as bordas dos números. No instante seguinte, porém, a bolinha afundou num buraco com um ruído quase imperceptível. O disco diminuiu ainda mais de velocidade. Quando parou completamente, o crupiê anunciou em voz alta o número ganhador.

A mulher que estava ao lado de Teri, vestida toda de preto, deu um grito de alegria. Tinha ganho pela primeira vez naquela noite. O crupiê apanhou o rodo de madeira em cima da mesa e recolheu as

fichas dos perdedores, que estavam espalhadas sobre o pano verde. Teri viu suas últimas fichas serem arrastadas junto com as demais. Agora, estava numa situação pior do que no primeiro dia em que fora ao cassino, decidida a ganhar uma quantia suficiente para pagar a enorme dívida contraída pelo pai antes de morrer.

O crupiê aguardava pacientemente as apostas quando encontrou o olhar de Teri fixo no seu. Ele balançou lentamente a cabeça de um lado para o outro. Isso queria dizer que a banca não cobriria mais as apostas dela. Desconsolada, Teri olhou em volta de si, à procura de um rosto conhecido. Não havia nenhum. Jim fora embora, pelo visto, impaciente com a sua demora. Ela estava sozinha, longe de casa, sem um tostão na bolsa, a não ser alguns trocados que mal davam para o ônibus.

Teri pediu licença à mulher que estava em pé, atrás de si, afastou a cadeira e levantou-se, o corpo esguio, desanimado, parecia mais fino ainda sob o vestido verde de um tecido leve. Abriu caminho em direção à porta com um sorriso imperceptível nos lábios, o andar elegante e gracioso, controlando-se para não explodir publicamente numa crise de choro.

Ela estava num beco sem saída e tinha razões de sobra para sentir-se desesperada. Não tinha ninguém a quem recorrer. Sua mãe sofria tanto quanto ela com a morte do pai. Díck, o irmão mais moço, não tinha idade nem capacidade para assumir a direção da família.

Teri apresentou a ficha numerada no vestiário e recebeu o casaco preto de veludo das mãos da encarregada. Ela estava se preparando para vesti-lo quando um braço segurou as extremidades do casaco em cima de suas costas.

— Com licença.

Voltou-se com um movimento brusco do tronco que fez a saia girar em volta das pernas, o homem moreno, de ombros largos e roupa a rigor, estava segurando o casaco aberto na sua frente, pronto para colocá-lo em seus braços.

A pele morena, cor de oliva, parecia mais escura em contraste com a camisa imaculadamente branca, de peito rendado. O nariz era levemente aquilino e os olhos bem pretos, quase negros. As pálpebras pesadas davam à face um ar de severidade que não combinava com sua aparência jovem. Os cabelos pretos nasciam bem baixo e cobriam parte da orelha.

— Muito obrigada — disse Teri, virando-se de costas, a fim de que o homem colocasse o casaco em cima dos ombros.

No momento em que os dedos compridos roçaram a pele da nuca, ela ficou toda arrepiada e sentiu um calafrio percorrer-lhe a espinha.

— Pronto, agora você não vai sentir mais frio — disse o homem com um sorriso, percebendo o arrepio nervoso.

Teri fitou-o atentamente, com a testa franzida, como se fizesse um grande esforço para identificar seu interlocutor.

— Eu tenho a impressão de conhecê-lo de alguma parte — disse por fim.

— Claro que você me conhece. Eu venho aqui todas as noites.

— Aqui, no cassino?

— Sim. Eu a vi jogar hoje e em outras noites da semana.

— Ah, agora estou me lembrando...

De fato, ela o tinha visto algumas vezes em volta da mesa, "peruando" o jogo. Ele parecia uma mariposa negra que voava em torno das borboletas de asas coloridas. Havia alguma coisa sinistra nele, uma certa expressão demoníaca. Teri observou-o com o canto dos olhos e decidiu no mesmo instante que era preferível manter distância do desconhecido.

— Você está de saída? — perguntou o homem, fazendo um gesto em direção à porta.

— Estou. Até um outro dia.

Ela fez meia-volta e sorriu graciosamente para o porteiro, que abriu a porta. Ao sair lá fora, recebeu um golpe frio de vento por entre as mangas amplas do casaco. Esfregou os braços com nervosismo e arrependeu-se amargamente de não ter voltado com Jim. O dinheiro que tinha não dava nem mesmo para tomar um táxi.

— Posso acompanhá-la até em casa?

A figura do homem moreno sob a luz do poste deixou-a tão nervosa que, em vez de responder à pergunta que lhe foi feita, Teri partiu correndo na direção contrária, à procura de um táxi. Na sua

afobação, tropeçou e perdeu o equilíbrio. Felizmente o homem estendeu o braço com um movimento rápido e segurou-a pelo cotovelo antes que ela caísse na calçada.

— Cuidado. Você pode se machucar.

Teri murmurou um agradecimento em voz baixa, encabulada.

— Eu tropecei numa pedra. Obrigada.

— Por que você não admite que está numa situação difícil? Seu orgulho é tão grande assim?

Teri voltou-se com um gesto brusco de cabeça. Quem era esse homem que espionava sua vida? Algum chantageiro?

— Como você sabe que estou numa situação difícil?

— Vi você perder todo o seu dinheiro durante três noites seguidas.

— E daí? O que você tem a ver com isso? Veio me tentar com uma proposta desonesta? Você é o demônio, por acaso?

Ele deu uma gargalhada que ecoou sinistramente no silêncio da noite.

— Não, eu não sou o demônio, a menos que ele seja o seu anjo da guarda. Eu tenho um nome. Eu me chamo Damien Nikerios.

— Damien Nikerios! — exclamou Teri, perplexa.

— O próprio. Vim a Londres especialmente para encontrá-la, mas você, pelo visto, está sempre muito ocupada para me receber. Precisamos ter uma conversa.

— Esse assunto deve ser conversado com meu advogado — disse Teri com determinação. — Vou restituir sem falta o dinheiro que você emprestou a meu pai. O diabo vai receber sua dívida. Boa noite.

Mais uma vez Teri deu as costas ao homem e caminhou resolutamente pela rua escura. Damien, porém, alcançou-a com passadas largas e segurou-a pelo braço.

— Você vai a pé para casa?

— Vou tomar o ônibus.

— A essa hora? Sozinha? Você não tem medo de ser assaltada?

— Eu sempre andei sozinha — disse Teri com rispidez, apertando o casaco contra o corpo.

A temperatura caíra sensivelmente nas últimas horas, como se fosse nevar, apesar de ser o início da primavera.

— Uma vez é a primeira. Quando você menos esperar, será importunada por algum engraçadinho.

— Escute aqui, eu moro nessa cidade há vinte anos e nunca ninguém me importunou. A não ser você, hoje!

Ele deu uma risada bem-humorada.

— Não vamos brigar por causa disso. Meu carro está estacionado perto daqui e eu posso levá-la até em casa. Você se sentirá mais quente e confortável dentro do carro do que nesse frio, sem contar que podemos aproveitar para esclarecer certos assuntos pendentes... Venha, é mais seguro.

— Eu tenho minhas dúvidas se estarei mais segura na sua companhia. Sua reputação é péssima.

— Você se parece com o seu pai — disse Damien com um sorriso. — Cismado e orgulhoso como ele só! Vocês dois, pelo jeito, deviam se entender perfeitamente. Aposto que você sente muita falta dele.

— Muita, muita! — exclamou Teri, com sinceridade.

Era a primeira vez que ouvia alguém mencionar o pai desde o dia do enterro.

— Alex era um homem fantástico. Ele me ajudou muito numa época da minha vida.

— Foi por isso que você lhe emprestou dinheiro?

— Eu explico tudo, nos mínimos detalhes, se você for jantar comigo. Conheço um restaurante muito gostoso perto daqui. Podemos conversar tranquilamente e depois eu a levo para casa. Palavra de homem.

— E se eu recusar?

— Não terei outro remédio senão acompanhá-la até em casa de ônibus. Agora que consegui localizá-la, não vou deixá-la sumir facilmente. Precisamos entrar num acordo com urgência.

— Você é realmente teimoso como uma mula — disse Teri, tremendo de frio na calçada. — Nada o remove de uma idéia, não é mesmo?

— Nada.

Durante alguns segundos ela lutou com seu orgulho. Afinal, evitara encontrar-se com Damien Nikerios durante duas semanas e tinha jurado a si mesma que não o veria antes de reaver o dinheiro que ele emprestara ao pai. Mas ela estava com fome e morrendo de frio no meio da rua. Além disso, simpatizara com ele à primeira vista, a despeito de seu ar vagamente sinistro, demoníaco.

— Está bom. Você ganhou. Só imponho uma condição: tenho que voltar cedo para casa.

— Combinado.

O restaurante ficava perto dali, como Damien havia dito. Ao entrarem na sala quente e envidraçada, Teri deu um suspiro de satisfação. Retirou o casaco grosso dos ombros com a impressão de estar em outro país, num outro clima. Não apenas os frequentadores eram gregos, na sua maioria, como a decoração das paredes e os móveis rústicos eram tipicamente mediterrâneos, alegres, de cores vivas. As paredes caiadas de branco tinham um brilho intenso e a cerâmica vermelha do chão era encerada e polida. Dos alto-falantes, instalados em diversos pontos da sala, vinha o ritmo vibrante do *bouzouki*.

Um garçom jovem e simpático, com um lenço vermelho de seda passado em volta do pescoço, recebeu-os com um sorriso nos lábios, como se fossem velhos conhecidos. Em seguida, com um gesto amplo do braço, conduziu-os em direção a uma sala mais íntima, no fundo da casa.

Teri ajeitou o casaco grosso nas costas da cadeira e olhou em volta de si com curiosidade.

— Este restaurante é grego? — perguntou após um instante.

Damien levantou a vista do cardápio e observou-a um instante em silêncio, como se não tivesse ouvido perfeitamente a pergunta.

— O que você disse?

— Eu perguntei se este restaurante é grego. É a primeira vez que eu venho aqui. Damien olhou em volta de si com uma certa indolência.

— Não deixa de ser uma imitação de uma taverna grega — comentou por fim. — Você já esteve na Grécia?

— Não, Nunca.

— Gostaria de ir lá?

— Lógico! Quem não gostaria? Você é grego?

— Meio a meio. Meu pai é grego, mas minha mãe é americana. Mamãe acha que eu sou parecido com o avô dela, um dos estadistas que assinou a Declaração da Independência.

— Você não parece um americano.

— Não?

— A não ser que seja no temperamento.

— Teimoso como uma mula — acrescentou ele com um risinho. O que você quer comer?

— Escolha alguma coisa para mim. Uma coisa leve, de preferência.

— Uma omelete?

— Ótima ideia.

Quando o garçom voltou com o aperitivo e dois copos pequenos, Damien fez o pedido. Em cima da mesa havia pratinhos de louça com azeitonas verdes e pretas, queijo cortado em quadradinhos, fatias de pão preto e bolas de manteiga. Havia também rodela de pepino e berinjela preparada no azeite.

— O que você quer como acompanhamento?

— Tem cogumelos? — perguntou Teri, dirigindo-se ao garçom que estava em pé ao lado da mesa, anotando os pedidos.

— Se não tiver, eu vou colher na horta — disse ele com um sorriso, mostrando os dentes muito brancos e perfeitamente alinhados.

— Você já conquistou o garçom — comentou Damien, depois que o rapaz se afastou em direção à cozinha. Então levantou o copo de bebida. — Saúde!

— O que é? — perguntou Teri, examinando a bebida com uma certa desconfiança.

— *Ouso*. É preparado com aniz, como o *Pernaud*,

— É muito forte?

— Experimente.

Ela levou o copo aos lábios e molhou a ponta da língua. Damien tinha razão. A bebida esbranquiçada tinha gosto de aniz e parecia inofensiva, à primeira vista. Teri serviu-se dos frios que estavam em cima da mesa e tornou a beber outro gole do aperitivo.

— Quer dizer que você queria ganhar na roleta para pagar as dívidas do seu pai? — perguntou Damien com uma entonação casual.

— Sim. Eu joguei com a sorte.

— E perdeu?

— Foi.

Ela tomou outro gole de *ouzo* e sentiu um calor gostoso circulando pelas veias, aquecendo as extremidades do corpo. Ao mesmo tempo, sentia-se mais segura diante do homem sinistro que a convidara para jantar. Afinal, ele não era tão sinistro quanto parecia à primeira vista. Ela estava muito nervosa quando saiu da mesa da roleta e foi por isso que reagiu com tanta rispidez ao convite de levá-la para casa de carro. No fundo, Damien tinha um sorriso aberto que inspirava confiança.

— Por que você fez isso?

— O que você queria? Não tinha outro jeito. Não podia perder tudo de braços cruzados, sem tomar nenhuma providência, sobretudo a casa onde moramos e que papai comprou com tanta dificuldade,

— Entendo.

— A morte súbita de papai foi uma tragédia, em todos os sentidos.

— Acredito. Eu também levei um choque quando fui informado do acidente.

— Como você soube?

— O advogado escreveu-me uma carta de participação. Eu embarquei logo que pude e tentei entrar em contato com sua mãe. Mas ela tinha partido em viagem. Resolvi procurar você pessoalmente. Passei em sua casa e a empregada me disse que você estava hospedada na casa de uma amiga.

— Pois é. Mamãe ficou inconsolável com a morte de papai e foi passar uns dias com a irmã.

— Foi você quem sugeriu essa viagem?

— Foi. Lá, pelo menos, ela tem alguém com quem desabafar.

— E seu irmão?

— Dick? Está terminando a faculdade.

— Onde você ficou hospedada nas duas últimas semanas?

— Não é da sua conta! — disse Teri impulsivamente. O tom paternalista da pergunta irritou-a profundamente.

— Desculpe.

— Fiquei na casa de uma amiga.

— A irmã do rapaz que estava com você no cassino?

— Não. Uma outra amiga. Por quê?

— Você namora com ele?

— Deus me livre! — exclamou Teri com uma risada. — Eu fiquei hospedada na casa de Shirley. Você não a conhece. Nós duas fomos colegas de faculdade. Jim foi comigo ao cassino porque as mulheres desacompanhadas não são bem-vistas por lá.

— Entendo. Quanto você perdeu, ao todo?

— Isso realmente não é da sua conta! — exclamou Teri com irritação, apanhando um cigarro na bolsa.

— Todas as suas economias, provavelmente. Sem falar no dinheiro que você pediu emprestado à gerência do cassino.

— O que você tem a ver com isso? — murmurou Teri, com os olhos brilhantes de indignação. — O dinheiro é meu e eu faço o que bem entender com ele! .

— Em suma, você está sem um tostão no momento...

— E daí?

— Não teria sido mais sensato guardar as economias no banco?

— Eu não sou uma pessoa sensata! Damien fingiu ignorar o comentário agressivo.

— Por que você não conversou comigo antes?

— Porque isso é problema meu — respondeu Teri, com obstinação. — Nesse ponto eu sou parecida com papai: aguento as consequências dos meus erros.

— Orgulhosa, impulsiva e bonita. Uma combinação perigosa.

Sem jeito diante do olhar de cobiça que Damien lhe lançou, como se estivesse sendo despida publicamente, Teri levou o cigarro à boca com um gesto nervoso. Antes porém que riscasse o isqueiro, Damien estendeu o braço e retirou o cigarro dos lábios dela com um movimento brusco da mão.

— Não fume à mesa.

— Porquê?

— Porque incomoda os outros.

— Nesse caso, você pode comer sozinho. Eu vou embora.

— Sente-se — disse Damien com a fisionomia fechada.

— Não, eu não vou ficar aqui nem mais um segundo!

— Não me obrigue a sentá-la à força na mesa. O que você prefere? Conversar educadamente ou passar vexame diante dos outros?

Era a primeira vez que alguém falava com Teri nesses termos. Ela arregalou os olhos para o homem que estava sentado à sua frente. Ele devolveu o olhar furioso sem pestanejar, o rosto duro e inflexível, a boca cerrada, as mãos crispadas em cima da mesa, como se estivesse pronto para segurá-la ao primeiro sinal de rebeldia.

— O garçom está vindo com a nossa comida — disse em voz baixa. — Comporte-se.

O rapaz colocou os pratos em cima da mesa com o gesto preciso de um malabarista de circo.

— Desculpe a demora — disse com amabilidade. — Os cogumelos

foram colhidos pessoalmente por mim no quintal da casa. Espero que estejam do seu agrado. A omelete foi frita com manteiga fresca de granja. Está ligeiramente mal passada, como os franceses gostam.

Teri foi obrigada a sorrir diante da cortesia do garçom.

— Muito obrigada. Você adivinhou meus pensamentos.

Fazia horas que ela não punha nada na boca e estava trêmula de nervosismo e de fome. A discussão com Damien não podia ter ocorrido num momento pior.

O garçom colocou uma fatia da torta no prato de Damien e abriu a garrafa de vinho branco que tinha vindo dentro de um balde de gelo. Após servir os dois copos, afastou-se cerimoniosamente, desejando bom apetite.

Teri apanhou o garfo e levou à boca um pedaço da omelete. Estava realmente divina e não desmentia em nada as palavras do garçom. Era uma perfeita omelete *baveuse*, segundo a melhor culinária francesa.

— Está bom? — perguntou Damien, ao ouvir o suspiro de satisfação que ela deu ao levar um segundo pedaço à boca.

Os cogumelos, refogados na manteiga, estavam brancos e tenros como se tivessem sido colhidos realmente na hora.

— Você me tirou o apetite. Eu nunca me senti tão humilhada na vida. Não devia ter vindo jantar com você.

— Eu entendo como você se sente — disse Damien, bebendo um gole de vinho. — Você é das tais que nunca apanhou em criança.

— Evidente que não! Papai era um homem civilizado, felizmente. Ele considerava o castigo corporal uma ofensa à dignidade humana.

— Eu imagino. Pobre Alex... Foi por isso que ele entrou pelo cano. — Ele olhou para o copo cheio até a borda. — Você não provou o vinho.

— Vou provar. O que você está comendo?

— *Tyropita*. Torta de queijo com verduras.

Ela levou o copo aos lábios e provou um gole, concentrando a atenção no sabor. O vinho era leve, picante e tinha um aroma seco, inconfundível.

— Que vinho é esse?

— Chama-se *Tkeotokis*. É feito na ilha de Corfu. Gostou?

— Muito. — Ela tomou outro gole — Por que você emprestou a papai aquele dinheiro? Você contava ficar com a editora?

Embora a pergunta fosse feita num tom casual, não podia ser mais ferina.

— Eu emprestei o dinheiro para ajudá-lo a sair de um aperto — disse Damien com a voz serena. — Não contava ficar com a editora nem com a casa em que você nasceu.

— Quando foi isso?

— Há uns seis anos. Encontrei seu pai em Nova York. Ele estava tentando vender ações da editora para uma companhia americana. Eu me ofereci para ajudá-lo. — Damien colocou o garfo em cima da mesa e bebeu um gole de vinho. — Ele não contou nada a você?

— Não.

— Há seis anos você era muito criança para interessar-se por esses assuntos. — Ele deu um sorriso com o canto dos lábios. — Sabe que idade você tinha quando eu a vi pela primeira vez?

— Não.

O olhar dele era tão intenso que ela abaixou a cabeça sem querer. Damien prolongou por alguns segundos o suspense, até que ela levantou de novo a cabeça e encarou-o no fundo dos olhos.

— Você tinha nove anos. Eu tinha vinte e um.

— Onde você me viu?

— Numa fotografia que Alex levava na carteira. Ele tinha um xodó especial por você e mostrava a fotografia a todos os conhecidos.

— Eu era medonha naquela época. Magra como um esqueleto e com duas tranças compridas, batendo nas costas.

— Para mim, você era uma beleza.

O olhar que Damien lhe dirigiu produziu um efeito inesperado. Todos os ossos do corpo pareciam estar se derretendo de prazer e ela sentiu o desejo ridículo de atirar-se nos braços dele e cobri-lo de beijos.

Em vez disso, bebeu um gole comprido de vinho para umedecer a garganta repentinamente seca.

— Onde vocês se conheceram? — perguntou por fim.

— Na casa de um arqueólogo alemão. Ele estava fazendo escavações na ilha de Sinos, perto da casa onde meu pai morava. Alguns anos mais tarde, o arqueólogo terminou o livro e procurou Alex com a intenção de publicar a obra na sua editora. Alex passou alguns dias hospedado em nossa casa, na ilha de Skios. Foi nessa ocasião que ele me prestou um grande favor. Na primeira oportunidade que surgiu, eu retribuí esse favor.

— Com o empréstimo?

— Exatamente.

— Com uma garantia, bem entendido?

— Lógico.

— Coitado do meu pai... Ele devia estar muito mal de vida para aceitar essa proposta.

— Por que você diz isso?

— Porque sua proposta levou a família à ruína.

— Eu não tenho culpa do que aconteceu em seguida. — Damien terminou de beber o vinho que estava no copo, afastou o prato da frente e debruçou-se em cima da mesa com os braços cruzados. — Vamos considerar a situação de um ponto de vista prático. Alex deixou ao morrer uma dívida de duzentas mil libras esterlinas. Certo? Teri balançou a cabeça lentamente.

— Certo.

— De acordo com o contrato assinado por seu pai, a casa e a editora foram as garantias dadas para o empréstimo. Certo?

— Sim, mas não está nada resolvido ainda. Eu não vou entregar os pontos tão facilmente quanto você imagina.

— O que você sugere?

— Fazer tudo o que estiver em meu poder para impedi-lo de se apropriar da casa e da editora.

O rosto dele abriu-se num sorriso de triunfo.

— Mas é isso exatamente o que eu desejo! Foi por isso que eu a convidei para jantar. Para acertar esse assunto amigavelmente...

— Como? — perguntou Teri, apanhada de surpresa.

Ela estava olhando fixamente para a boca de Damien. A forma a intrigava. Mudava de aspecto dependendo do sentimento que desejava expressar. As curvas dos lábios podiam ser sensuais, como agora. Ou ternas, se bem que alguns instantes atrás os lábios estavam cerrados de ódio. Como seria ser beijada por um homem assim? Ela piscou com nervosismo e procurou afastar esse pensamento da cabeça.

- Você ouviu o que eu disse? Ela sentou-se ereta na cadeira.
- Não. Eu estava pensando em outra coisa.
- Eu disse que você e eu podemos entrar num acordo e rescindir o contrato anterior.
- Que tipo de acordo?

Uma veia começou a palpitar na sua testa. Se Damien sugerisse serem amantes, ela atiraria o copo de vinho na cara dele, sem a menor hesitação. Feito isso, levantaria da mesa e sairia do restaurante sem voltar a cabeça para trás.

- Adivinhe.
- Não faço ideia.

Ela estava tão nervosa que quase ouvia as balidas do coração.

- Não mesmo?
- Vamos. Desembuche de uma vez!
- Eu estou disposto a anular o contrato que fiz com seu pai se você casar comigo.

Teri fitou-o boquiaberta, esquecida momentaneamente de seu propósito anterior de atirar o copo de vinho em cima dele.

- Você está brincando!
- Juro que não. Pensei seriamente no assunto antes de viajar para cá. Dessa maneira, sua família pode conservar a editora e a casa. Além disso, eu estou disposto a investir uma quantia substancial na editora, a fim de saldar as dívidas atuais.
- A troco do quê?
- De você aceitar minha proposta, é claro!

A cabeça dela estava girando. Damien era realmente muito mais perigoso do que tinha suposto inicialmente. Ela bebeu um gole de vinho e encarou-o no fundo dos olhos, sentindo imediatamente a força de sua atração. Se casasse com ele, teria tudo o que uma mulher deseja na vida: dinheiro, conforto, prestígio, sucesso. A oferta era, de fato, tentadora. Como podia recusá-la?

- Você já foi casado? — perguntou cautelosamente, para ganhar tempo.
- Não. E você?
- Eu ia casar há dois anos.
- E o que aconteceu?
- Meu noivo morreu num acidente de carro. — Ela deu um suspiro e abaixou a cabeça. — As

duas pessoas de quem eu mais gostei na vida morreram em acidentes de carro. Meu pai e meu noivo.

Levou a mão à boca para abafar um soluço. Estava começando a sentir-se enjoada e tinha a impressão de que as paredes e o teto estavam girando alucinadamente em cima de sua cabeça. Tudo parecia estar inclinado sobre ela, primeiro de um jeito, depois do outro. O castiçal em cima da mesa dançava entre a chama azul da vela. Avistou o rosto moreno na sua frente, observando-a atentamente. No mesmo instante sentiu uma contração na boca do estômago, como se fosse vomitar. A cabeça estava latejando terrivelmente. Levantou-se da mesa com as pernas tremulas, apanhou a bolsa em cima da cadeira e murmurou uma desculpa para ir ao banheiro. Atravessou vacilante a sala, desviando das mesas e das cadeiras, e dirigiu-se à porta da saída. Sua intenção era respirar o ar fresco lá fora.

OuvIU alguém chamá-la em voz alta, mas não se voltou. Continuou a andar tropeçadamente em direção à saída e tremeu de frio sob o golpe de vento que lhe bateu em cheio no peito. Flocos de neve caíam lentamente sobre a calçada e formavam um halo luminoso em torno dos postes de iluminação. As árvores estavam cobertas de uma penugem branca. Estava nevando e ela tinha saído do restaurante com o vestido decotado em cima do corpo. Voltou-se com a intenção de apanhar o casaco grosso de veludo quando esbarrou em alguém que vinha correndo no sentido contrário. Deu um grito quando recebeu uma pancada na cabeça e, no instante seguinte, mergulhou na inconsciência.

CAPITULO II

Teri acordou com o ruído da porta fechando. Abriu os olhos e viu a janela comprida, de formato antigo, dividida em quatro lâminas de vidro. Através da vidraça avistou o sol entre as ramagens. Era uma bola vermelha na altura do horizonte, parcialmente encoberta por nuvens ralas que passavam lentamente entre os galhos da árvore.

Tomou a fechar os olhos e virou para o lado, afundando preguiçosamente a cabeça no travesseiro. Sentia-se bem disposta e repousada como há muito tempo não acontecia. Tinha a impressão de flutuar sobre as nuvens de algodão. Lembrou-se, de repente, da neve que caíra na noite anterior. Estava nevando quando saíra do restaurante grego, onde jantara na companhia de Damien.

Então ergueu-se assustada e sentou-se na cabeceira da cama, olhando fixamente para as vidraças. A janela do seu quarto não dava para leste, mas sim para o norte, como lembrava perfeitamente. Não era possível avistar dali o nascer do sol. Por outro lado, o quarto onde dormia em casa de Shirley não tinha uma janela antiga como esta à sua frente, nem havia árvores, alias, no pátio da casa. Ela estava num quarto estranho, se bem que fosse extremamente confortável e luxuoso, com cortinas de veludo verde-claro caindo até o chão, e deitada numa cama de casal coberta com uma colcha pregueada de cetim. Onde estava? Como fora parar ali? Com a cabeça apoiada no travesseiro, viu o sol mudar lentamente de posição, enquanto as nuvens altas passavam do tom cor-de-rosa para uma tonalidade levemente alaranjada. A cabeça estava ligeiramente dolorida, embora se sentisse descansada após o sono profundo, e a secura na boca não era normal. Tomara algum comprimido para dormir sem saber?

Lentamente, como se tivesse receio do que podia estar por baixo, levantou a colcha com a ponta dos dedos. Estava vestida com um casaco de pijama azul-marinho, um pijama de homem, sem dúvida alguma. Era macio como seda e cobria-a até os joelhos. Tornou a abaixar a colcha pregueada e observou o quarto em volta. A mobília era clara, comprada provavelmente sob encomenda numa loja de primeira categoria. A penteadeira enorme tinha um espelho de três faces. A cômoda era bem alta e com diversas gavetas e o guarda-roupa ocupava quase toda uma parede. O quarto estava impecavelmente limpo e arrumado, como se a arrumadeira tivesse acabado de sair, após passar flanela em cima dos móveis e aspirador nos tapetes. Não havia nada fora do lugar, nem uma roupa atirada em cima da cadeira. Tornou a examinar a cama e notou que havia uma marca funda sobre o travesseiro ao lado, deixada provavelmente por uma cabeça, como se alguém tivesse dormido ali, sem ela perceber.

Imediatamente Teri foi tomada de pânico, o que destruiu no mesmo instante a sensação gostosa de bem-estar e de relaxamento que desfrutava até um minuto antes. Quem podia ser?

Virou-se para o lado e avistou duas peças de um tecido preto. Como tinha suspeitado, eram o casaco e a calça de um pijama. Na gola do casaco estava o nome do fabricante. Por fora, bordadas com linha de seda branca, as iniciais D.N., Damien Nikerios.

Teri arregalou os olhos e levou a mão à boca para abafar uma exclamação de surpresa. Ela não tinha sonhado. Dormira de fato na mesma cama que Damien na noite passada. E não apenas dormira como... A batida leve na porta despertou-a de seu devaneio.

Após enfiar o pijama preto embaixo da cama, puxou a colcha até o pescoço e aguardou com nervosismo a entrada do possível visitante. Novamente a mesma batida na porta, desta vez mais insistente. Teri não respondeu. Continuou deitada, imóvel, só com a cabeça de fora.

A porta abriu-se lentamente e uma mulher de meia-idade, de cabelos grisalhos, entrou no quarto na ponta dos pés, com uma bandeja na mão. Teri avistou de relance o bule e outros objetos que não identificou à

primeira vista. A mulher colocou a bandeja sobre a mesinha de cabeceira e voltou-se na direção dela.

— Bom dia! — disse com animação. — Dormiu bem? Está passando melhor?

— Estou, sim, muito obrigada.

— Seu café está aqui.

— Ah, que bom. Eu estava morrendo de vontade de tomar um café. Estou com a garganta seca. Você sabe onde está Damien?

— Ele está no andar de baixo, falando no telefone. Mandou perguntar se você gostaria de comer dois ovos quentes com torradas.

— Boa ideia. Eu vou querer, sim.

— Vou prepará-los e volto num minuto..

Depois que a empregada saiu, Teri ajeitou-se na cama e serviu o café preto, bem forte, que estava no bule. Bebeu lentamente o líquido quente e a sensação de secura na língua e na garganta passou na mesma hora. Serviu uma segunda xícara e ficou algum tempo pensativa, com as costas apoiadas na cabeceira da cama, procurando pôr em ordem seus pensamentos.

Pouco a pouco lembrou-se de tudo, nos menores detalhes. Lembrou-se de que saíra do restaurante grego sozinha, porque se sentira mal de repente, e que fora lá fora respirar o ar fresco da noite. Ao chegar na calçada, sentira frio e fizera meia-volta para apanhar o casaco grosso que deixara no restaurante. No instante seguinte esbarrara em alguém e sentira uma pancada forte na cabeça. Depois disso, perdera os sentidos.

Voltou a si no interior do carro. Damien estava sentado ao lado dela. A cabeça doía tanto que Teri não teve ânimo para abrir a boca e perguntar para onde estavam indo. Flocos de neve batiam no vidro do carro e os limpadores de pára-brisa pareciam girar no mesmo ritmo que as pulsações de uma veia na sua testa.

O carro parou finalmente e Damien desceu, abriu a porta do lado dela e ajudou-a a descer. Passou o braço em volta de sua cintura e conduziu-a cuidadosamente em direção à porta da frente. Atravessaram o *hall* iluminado e pararam um instante ao pé da escada.

— Você pode subir?

— Para onde?

— Para o quarto.

Ela balançou a cabeça negativamente.

Damien levantou-a no colo e transportou-a escada acima. Ela estava tão fraca que apoiou a cabeça no ombro dele e passou o braço em volta do seu pescoço. Damien levou-a diretamente ao quarto no fim do corredor. Ao chegar lá, colocou-a no chão.

— Eu estou enjoada.

Damien tomou a levantá-la nos braços e levou-a ao banheiro, onde ela passou mal, com enjoo e vômitos.

Como não tinha ânimo para retirar a roupa molhada, Damien ajudou-a a despir-se e lhe deu o casaco de pijama. Em seguida, deitou-a na cama e cobriu-a com a colcha.

Ela estava se sentindo tão mal que pedira a Damien para lhe fazer companhia. Damien atendeu o pedido e deitou-se ao lado dela na cama de casal. Vencida pelo sono, Teri adormeceu quase imediatamente.

No meio da noite, sonhou com David, seu primeiro namorado, com quem tinha a intenção de casar logo depois que terminasse a faculdade. Aquele sonho se repetia frequentemente, com pequenas variantes, desde o dia em que David morrera num desastre de automóvel.

Ela sonhava que David estava deitado ao lado dela numa cama de casal. Entretanto, bastava estender os braços para estreitá-lo contra o corpo que David desaparecia repentinamente e ela acordava sobressaltada, com uma impressão horrível de angústia.

Naquela noite, porém, foi diferente. Ela sonhou de fato que David estava dormindo ao lado dela mas, ao contrário das outras vezes, quando murmurou o nome dele em voz baixa, ouviu alguém responder:

— Eu não sou David. Eu me chamo Damien.

Sem abrir os olhos, num estado de semi-inconsciência, Teri estendeu o braço e sentiu na palma da mão as batidas regulares do coração de alguém. Desceu a mão sobre o peito, alisou os pêlos crespos, acariciou a cintura macia com as pontas dos dedos, enquanto murmurava o nome do namorado em voz baixa.

— David, meu querido. Não vá embora. Fique comigo. Abrace-me, aqueça-me. Não vá embora!

Ela temia que David desaparecesse de um instante para o outro, como acontecia nos outros sonhos, mas dessa vez foi apertada por dois braços fortes.

— Eu não vou embora — disse a voz ao seu lado.

— Ah, que bom!

No instante em que ela afundou a cabeça no peito dele, acordou sobressaltada e deu de cara com Damien. Podia reconhecê-lo perfeitamente, mesmo na penumbra do quarto.

A surpresa foi tão grande que ela deu um grito de susto.

— Damien! O que você está fazendo aqui?

— Foi você quem me pediu para dormir aqui. Não lembra mais? Ela passou a mão no rosto para afastar o sono que pesava nos olhos.

— Você estava falando sério?

— Quando?

— No restaurante.

— Seríssimo.

Teri levantou a cabeça do travesseiro e fitou-o no fundo dos olhos.

— Por que você quer casar comigo?

— Porque eu gosto de sua maneira de ser — respondeu Damien, correndo os dedos pelos botões do pijama, como se fosse soltá-los. — Você é jovem, bonita, elegante.

— Isso não é razão para alguém casar.

O caior do corpo dele derretia seus ossos. Ela aninhou-se nos braços dele e percorreu com a ponta dos dedos as saliências do rosto, desenhou a curva angulosa dos lábios, do queixo, do nariz.

— Para mim, é. Você aceita meu pedido?

Ele soitou o primeiro botão do pijama. A pele dela estava pegando fogo sob os dedos compridos.

— Você vai me seduzir? — perguntou Teri com um arrepio, enroscando-se contra o corpo dele no instante em que a mão de Damien cobriu seu seio. — Vai?

— É você que está me seduzindo! — exclamou Damien com uma risada. — Você aceita ou não?

— O quê?

— O quê! Casar comigo?

— Só se você me beijar.

O beijo foi tão apaixonado que não havia mais retomo possível. Eles se abandonaram voluptuosamente à sensualidade que os envolvia, perderam o contato com a realidade, mergulharam de olhos fechados nos abismos profundos do prazer físico, até que o êxtase final trouxe-os de volta lentamente ao mundo de todos os dias.

Teri deu um suspiro fundo de bem-estar e de contentamento nos braços de Damien.

— Você não respondeu ainda. Você quer casar comigo?

— Quero, quero.

Ao voltar a si do seu devaneio, Teri colocou a xícara vazia na bandeja, levantou-se da cama e foi até a janela que dava para o jardim. O pátio interno da casa era separado da rua por um muro de tijolos. A árvore que ela tinha visto da cama era um olmo, um dos poucos exemplares que tinha sobrevivido à praga que atingira muitos pés, numa certa época. O parque que avistava ao longe era uma extensão do Hyde Park, um dos jardins mais belos de Londres.

De quem era aquela casa? Pertencia a Damien ou a algum parente? Teri sabia que Stephanos Nikerios, o pai de Damien, era um dos homens mais ricos da Grécia. Possuía casas em Monte Carlo, na Flórida, na Califórnia, sem falar no palacete onde morava em Skios, a ilha grega de sua propriedade.

Teri sentou-se na beira da cama e serviu-se de outra xícara de café.

— Posso entrar? — perguntou a criada do corredor.

— Entre.

Dessa vez havia torradas, ovos quentes, geléia, queijo e manteiga em cima da bandeja que a empregada colocou na mesinha de cabeceira.

— Eu trouxe um roupão para você vestir — disse a mulher, colocando em cima da cama um penhoar vermelho, de um tecido quase transparente.

— Seu vestido está manchado e eu o mandei para a lavanderia.

— Ah, muito obrigada. Damien está lá embaixo?

— Ele saiu. Mandou dizer que vai estar de volta lá pelo meio-dia. Você precisa de alguma coisa?

— Não. Nada. Esse parque que a gente avista da janela é o Hyde Park?

Teri queria ter certeza de sua localização. Talvez pudesse telefonar para Shirley e lhe pedir que lhe trouxesse uma roupa para vestir.

— É. Você mora perto daqui?

— Não. Eu moro no outro lado da cidade. Por falar nisso, eu não sei ainda o seu nome.

— Eu me chamo Esther. Sou a copeira e meu marido é o motorista.

— Esta casa, de quem é?

— Do cunhado de Damien — disse a empregada, dirigindo-se à porta.

— Se você precisar de alguma coisa, basta tocar a campainha. Eu vou descer para preparar o almoço. Até mais tarde. Fique à vontade.

— Até logo, Esther. Muito obrigada por tudo.

A empregada sorriu da porta, com os olhos brilhantes.

— A minha patroa vai ficar contente com a notícia.

— Que notícia?

— Do casamento, ué!

Teri continuou olhando alguns segundos para a porta branca depois que a empregada saiu. Em seguida, ajeitou-se na cabeceira da cama e comeu as torradas e os ovos quentes que estavam no prato.

Ao recordar o que tinha sucedido na noite anterior, ela sorriu, sem jeito. Damien fora muito esperto ao pedi-la em casamento no momento oportuno, enquanto ela estava com a cabeça tonta do amor que tinham feito. Muito inteligente também ao contar à copeira que os dois iam casar em breve. Com isso salvara as aparências.

A menos que tudo isso fosse um sonho! Quem sabe ela continuava dormindo? Só havia uma maneira de tirar isso a limpo: era telefonar para Shirley. A campainha tocou algumas vezes antes que alguém atendesse.

— Atô? — disse por fim uma voz ofegante de mulher.

— Shirley? Sou eu, Teri. Como vai, querida?

— Ah, sua bandida! — exclamou Shirley. Teri afastou automaticamente o fone do ouvido. — Onde você está? Que fim levou? Nós batemos a cidade inteira à sua procura!

— Eu estou numa casa enorme, perto do Hyde Park.

— O que você está fazendo aí?

— Depois eu conto.

— Sua mãe telefonou ontem à noite para ter notícias. Ela queria saber se você estava bem. O que eu podia responder? Que você tinha desaparecido e que ninguém sabia seu paradeiro?

— Escute, Shirley, vamos conversar com calma mais tarde. Eu tenho um grande favor a lhe pedir. Será que você podia dar um pulo aqui e trazer uma roupa para mim? Eu manchei o vestido que estava usando e mandei-o para a lavanderia. Estou absolutamente nua. É por isso que não posso sair daqui.

— Virgem! O que aconteceu com você, menina?

— Uma confusão medonha.

— Quando Jim me contou que você tinha ficado sozinha no cassino, eu logo imaginei que alguma coisa ia acontecer.

— E aconteceu mesmo.

— Por que você não voltou com Jim?

— Eu quis tentar a sorte uma última vez, mas não deu pé. Por favor, Shirley, vamos conversar sobre isso mais tarde. Agora eu só lhe peço esse grande favor. Traga uma roupa para mim. Uma saia e blusa. Qualquer uma. Pelo amor de Deus! Eu estou nua.

— Espere um minuto! Os gêmeos invadiram a cozinha e estão jogando tudo pelo chão. Ponha isso em cima da pia, Timmy! Não. Aqui não é lugar de brincadeira!

Teri ouviu a ligação ser interrompida e o ruído habitual de discar. Fez uma careta de desânimo e colocou o fone no gancho. Shirley tinha que cuidar dos filhos antes de socorrer uma amiga em necessidade. De qualquer maneira, esclarecera uma dúvida. Shirley também estava preocupada com seu sumiço de casa. Logo, não estava sonhando.

Teri terminou de comer as torradas com queijo ralado e examinou mais uma vez o quarto confortável onde passara a noite. Ouvira dizer que Stephanos Nikerios estava casado pela segunda ou terceira vez. Qual das três mulheres era a mãe de Damien? Sabia muito pouco a respeito da vida

conjugal de Stephanos, a não ser que ele se divorciara de uma cantora de cabaré e que fizera fortuna graças ao casamento com uma mulher riquíssima, herdeira de um poderoso império marítimo.

Teri lembrou-se de uma conversa que ouvira há alguns anos, à mesa do almoço, entre o pai e a mãe.

— Sabe quem casou? — perguntou Alex, servindo-se de uma fatia de rosbife com molho apimentado.

— Quem?

— O nosso querido Arthur.

— Ah, é? — exclamou Bridget, surpresa. — Com quem?

— Com uma ex-cantora de boate. A bela e encantadora Marilyn Merrill.

— Não me diga! A ex-mulher de Stephanos Nikerios?

— A própria.

— Que marota! — comentou Bridget com uma risada. — Ela podia ser a filha de Stephanos. Casou apenas por dinheiro, aposto. Ah, essas moças de hoje! O que elas não fazem por dinheiro?

— Vai ver que dessa vez ela casou por amor — disse Alex, com um risinho irônico. — Quem sabe ela não se regenerou?

Ela também ia casar por dinheiro, pensou Teri, dirigindo-se ao banheiro. A única diferença é que agia assim para saldar as dívidas contraídas pelo pai. Mas isso era uma desculpa? Fosse ou não fosse, ela dera sua palavra e agora tinha que aceitar a realidade, abaixar a cabeça e esquecer-se das ilusões que mantinha a respeito do amor. Entraria num acordo com Damien e faria questão absoluta de que houvesse um contrato por escrito, para evitar mal-entendidos no futuro. Como Damien não tinha cara de ser um marido fiel, ela precisava prevenir-se desde já. Com um contrato na mão ele não podia alegar mais tarde que ignorava as condições do casamento.

Depois de lavar os cabelos e enxaguá-los com creme rinse, Teri saiu do banho e embrulhou-se na toalha verde que estava pendurada no cabide.

Ao voltar para o quarto, sentou-se diante da penteadeira e fez duas tranças compridas, que prendeu nas pontas com uma fita preta que encontrou na gaveta. Vestiu o robe vermelho que a empregada lhe dera e saiu à procura de sua bolsa. Onde a deixara? Procurou por toda parte e não a encontrou. Impaciente para fumar um cigarro, o maço estava dentro da bolsa, Teri tocou a campainha e foi até a janela, aguardando que Esther aparecesse ou a chamasse do quintal.

As nuvens ralas estavam sendo empurradas pelo vento em direção ao norte e a neve que caía na véspera tinha se derretido aos primeiros raios do sol de primavera. Algumas plantas no jardim estavam cobertas de botões.

— Posso entrar?

— Entre.

Esther, como sempre, batia na porta antes de entrar.

— Você me chamou?

— Você viu minha bolsa? Ela é preta e tem o fecho dourado.

— Não, não vi. Ela não está aqui?

— Eu já procurei por toda parte.

— Mas não vi nenhuma bolsa no andar de baixo. Quem sabe você a deixou no carro?

— Ah, pode ser.

— Quando Damien voltar, eu vou perguntar se ele achou.

— Isso mesmo. Talvez ele saiba. Desculpe, Esther, por incomodá-la à-toa.

— Não tem nada. Se precisar de alguma coisa, toque a campainha. Eu estou aqui para isso.

— Muito obrigada.

Depois que a empregada saiu, Teri tornou a sentar-se diante da penteadeira e mirou-se um instante, com a fisionomia pensativa. Sem a bolsa não podia fumar nem se pintar. As duas tranças que tinha feito davam-lhe aparência mais jovem. Com esse penteado parecia ter menos de vinte e três anos.

Quando tinha nove anos, Damien tinha vinte e um. Isso significava que Damien tinha uma experiência muito maior que ela, não só de contatos humanos como da vida em geral.

David, seu primeiro namorado, era apenas seis meses mais velho que ela e Teri o conhecia desde criança. Se David estivesse vivo, os dois estariam casados há dois anos e teriam filhos,

provavelmente. David porém morrera estupidamente num acidente de automóvel e, a partir de então, ela nunca mais fora a mesma pessoa alegre e animada de antes.

Deu um suspiro e debruçou-se na janela do quarto. Sem a bolsa, não tinha cigarros para acalmar os nervos tensos. Precisava conversar com alguém para se distrair. Quem sabe Shirley estava mais livre agora e podia lhe dar mais atenção dessa vez?

Apanhou o telefone em cima da mesinha da cabeceira e discou o número da amiga. Shirley atendeu ao primeiro toque da campainha, como se aguardasse o telefonema.

— Alô?

— Sou eu.

— Ah, que bom você ter telefonado. Eu estava começando a ficar nervosa com a demora. O que você está fazendo?

— Acabei de sair do banho. Shirley deu uma risada.

— Você não tem jeito! Eu aqui, lutando com esses dois demônios, e você calmamente tomando um banho de imersão. Conte logo! O que você está fazendo aí? De quem é essa casa?

— Depois eu explico. Dou minha palavra.

— Meu Deus, quanto mistério! Você vai me deixar com a pulga atrás da orelha.

— Você vai trazer minha roupa?

— Olhe, querida, eu deixei o carro na oficina.

— Você não pode pegar um táxi?

— E quem vai tomar conta das feras?

— Ué, venha com eles.

— De táxi? Você está louca! Nem sonhando. Eles são uns demônios, menina. Você não sabe o que é sair com esses dois!

— Você não pode deixá-los com a vizinha?

— Ela saiu. Por que você não pede uma roupa emprestada?

— A quem? Ao dono da casa?

— A empregada, ué!

A maçaneta da porta abriu lentamente e Damien apareceu no vão da porta com dois embrulhos na mão. Ele fechou a porta atrás de si com o pé e aproximou-se da cama.

— Teri, você ouviu o que eu falei? — perguntou Shirley do outro lado da linha.

— Ouvi, Shirley. Eu vou fazer o que você sugeriu. Vou desligar agora. Estão me chamando. Adeus, querida. A gente se fala mais tarde.

Teri desligou o telefone e voltou-se para Damien. Ele tinha colocado as caixas em cima da cama e estava com a bolsa preta na mão.

— Olhe o que você esqueceu no carro.

— Minha bolsa! Que susto eu levei. Eu pensei que tivesse esquecido no restaurante.

Teri abriu sofregamente o fecho dourado e retirou de dentro da bolsa o cobiçado maço de cigarros.

— Eu preferia que você não fumasse aqui — disse Damien com a voz glacial. — Aliás, eu preferia que você não fumasse nunca.

— Agora é tarde — disse Teri, dando uma tragada comprida e soltando a fumaça lentamente pela boca entreaberta.

Os olhos dele estavam frios como gelo e a curva do lábio expressava nojo. Não havia nenhuma ternura no olhar que lhe dirigiu. Pelo contrário, ele dava a impressão de ser quem de fato era: um grego oportunista que não perdia a ocasião de fazer um bom negócio. No fundo, ela sabia disso desde o começo, mas se deixara seduzir por sua conversa insinuante.

— Por que você fuma?

— Eu não fumo muito — desculpou-se Teri, sem jeito. — Só quando estou nervosa.

— Você está nervosa?

— O que você acha? Acordar numa cama estranha, numa casa desconhecida, sem nenhuma roupa para vestir.

— Você tem roupa agora — disse Damien, apontando para os embrulhos que estavam em cima da cama. — Comprei dois vestidos para você usar aqui.

— Não era preciso. Eu tenho roupa de sobra em casa.

— Sei disso, mas eu queria lhe fazer uma surpresa. Como você está se sentindo?

— Melhor. Foi aquele vinho que tomei ontem. Eu não estou acostumada a misturar duas bebidas. Como se chama mesmo aquele aperitivo com gosto de aniz?

— *Ouzo*.

— Pois é. *Ouzo* e vinho branco não combinaram muito bem.

Ela deu uma tragada e olhou de relance para Damien. De costas para a janela, ele tinha a pele mais escura que na noite anterior. O terno de casimira inglesa caía impecavelmente nos ombros e fora feito provavelmente no melhor alfaiate de Londres. O casaco era ligeiramente acinturado, sem ser apertado demais, contudo. Com a mão no bolso do paletó, ele aguardava pacientemente que Teri se levantasse da cama e experimentasse o vestido.

— Agora eu já sei. Da próxima vez vou pedir vinho tinto. Ela ignorou a ironia do comentário.

— Você queria me embriagar?

— Por que eu faria isso?

— Para me ter em seu poder, ora!

Ele inclinou a cabeça para trás e deu uma gargalhada bem-humorada, ligeiramente teatral, como se sentisse prazer em soltar o ar pelos pulmões.

— Você é uma graça! Tem uma imaginação fantástica. É pena que você esteja completamente enganada. Eu não tinha a intenção de embebedá-la. Simplesmente achei que você estivesse acostumada a misturar bebidas. Não podia imaginar que um inocente aperitivo fosse ter esse efeito. — Ele fez uma pausa e mudou de inflexão. — Por falar nisso, você lembra de tudo o que aconteceu ontem à noite?

— Mais ou menos. Lembro que me senti meio enjoada no fim do jantar e que saí do restaurante para respirar o ar fresco lá fora. Tudo girava à minha volta, como se eu fosse ter uma vertigem. Depois eu me lembro vagamente de ter esbarrado em alguém que vinha na direção contrária.

— Você não esbarrou em alguém — corrigiu Damien. — Você foi assaltada na porta do restaurante por um trombadinha!

— Não!

— Ele lhe deu uma pancada na cabeça e arrancou a bolsa de sua mão.

— Nossa Senhora! Não é possível!

— Eu corri atrás dele e consegui alcançá-lo. Fomos os dois parar na polícia.

— Virgem Santa! Que confusão danada. Você correu atrás de um trombadinha?

Repentinamente Teri simpatizou com o pobre assaltante, que devia ter passado um mau momento nas mãos fortes e impiedosas de Damien. Não era à-toa que ele tinha os ombros largos e a musculatura de um atleta.

— Eu já fui corredor — comentou Damien com naturalidade. — Você lembra de quando entrou em casa?

— Vagamente. — Ela corou e afastou a cabeça sem jeito. — Lembro que você me carregou no colo, me ajudou a despir e me pôs na cama.

— Mais nada?

Ela deu uma última tragada no cigarro e olhou em volta à procura do cinzeiro. Damien estendeu o braço e apanhou um pratinho de porcelana que estava em cima da cômoda.

— Use isso.

Teri apagou o cigarro e ajeitou-se na cabeceira da cama.

— Lembro que você deitou junto comigo. Eu devo ter adormecido pouco depois, porque tive um sonho incrível.

— Com alguém chamado David?

Damien apanhou o pratinho de porcelana que cheirava a fumo e colocou-o de volta em cima da cômoda.

— É — disse Teri em voz baixa, com a fisionomia repentinamente triste. — Com David.

— Quem é?

— Meu noivo.

Ela levantou-se da cama e foi até a janela, onde se desbruçou, de costas para ele. Queria distância de Damien. David era uma lembrança muito querida para ser comentada com um estranho. A neve que caíra na noite anterior formava poças azuladas entre as pedras do jardim.

— Foi David que morreu num acidente de automóvel?

— Foi.

— Entendo.

Ela voltou-se e encarou-o de frente.

— Por que você me trouxe aqui?

— Porque você estava enjoada e com dor de cabeça. Eu não podia deixá-la em qualquer lugar, no meio da noite. E não tinha o endereço de sua amiga.

— Mas você não precisava ter me deitado neste quarto — insistiu Teri.

— Era o único quarto da casa que estava com a cama arrumada. Eu não ia acordar a empregada àquela hora para fazer a cama do quarto de hóspede. Sem falar que você não estava em condição de aparecer diante da empregada.

— Concordo. Mas você não devia ter dormido aqui.

— De fato, não devia. Mas você insistiu para eu ficar e eu não costumo recusar um convite desse tipo, muito menos partindo de uma mulher desejável.

Sentando na beira da cama, com um tufo de cabelos caindo sobre a testa, a mão enfiada displicentemente no bolso do paletó, Damien era mais irresistível do que Teri supunha inicialmente.

— Quer dizer que não foi sonho?

— Não, não foi. Aconteceu na realidade. Você me procurou no meio da noite e eu atendi ao seu desejo.

Teri continuou a encará-lo fixamente, passando em revista os acontecimentos da véspera. Algumas imagens eram tão vivas e tão recentes que deixaram sua pele arrepiada.

— Você agiu muito mal — disse por fim. — Você me seduziu. Isso não se faz.

— Você também me seduziu — disse Damien, aproximando-se da janela. — Você queria e eu queria também. Foi espontâneo e muito agradável e isso poderá se repetir muitas e muitas vezes, no futuro. Lembre-se de que você aceitou casar comigo.

— Eu me lembro perfeitamente — disse Teri com frieza, afastando o rosto. Passou por ele e dirigiu-se à cama, onde estavam os embrulhos de roupas. — Precisamos conversar sobre isso com calma.

Ela retirou o papel de seda que forrava a caixa e apalpou o tecido. O vestido de malha tinha o ponto bem apertado. A blusa era de mangas compridas e a saia rodada em volta da cintura. Teri despiu o roupão vermelho e passou o vestido por cima da cabeça. Em seguida, aproximou-se de Damien e lhe pediu para fechar o zíper nas costas.

No instante em que os dedos dele roçaram sua nuca, ela afastou-se com um arrepio na espinha.

— O que foi? Sentiu cócega?

— É.

Ela parou diante da penteadeira e mirou-se demoradamente no espelho de três faces.

— Gostou?

— É lindíssimo! Deve ter custado uma nota.

De repente ocorreu-lhe que Damien já presenciara a mesma cena antes, com dezenas de mulheres.

— Onde você o comprou?

— Na primeira loja que achei — disse Damien indo até a cama, de onde voltou com um casaco de pele na mão. — Experimente este aqui.

Teri enfiou os braços nas mangas amplas do casaco e o forro de seda afagou sua pele como uma carícia. O casaco era de mana, numa bela tonalidade castanha, e tinha o corte bem moderno. Acentuava as curvas do corpo e a gola funda emoldurava à perfeição seu rosto oval.

— Fica bem em você — disse Damien, examinando-a de alto a baixo. — Só que não combina com essas tranças que você fez. Você parece muito criança com esse penteado e eu não quero ser acusado mais tarde de corruptor de menores.

Teri soltou a fita que prendia uma das tranças e, no mesmo instante, os cabelos caíram livremente sobre os ombros. Após ter soltado a outra trança, balançou a cabeça para acertar as pontas sobre a gola do casaco de pele.

— Agora você está com cara de gente — disse Damien com um sorriso. — Os cabelos soltos refietem sua personalidade rebelde.

— O que você quer? Eu tenho que pensar no futuro. Sei como os homens são. Vai chegar o dia em que você se cansará de mim, e adeus. E aí? O que eu vou fazer da minha vida?

— Entendo o seu ponto de vista. Todas as mulheres pensam da mesma forma. Elas desejam antes de mais nada a segurança.

— Exatamente.

O clima de tensão que havia entre os dois começou a produzir seu efeito sobre os nervos sensíveis de Teri. O tom agressivo das palavras dele calou fundo em seu coração.

— Está bem — disse Damien, apoiando-se no espelho da penteadeira. — Vamos fazer um contrato por escrito. Você vai receber uma mesada enquanto estiver casada comigo. Em caso de divórcio, a quantia será depositada em seu nome, num banco. São essas as condições que você deseja?

— São.

Era degradante discutir o casamento nestes termos, mas não havia outro jeito. Afinal, nenhum dos dois confiava no outro e o amor, até mesmo o simples afeto, estava excluído daquele contrato.

— Eu também tenho algumas condições que gostaria de incluir nesse contrato — acrescentou Damien, após uma pausa.

— Quais são?

— Primeira: se tivermos um filho, ele ficará sob meus cuidados no caso de nos separarmos. Segunda condição: eu quero que você seja mulher em todos os sentidos da palavra, que vá comigo para toda parte que more na mesma casa que eu.

— E meu trabalho? Eu não posso largar meu trabalho de uma hora para a outra, sem mais nem menos.

— Não há outro jeito. Você vai morar comigo. Eu não quero saber dessa história do marido morar numa cidade e a mulher numa outra. Nesse caso, prefiro continuar solteiro.

— Mas eu tenho meus compromissos.

— Seu compromisso agora é comigo. Você tem tempo ainda para decidir. Lembre-se, porém que, se você não casar comigo, adeus editora e casa de seu pai.

— Por que você não aceita também minhas condições, bolas? É só você que pode impor as suas? Por que você não cede uma vez na vida?

— Quando eu decido uma coisa, não volto atrás — disse Damien com frieza. — Não adianta insistir.

— Nem mesmo quando essa atitude conduz inevitavelmente ao desastre?

— Ah, agora você abriu o jogo! — exclamou Damien com uma risada — Seu desejo íntimo é que nosso casamento seja um fracasso, só assim você terá motivo para exigir o divórcio, não é mesmo? Mas você esta completamente enganada. Nosso casamento não será um fracasso, porque eu vou fazer tudo para que não seja. Está claro agora? O que você decide?

— Preciso responder nessa correria?

— Eu já esperei demais.

Era impossível voltar atrás depois do que se passara entre os dois. A única solução era aceitar o processo como inevitável e irreversível.

— Aceito sua proposta.

— Ótimo.

Afinal, era uma aposta que fazia, como na mesa da roleta. Ela tinha esperança de sair ganhando, de acabar impondo sua vontade à dele. Antes de mais nada, faria o possível para evitar os filhos. Damien se cansaria de viver com uma pessoa que o rejeitava sistematicamente e acabaria cedendo. A única coisa importante no momento era obter um contrato por escrito que anulasse as dívidas contraídas por Alex antes de morrer.

— Quando será o casamento?

— O quanto antes.

— Diga uma data — insistiu Teri, tentando calcular mentalmente o tempo que tinha para elaborar um plano de ação.

— Daqui a uma semana está bom?

— Está.

— Você vai convidar sua mãe?

— Não. Acho preferível notificar o fato consumado. E você? Vai convidar alguém da família?

— Meu pai está muito velho para viajar e minha mãe está fora. — Damien dirigiu-se à porta do quarto. — Vamos almoçar?

— Eu me visto num minuto.

— Estou esperando por você lá embaixo. Depois do almoço podemos passar no escritório do advogado para redigir o contrato.

— Boa idéia.

Damien abriu a porta e saiu no corredor. Teri afundou na beira da cama e cobriu o rosto com as mãos. Estava exausta, como se tivesse lutado fisicamente com um gigante. Vencera em parte a partida. Damien concordara em redigir o contrato que salvava a editora e a casa onde nascera. Devia estar se sentindo triunfante com seu desempenho, mas não estava, nem um pouco. Pelo contrário. Sentia-se mais sozinha e deprimida do que nunca.

CAPÍTULO III

No meio do mar cinzento, recortado contra o céu manchado de púrpura e de ouro, a ilha de Skios surgiu negra e misteriosa no horizonte. Debruçada na proa do iate de Stephanos Nikerios, ouvindo o ronco forte do motor no porão, Teri aguardava com ansiedade o momento do desembarque.

Na manhã daquele dia tinha alterado deliberadamente o curso de sua vida ao assinar o contrato segundo o qual se tornava a esposa legítima de Damien Nikerios. Agora, algumas horas mais tarde, estava a caminho da casa do sogro, um homem igualmente rico e poderoso. Com as mãos crispadas sobre o parapeito do iate, Teri viu a aliança brilhar sob os raios do sol com uma espécie de horror. O que tinha feito? Que loucura a levava a casar-se com Damien e a romper com todas as amizades antigas? Abandonar seu país de origem para ir morar numa terra estranha, sabe Deus por quanto tempo, da qual ignorava praticamente tudo, inclusive a língua?

Ela empalideceu repentinamente ao recordar a reação da mãe. Depois da cerimônia civil realizada naquela manhã, Teri telefonou para Bridget a fim de explicar o que tinha acontecido e por que agira daquela forma.

— Você devia ter me consultado antes! — exclamou Bridget com a voz aflita. — Por que fez segredo para mim, filha?

— Por que eu sabia que você seria contrária ao casamento — respondeu Teri, procurando manter a voz serena. — Nesse caso, Damien ficaria com tudo. Com a editora, com a casa que papai custou tanto a comprar. Eu não queria que isso acontecesse.

— Mas podíamos ter encontrado outra solução — insistiu Bridget.

— Qual? Eu também pensei nisso e não me ocorreu nenhuma outra. Não havia alternativa. Era aceitar o casamento ou perder tudo. Damien foi inflexível nesse ponto.

— Como você teve coragem de casar com ele nessas condições? Isso é uma loucura, filha!

— Eu sei que é. Mas não havia outro jeito. Nós assinamos um contrato. Eu estou bem protegida.

— O quê? — exclamou Bridget, sem esconder sua indignação. — Você não tem vergonha de ter agido assim? Foi isso exatamente o que a mãe dele fez quando casou com Stephanos Nikerios. Ela era uma cantora de boate, segundo ouvi dizer. Você não entende que isso é uma coisa que depõe contra você? Você se vendeu a esse homem! O que seu pai diria se soubesse?

— Escute, mamãe, vamos ser realistas. Para início de conversa, foi papai quem criou toda essa confusão. Se ele não tivesse.

— Não vamos comentar isso agora. Deixe seu pai em paz.

— Está bem. Desculpe. Eu só queria que você entendesse o motivo que me levou a agir assim. Eu fiz isso por você e por Dick e tenho certeza de que vai dar tudo certo no fim. Pode crer. Damien assinou um contrato segundo o qual as dívidas de papai estão quitadas por esse casamento. Eu vou

embarcar hoje à tarde para a Grécia e vou morar alguns dias em Skios, a ilha do meu sogro. Damien também tem um chalé lá, vizinho à casa do pai. Você vai nos visitar um dia?

— Eu? Você está louca! Nem sonhando.

— Por quê, mãe?

— Porque eu não aprovo esse casamento.

Damien entrou nesse momento no quarto e Teri apressou o fim da conversa.

— Ah, não seja intolerante!

— Eu não vou visitá-la enquanto você estiver casada com esse homem. Não insista!

Durante a viagem de avião, Damien perguntou casualmente a Teri como Bridget reagira à notícia do casamento. Teri deu uma resposta evasiva. Felizmente Damien não insistiu em saber detalhes. Aliás, os dois pouco conversaram durante a maior parte da viagem. Teri estava muito acabrunhada com a reação da mãe para ter vontade de se abrir com o marido. Esse, por sua vez, parecia absorto em algum problema que o preocupava no momento e não puxou conversa. Foi somente quando desceram em Atenas, no início da tarde, e que tomaram o carro em direção ao cais é que Teri voltou a interessar-se pelas coisas em volta e olhou com admiração para os monumentos históricos que avistava através da janela do táxi, especialmente o bellissimo templo de Apoio, com as colunas de mármore banhadas pelo sol da tarde.

O ruído do motor diminuiu sensivelmente quando o iate se aproximou do cais e o piloto manobrou para passar por entre as bóias vermelhas que indicavam a entrada do canal.

A tarde estava escurecendo rapidamente. A luz crepuscular, a água da baía tinha a cor de anil, com reflexos avermelhados do poente. As montanhas que cercavam a enseada acentuavam as sombras na faixa litorânea. Na entrada do porto havia dezenas de barcos de pesca, pintados de cores vivas, entre as quais predominavam o laranja, o azul e o verde. Teri avistou ao longe a silhueta de um forte antigo, próximo ao moinho de vento que coroava o alto do morro. Na frente do cais corria uma fileira de casas pequenas, sobradinhos na maioria, de formato retangular, com pequenos terraços no alto, que serviam algumas vezes de implúvio, cisterna onde os moradores recolhiam a água da chuva. A maior parte dos sobrados estavam caiados de branco, ou cor-de-rosa, com portas e janelas azuis ou verdes.

O iate dirigiu-se ao ancoradouro onde os homens da tripulação desceram à terra e amarraram o casco com cordas grossas. Damien chamou Teri em voz alta no alto do convés. Ela se afastou com relutância do parapeito e acompanhou-o em direção à escadinha que levava ao cais de pedras.

Ninguém diria que os dois estavam casados há algumas horas apenas. Havia um clima de tensão e de ressentimento no ar, que aumentava com a passagem das horas.

— Vamos descer?

Teri caminhou lentamente na sua direção.

— Já chegamos?

— Você preferia ficar no iate? — perguntou Damien com frieza.

— Talvez.

Ela virou as costas e desceu a escada em direção ao cais.

— O que você tem?

— Nada. Por quê?

— Está de cara amarrada há várias horas. Eu gostaria de saber o motivo.

— Eu estou sempre com essa cara. É bom você se habituar. Eu não tenho outra.

Damien ouviu o comentário em silêncio, com a atenção voltada para os dois carregadores que levavam as malas num carrinho.

— Que cheiro gostoso! — exclamou Teri, ao receber no rosto o perfume forte que vinha do morro. — Reconheço o aroma dos pinheiros e dos eucaliptos. Mas há outros que não conheço. O que mais dá aqui na ilha?

— Laranja, limão, azeitona, uvas, além de uma infinidade de flores silvestres — comentou Damien. — A terra escura é muito fértil.

— Estou vendo — disse Teri, percorrendo com a vista a vegetação luxuriante que cobria o morro próximo ao cais.

Nos bares do outro lado da rua havia uma grande animação àquela hora. De um deles vinha a música estridente de uma vitrola automática e o ruído alto de gargalhadas.

Algumas pessoas estavam debruçadas nas janelas das casas, aproveitando a fresca da tarde e ouvindo as últimas novidades. De uma delas, um homem acenou e gritou alguma coisa para Damien, que respondeu em voz alta e com um gesto amplo da mão. No mesmo instante, surgiram dezenas de curiosos nas janelas de outras casas e todos cumprimentaram Damien em voz alta, com acenos e exclamações de júbilo.

Alguns mais afoitos saíram correndo pela porta da frente e foram apertar-lhe a mão na calçada.

— O que se passa? — perguntou Teri com os olhos arregalados, intrigada com o movimento inusitado na pequena rua.

— Eles perguntaram quem é essa loura maravilhosa que está chegando — disse Damien com um sorriso. — Eu expliquei que você é minha mulher e eles vieram cumprimentar-me e dar os parabéns. Está contente com a explicação?

Teri sorriu sem querer. Era gostoso saber que seus cabelos louros, quase prateados, faziam furor na pequena ilha do Mediterrâneo.

— Pensei que não havia moradores na ilha. Que seu pai morava aqui sozinho.

— Papai é realmente o único dono da ilha, mas esses moradores já estavam aqui quando a ilha foi comprada.

Damien conduziu-a pelo braço em direção a uma charrete que estava estacionada na pracinha, em frente à igreja. Pelo visto, o único meio de transporte na ilha eram as charretes puxadas por um único cavalo.

— Não há táxis na ilha?

— Não. Somente bicicletas e alguns caminhões pequenos, que fazem o serviço local. Como a ilha é relativamente pequena, não há necessidade de condução. Os moradores estão acostumados a andar a pé. Você está com frio?

— Eu? Não, nem um pouco. Está gostoso aqui.

A charrete seguiu a estrada de terra que passava por baixo dos pés de eucaliptos. A areia branca cintilava sob a luz dos lampiões e havia manchas fosforescentes nas ondas que quebravam na praia. As primeiras estrelas começavam a brilhar no firmamento que perdera a tonalidade violeta de alguns minutos atrás e que estava passando a um azul retinto, quase negro. A noite descera na ilha de um momento para o outro, silenciosamente.

Teri estava com as mãos em cima dos joelhos, sendo sacudida de um lado para o outro pelos solavancos da charrete.

— Você está com a mão fria.

— É, estou um pouco nervosa.

— Porque vai conhecer meu pai?

— Talvez.

Damien passou o braço atrás do ombro dela com um gesto carinhoso. Era a primeira vez que se tocavam desde a noite em que tinham feito amor, há uma semana. De lá para cá, Damien conduzira-se com uma frieza estranha. Sem contar que passara a maior parte do tempo ausente de casa. Os dois encontravam-se apenas à hora do jantar e mal trocavam uma palavra.

Com receio de se deixar seduzir novamente pelo gesto acariciante de Damien, Teri cruzou a perna em cima do joelho, o que levou a mão dele a escorregar da posição que ocupava antes. Entretanto, no momento em que ela relaxou o corpo com um suspiro de alívio, como se estivesse livre momentaneamente do perigo, a outra mão, que estava atrás das costas, começou a brincar com os cabelos, enrolando-os e desenrolando-os, produzindo arrepios e cócegas na nuca. Teri endireitou-se no banco da charrete com um movimento brusco da cabeça e encolheu-se mais no canto, mantendo a face deliberadamente virada para o lado, concentrando a atenção no brilho prateado das águas do mar.

— A noite está linda — murmurou em dado momento. — É sempre assim aqui na ilha? .

— É. A temperatura varia entre 20 e 30" nos meses do verão. Aqui é um pouco mais fresco que no continente, por causa da brisa que sopra do mar.

— O que são aquelas ruínas que a gente avista quando entra no canal?

— É o forte antigo. Skios teve seus dias de glória no século dezoito. Possuía uma frota de navios mercantes que cruzavam o Mediterrâneo em todas as direções. As casas antigas conservam ainda hoje o estilo arquitetônico das vilas italianas. Isso porque foram construídas

por pedreiros vindos da Itália. A casa do meu pai é dessa época, como você terá ocasião de ver dentro de alguns minutos.

Teri ouviu o comentário em silêncio. As palavras frias de Damien marcavam o início de um relacionamento que iria se prolongar durante meses. Seu plano era manter distância dele e deixar bem claro que não era um brinquedo sexual, sempre disposta a satisfazer seus caprichos. Damien acabaria se cansando e, pouco a pouco, a deixaria em paz, procuraria outras mulheres mais acessíveis. Quando isso acontecesse, Teri teria um pretexto para exigir o divórcio. Isso poderia levar um ano, ou menos,

quem sabe?

— Ai! — gritou ela, quando Damien puxou com força um cacho de cabelo. — Você me machucou, seu bruto!

No instante em que ela virou a cabeça para protestar, ele cobriu-lhe a boca com um beijo ardente, possessivo, um ato flagrante de posse, um insulto à sua condição de mulher. No primeiro instante ela pensou em agredi-lo com os punhos fechados, arranhar o rosto moreno com as unhas compridas, marcá-lo para sempre com uma cicatriz profunda. O instinto, porém advertiu-a de que era inútil e perigoso reagir dessa forma. Por isso, ficou parada, fria como uma estátua de pedra, sem reagir nem agredir.

Damien afastou-se finalmente e observou-a com a expressão intrigada, a testa franzida, as sobrancelhas levemente arqueadas.

— O que você tem?

— Nada.

— Mentira! Você está com a mão fria, com o rosto amarrado e não abriu a boca o dia inteiro. Alguma coisa você tem.

— Você também não está muito falante hoje.

— Eu estou preocupado com um problema que preciso resolver.

— Negócios?

Ela aproveitou a distração momentânea de Damien para refugiar-se no canto do banco, longe da mola quebrada que lhe machucava a perna.

— É. Provavelmente vou ter que viajar amanhã para Nova York. Devia ter ido hoje, mas queria apresentá-la primeiro ao meu pai. Você não se importa de passar alguns dias sozinha?

— Quando você vai voltar?

— Na sexta-feira à tarde, se tudo correr bem.

— Você quer que eu vá com você? — perguntou Teri, por simples questão de educação.

— Não precisa. Seria um incômodo inútil. Eu vou estar muito ocupado e nós mal teríamos tempo para nos ver. Fica para outra vez.

— Você é quem sabe.

Os cascos do cavalo martelavam o solo duro e a brisa marinha balançava os galhos altos dos eucaliptos. No banco da charrete, porém, os dois continuavam em silêncio, o silêncio pesado que acompanha o duelo mais antigo do mundo, o duelo dos sexos.

Logo adiante o homem que conduzia a charrete fez uma curva à direita e começou a subir o morro por um caminho íngreme, coberto de cascalhos miúdos que chiavam sob as patas do cavalo. De repente, entre os galhos de uma árvore, Teri avistou o chalé branco. A charrete parou diante dos degraus da entrada, iluminados por duas arandelas de metal dourado.

— Chegamos — murmurou Damien, preparando-se para descer.

A porta da frente abriu-se e um clarão de luz iluminou o alpendre. Uma mulher de preto exclamou alguma coisa em grego, do alto da escada, e Damien respondeu de baixo, enquanto dava a mão a Teri para descer da charrete.

— Tina, somos nós!

— Entrem, entrem — disse a mulher de preto.

Ela tinha olhos bem negros, a testa baixa e o perfil tipicamente grego. Duas tranças pretas estavam enroladas atrás da cabeça, formando um coque, como as mulheres usavam antigamente. Tina era baixa, robusta e irradiava energia. Apertou a mão de Teri com vivacidade, enquanto fitava-a nos olhos com curiosidade.

— O que eu digo? — perguntou Teri sem jeito, voltando-se para Damien. — Ensine-me alguma coisa para eu dizer em grego.

— Diga apenas *kalispera*, que é boa noite.

Teri repetiu a palavra lentamente, como uma criança que está aprendendo a falar. Os olhos de Tina brilharam de alegria.

— Boa noite — repetiu ela em inglês. — Fizeram boa viagem?

— Você fala inglês perfeitamente — comentou Teri, procurando conquistar a simpatia da mulher.

— Claro — interveio Damien. — Tina morou nos Estados Unidos durante três anos. Arnie está em casa?

— Está na cozinha. Quer que vá chamá-lo?

— Não precisa. Eu preferia que você acompanhasse Teri ao quarto de dormir. Ela está louca para tomar um banho e trocar de roupa.

Damien afastou-se em direção ao interior da casa, os passos ecoando no piso de cerâmica vermelha, como se fosse a nave de uma igreja.

— Por aqui — disse Tina, apontando o caminho que deviam seguir para chegar aos quartos no segundo andar.

O apartamento de Teri era amplo, confortável e tinha uma janela enorme que dava para o jardim. Os móveis eram rústicos, se bem que de excelente qualidade, feitos à mão por grandes marceneiros italianos do passado. As cores do mar, nos diversos tons de verde e de azul, repetiam-se nas cortinas e na colcha da cama de casal, bem como nos tapetes que cobriam o assoalho de tábuas largas.

— Aqui é o banheiro — disse Tina, abrindo uma porta.

— A outra porta o que é? — perguntou Teri, retirando a jaqueta de couro.

— E o quarto de vestir — explicou Tina.

Nesse momento, um homem baixo, troncudo, entrou no quarto com duas malas nas mãos. Após colocá-las ao lado da cama, endireitou o corpo e cumprimentou Teri com um sorriso aberto.

— Arnie é meu marido — explicou Tina.

— *Kalispera* — disse Teri lentamente. Arnie deu uma risada bem-humorada.

— Não precisa gastar seu grego comigo. Eu também sou inglês. Muito prazer em conhecê-la.

Arnie dirigiu-se à porta com o andar dos homens que passam muito tempo a bordo dos navios e que gingham as cadeiras para se firmar no solo. Aliás, Arnie tinha também algumas tatuagens nos braços e no peito, como se podia ver por entre a gola aberta da camisa.

— Você quer que a ajude a arrumar as roupas no armário? — perguntou Tina da porta.

— Muito obrigada. Não precisa.

— Até mais tarde, então. Se precisar de alguma coisa, não faça cerimônia.

Aliviada da tensão que se prolongara durante a viagem de avião e nos primeiros minutos que passara na ilha, Teri retirou com um suspiro os sapatos de salto alto que machucavam os pés, despiu-se rapidamente e preparou-se para entrar no banho.

Estava mergulhada na banheira, com água até o pescoço, quando ouviu a porta abrir por fora.

— Eu estou no banho! — exclamou com nervosismo, afundando ainda mais o corpo na banheira.

— Eu estou vendo — disse Damien, imperturbável. — Papai nos convidou para jantar. Você vai demorar muito?

— Você não pode usar o outro banheiro?

— Este banheiro serve os dois quartos. Vamos. Você já ficou muito tempo aí dentro. Eu vou ajudá-la a enxugar-se. Venha para fora.

— Não precisa! — exclamou Teri com a voz aflita. — Eu me enxugo sozinha. Por favor, Damien, vá embora! Prometo que vou sair num minuto. Por que você não bateu antes de entrar? É o mínimo que se exige da boa educação.

— Eu não sou um modelo de boas maneiras,, querida. Meu pai viveu muitos anos na pobreza e minha mãe cantava nos bares do cais para ganhar a vida. Eu não recebi nem mesmo os rudimentos da boa educação. Vamos, dê-me a mão e saia daí. Chega de banho por hoje!

— Que antipatia, meu Deus! Não se pode nem mesmo tomar banho em paz.

— Se você preferir, vamos tomar juntos.

— Não! Eu vou sair.

No momento em que Teri saiu da banheira, cobrindo o busto com as mãos, escorregou no fundo liso e caiu de bruços nos braços de Damien.

— Como você está cheirosa — murmurou ele, cobrindo-a de beijos. — Essa é a primeira vez que estou vendo minha mulher nua à luz do dia. Não é incrível? Faz uma semana que estamos casados e só hoje eu tenho a oportunidade de apreciar seus encantos femininos.

— Solte-me! — berrou Teri com os cabelos molhados caindo sobre a testa. — Eu estou com frio.

— Eu vou enxugá-la.

— Vá embora! Eu me enxugo sozinha.

— Até parece que não somos marido e mulher.

— E não somos mesmo!

— Como não? E aquela noite que passamos juntos?

— Aquela noite não conta — disse Teri com impaciência. — Com licença, por favor! Eu quero me enxugar em paz. Estou com frio. A banheira é toda sua. Use e abuse.

Teri saiu correndo do banheiro e dirigiu-se ao quarto de dormir, onde vestiu-se rapidamente e aguardou por ele debruçada na janela, com um cigarro entre os dedos.

— Eu lhe pedi para não fumar no quarto — disse Damien, aproximando-se dela e retirando dos dedos o cigarro pela metade. — Não insista, por favor.

— Desde quando este é o seu quarto? Tina me disse que há um outro quarto ao lado. Por que você não dorme lá?

— Porque é pequeno demais e tem uma cama de criança. Eu só uso aquele quarto para me vestir. Você pretendia dormir sozinha? Minha companhia é tão desagradável assim?

Teri abriu a boca para responder, mas mudou de ideia. Não adiantava discutir esse assunto todas as vezes em que Damien a provocava. O melhor era calar-se, sem aceitar a briga. Só assim podia manter a cabeça fria para pensar num plano de conduta que poria em prática nos próximos dias.

Teri voltou-se para a janela e concentrou a atenção na paisagem que avistava dali. Não havia, porém, muita coisa para ver lá fora, a não ser o céu negro, repleto de pontinhos luminosos.

— Tina não simpatizou comigo — disse por fim.

— Por que você diz isso?

— Pela maneira como olhou para mim.

— Tina é assim mesmo. Desconfiada e anti-sociável. Isso não tem nenhuma importância.

— Como não? Eu vou ficar morando nessa casa enquanto você estiver fora e ela é a única pessoa que eu tenho para conversar.

— Logo vocês vão estar amigas. Ela tem ciúme das visitas.

— Ciúme? Por quê?

Teri encarou-o, surpresa. Como era possível que Damien tivesse um caso com a empregada da casa, uma mulher que tinha pelo menos vinte anos mais que ele?

— Tina é muito apegada a mim, desde criança. Ela foi minha babá durante anos. Quando eu vim morar aqui na ilha, convidei-a para tomar conta da casa. Ela já estava casada com Arnie nessa ocasião. Os dois aceitaram o convite na hora. Era a oportunidade que tinham para morar juntos. Amie estava na marinha mercante. Até agora, pelo menos, os dois não deram nenhum motivo de queixa.

Damien dirigiu-se ao quarto de vestir e voltou minutos depois com um *blazer* esporte por cima da camisa cor de areia.

— Vamos, então?

— Eu estou pronta.

— Você não vai levar um agasalho?

— Precisa?

— Costuma esfriar à noite.

Ela apanhou um pulôver leve de malha e saiu de braços dados com Damien em direção a casa do sogro, no alto do morro.

Teri obtivera algumas informações sobre Stephanos Nikerios na última semana. A primeira mulher de Stephanos morrera subitamente e o viuvo ficara com duas filhas pequenas, aos cinquenta

anos de idade. Pouco depois, Stephanos sofreu um ataque cardíaco. Assustado com a possibilidade de morrer sem ter um herdeiro homem, Stephanos casou-se às pressas com Marilyn Merrill, cantora de boate que conhecera em Nova York, e com quem tivera um filho, Damien. Pouco tempo depois Stephanos divorciou-se da segunda mulher e assumiu para si a educação do filho pequeno.

Ao completar oitenta e dois anos, Stephanos Nikerios transferiu todos os encargos das diversas companhias de navegação para Damien. Daí em diante, passava a maior parte do ano no palacete que possuía na ilha de Skios, na companhia da terceira mulher, a bela grega de trinta e dois anos, chamada Melina.

A casa grande seguia o mesmo estilo arquitetônico do pequeno chalé de Damien, mas os arcos que levavam ao interior eram mais delicados e tinham um certo toque veneziano. A atmosfera geral, no entanto, era de extrema simplicidade, tanto nos móveis quanto na decoração das salas, se bem que havia em toda parte sinais visíveis de opulência, como as pinturas penduradas nas paredes, os tapetes que cobriam o piso de mosaico, os móveis entalhados à mão, que eram verdadeiros primores de marchetaria.

Havia três pessoas na sala. Teri, porém só prestou atenção a uma delas; o homem de idade que estava sentado na cadeira de rodas. Era fácil reconhecer Stephanos Nikerios, pela semelhança que tinha com o filho. Os dois possuíam o mesmo perfil reto, as mesmas pálpebras pesadas que encobriam parte dos olhos, o mesmo queixo autoritário e os mesmos olhos negros, brilhantes, que davam à fisionomia uma aparência demoníaca. Os cabelos raros de Stephanos, contudo estavam completamente brancos e a boca bem feita não tinha o sorriso sardônico que era habitual no filho. Havia algo rústico no velho de oitenta anos, como transpareceu na voz autoritária que dirigiu aos dois quando estes entraram na sala. As outras pessoas sorriram e trocaram olhares de cumplicidade ao verem Stephanos dirigir-se a Teri em grego.

— O que foi que ele disse? — perguntou Teri em voz baixa, puxando Damien pelo braço. — Diga para mim o que ele falou.

Ela estava numa posição evidente de inferioridade ao desconhecer a língua que os outros falavam em sua volta. Teria que fazer um esforço para aprendê-la rapidamente, caso contrário estaria sempre boiando nas conversas íntimas entre o pai e o filho.

— Ele disse que estamos cinco minutos atrasados — explicou Damien. — Papai é extremamente exigente em matéria de pontualidade e não admite os atrasos.

Melina estava com a mão pousada de leve sobre o ombro do marido. Tinha a pele bem morena, os olhos pretos e a testa estreita. Anéis de diamantes e de esmeraldas faiscavam à luz da sala, tanto nos dedos de sua mão esquerda quanto nos da direita. Embora tivesse a fisionomia reservada e sombria, Teri reconheceu que ela era um tipo de beleza.

No instante seguinte, os dois estavam diante de Stephanos. Damien apresentou-a ao pai, que olhou para ela de alto a baixo com a testa franzida, as sobrancelhas levantadas, como se avaliasse uma obra de arte ou uma peça rara de colecionador.

— Você então é a filha de Alex — disse por fim, com um sotaque carregado. — Eu fui um grande amigo de seu pai. Você também é jogadora como ele?

Teri corou com a pergunta indiscreta.

— Um pouquinho.

— Logo vi! Você jogou com a sorte ao casar com meu filho. Não tem medo?

— Não, nem um pouco — disse Teri, corando mais ainda com a direção que a conversa tomava, sobretudo porque havia outras pessoas na sala, inclusive Melina, a mulher de Stephanos. — Eu não sabia que você conhecia meu pai — acrescentou, procurando desviar a conversa para um terreno neutro.

— Eu conheci Alex alguns anos atrás. Você é parecida com ele, só que muito mais bonita — disse Stephanos com um sorriso. — Eu também já fui moço e bonito como meu filho, você acredita?

— Claro que acredito.

— As mulheres brigavam por minha causa. Todas as moças queriam sair comigo. Eu era disputado e forte como esse aí! — acrescentou Stephanos, apontando para o filho.

— Você continua forte — disse Teri, beijando o velho na testa.

Embora aquele homem tivesse sido no passado um magnata poderoso e arrogante, era agora um pobre velho desamparado, que ansiava por um gesto de carinho.

— Você já conhece Melina? — perguntou Stephanos, ao ver que a mulher e Damien tinham se afastado da sala de braços dados, conversando intimamente.

— Ainda não fui apresentada a ela — disse Teri, acompanhando com a vista a grega bela e segura que se apoderara do braço de Damien e cochichava no ouvido dele algum segredo que os outros não podiam ouvir.

— Depois que eu tive um derrame, precisei de alguém para cuidar de mim — continuou Stephanos. — Eu não queria uma enfermeira. Minha filha apresentou-me a Melina e ela aceitou casar comigo.

Stephanos ajeitou-se na cadeira de rodas e fez sinal para um rapaz que estava perto da janela.

— É seu neto? — perguntou Teri em voz baixa.

— É, você vai conhecê-lo. Paul, venha aqui. Quero apresentá-lo à minha nora. Paul é o filho único da minha filha mais velha, que mora nos Estados Unidos e está casada com um americano. Paul é meio americano. O pai dele dirige nosso escritório em Nova York. Você não acha que meu neto é um belo rapagão?

De fato, o rapaz alto que se aproximou deles era um tipo de beleza na melhor tradição grega. Tinha a testa estreita, o nariz reto, os lábios cheios e sensíveis, o queixo redondo e bem feito. A pele morena tinha o brilho do bronze. Os cachos castanhos que caíam sobre a nuca tinham uma cor ligeiramente avermelhada. Os olhos, por baixo das sobrancelhas finas e retas, eram azuis-escuros, em vibrante contraste com o resto do rosto. Paul estava com uma calça justa de algodão e uma camisa esporte de gola redonda.

No momento em que sorriu, Teri viu duas fileiras de dentes brancos, perfeitamente alinhados.

— Como vai, Teri? Fez boa viagem?

O inglês dele era impecável, sem o menor sotaque.

— Muito boa, obrigada,

— Fiquem à vontade — disse Stephanos, empurrando a cadeira de rodas em direção à outra sala.

— Que bom encontrar alguém da minha idade nessa casa — acrescentou Paul. — Aqui só tem velhos. Faz dois dias que cheguei e já estou morrendo de tédio, sem saber o que fazer da vida. Espero que meu avô não tenha ouvido o que eu disse. Ele tem sido muito legal comigo e me deixou ficar aqui o tempo que eu quiser.

— De onde você está vindo? Paul fez uma careta.

— Olhe, não conte a ninguém, mas eu estou fugindo de casa. Fui mandado embora da faculdade e resolvi puxar o carro. Os velhos estão uma fera comigo. O único lugar que eu tinha para ficar era aqui. Vovô vai me arrumar um trabalho num dos navios de sua companhia. Ele acha que vai me fazer bem andar um pouco pelos mares e conhecer outros países. Você me desculpe por estar falando o tempo todo de mim, mas faz uma semana que não converso com ninguém. Vovô não aguenta mais ouvir minhas aventuras. Melina não sabe uma palavra em inglês e Damien está sempre viajando.

— Ele vai embarcar amanhã para Nova York.

— Pois é. Vai resolver um problema com os sindicatos. Damien é um cara cem por cento. É frio por fora mas quente por dentro, como os bons gregos que eu conheço. Se você bota a mão, você se queima. — Paul fez uma pausa e examinou-a com atenção. — Você não se parece com as amiguinhas habituais de Damien. De onde você vem?

— Eu venho diretamente de Londres — disse Teri com um sorriso.

— Foi lá que vocês se conheceram?

— Numa sala de jogo — acrescentou Teri com uma risada.

— Não me diga! Você casou por amor ou por dinheiro?

— Que pergunta mais indiscreta — disse Teri, corando repentinamente.

— Desculpe, Teri. Eu estou tão acostumado a ver as pessoas agirem por interesse que não acredito mais nos sentimentos autênticos.

Nesse momento Teri ouviu vozes que se aproximavam da sala onde estavam. Melina vinha empurrando a cadeira de rodas de Stephanos e Damien a seguia, alguns passos atrás.

— Teri, eu queria apresentá-la a Melina — disse Damien com uma voz impessoal. — Ela não fala uma palavra de inglês. Diga a ela aquela palavra que eu lhe ensinei.

— *Kalispera* — disse Teri no mesmo instante, sem se fazer de rogada. Melina não sorriu. Limitou-se a balançar a cabeça e a murmurar a mesma palavra de saudação. Em seguida, voltou a atenção para as mãos que estavam em cima da cadeira de rodas. Nesse momento, foram todos convidados a entrar na sala de jantar. Meia hora depois, Stephanos disse:

— Você me desculpe, Teri, mas vou roubar seu marido por alguns minutos. Temos que discutir alguns assuntos urgentes antes que Damien embarque para Nova York. Venha aqui amanhã, para conversarmos com calma. Eu estou sempre em casa. Tome um banho na piscina com meu neto. Ele terá muito gosto em lhe fazer companhia enquanto Damien estiver fora.

— Está bem — disse Teri. — Obrigada pelo convite.

— Eu não vou me demorar muito — disse Damien da porta. — Uma hora, no máximo.

— Eu vou para casa — disse Teri com um bocejo. — Tive um dia cheio e estou morta de sono.

— Como você preferir — disse Damien, contrariado. — Paul, você me faz um favor?

— Pois não.

— Acompanhe Teri até a minha casa. Ela não conhece o caminho.

— Com muito prazer — disse Paul, piscando o olho para Teri.

— Até mais tarde — murmurou Damien, passando o braço em torno da cintura de Teri e beijando-a no rosto. — Espere por mim.

— Eu vou tentar, mas não prometo nada. Estou caindo de sono.

— Damien! — chamou a voz autoritária de Stephanos.

Damien dirigiu um último olhar de despedida a Teri, antes de afastar-se em direção à biblioteca onde seu pai o aguardava.

— Vamos? — perguntou Paul.

— Escute, você não precisa me acompanhar. Eu já aprendi o caminho,

— Eu não estou com sono e não tenho nada para fazer — disse Paul, dirigindo-se à porta da frente. — Além disso, gosto de andar à noite na ilha. Você já esteve na Grécia antes?

— Não. Esta é a primeira vez. Estou ansiosa para conhecer os locais históricos.

— Se você quiser, eu posso acompanhá-la. Aqui em Skios há as ruínas de um antigo palácio. Foi descoberto há alguns anos por Cari Zweiss, um arqueólogo alemão. Você já ouviu falar nele?

— Claro. Nós publicamos o livro que ele escreveu. Onde ficam essas ruínas?

— No alto do morro.

— Vamos até lá?

— Quando você quiser.

— Amanhã está bom?

— Combinado. Amanhã depois do almoço.

Teri estava tomando uma direção errada, entre as diversas trilhas que desciam o morro, quando Paul puxou-a pelo braço com delicadeza.

— É por aqui. Está vendo como foi bom eu ter vindo? Você ia tomar a direção errada.

— E para onde leva esse caminho?

— Para a casa de uma bruxa — disse Paul com um risinho. — Sabe, acho que vou me dar bem com você. Não suporto as mulheres mandonas e autoritárias. Você é meiga e amável. Vai ver que foi por isso que Damien gostou de você. Ele adora a liberdade e nunca quis saber de ligar-se a uma mulher possessiva, ciumenta. — Paul fez uma pausa e fitou-a nos olhos. — Diga a verdade! Vocês se casaram por amor?

— Não — murmurou Teri, soltando os dedos da mão dele. — Não houve tempo para a gente gostar um do outro. Foi tudo muito rápido. Eu conheci Damien num dia e daí a uma semana estávamos casados.

— Está vendo? Eu acertei! Eu sabia que vocês não tinham casado por amor. Está na cara!

— É mesmo?

— Tem muita gente hoje em dia casando nessas circunstâncias. Não há mal nenhum. Só que eu não pensei que você fosse desse tipo. Você dá a impressão de ser romântica, idealista, uma mulher que acredita no amor.

— Minhas ilusões morreram há alguns anos.

— O que aconteceu? Você perdeu alguém que amava?
— Meu noivo morreu num acidente de carro.
— Ah, desculpe.
— Não tem nada. Mudando completamente de assunto: você fala grego, Paul?
— Aprendi quando criança, com minha mãe.
— Você não quer me dar umas aulas?
— Claro. Você precisa entender o que os outros estão falando de você — comentou Paul com um risinho.
— Ah, você ouviu o que Melina disse?
— Lógico. Eu ouço e vejo tudo o que se passa em minha volta. Eu estava fazendo psicologia antes de ser mandado embora da faculdade. Sempre gostei de observar as pessoas e adivinhar os motivos que as levam a agir.
— E bom eu saber disso.
— Quer um conselho? Abra os olhos! Melina antipatizou solenemente com você. Você viu a cara que ela fez?
— Quando?
— Quando você entrou na sala.
Teri lembrou-se do olhar agressivo que Melina lhe dirigiu e balançou a cabeça.
— Se olhar matasse, você estaria morta a essa altura. Foi ódio à primeira vista.
— Eu não entendo por quê! — exclamou Teri. — Eu não fiz nada para desagradá-la.
— Como não? Você casou com Damien. Isso é mais do que suficiente para enfurecê-la. Todo mundo sabe que Melina veio morar aqui na esperança de casar com Damien. Ele, porém, não deu bola. Ela ficou cansada de esperar e aceitou a contragosto a proposta de Stephanos. Afinal, mais vale um pássaro na mão do que dois voando. Mesmo assim, ela não desistiu da ideia.
— Verdade?
— Pode ser que eu me engane, mas tenho a impressão de que Damien não vai voltar cedo para casa. Melina fará o possível para prendê-lo lá algumas horas, só para fazer você sofrer.
Teri ouviu o comentário em silêncio. Os dois desceram o pequeno morro que levava à casa de Damien pelo caminho de pedras.
— Desculpe se eu falei demais — disse Paul em dado momento.
— Não tem nada. Pelo contrário, é bom eu estar prevenida. Além disso, Damien e eu temos liberdade de ação. Cada qual leva a vida que lhe agrada. Se ele quiser conversar com Melina até de madrugada, isso é problema dele. Eu vou dormir, porque estou morta de sono. Hoje tive um dia cheio.
— A que horas vamos sair amanhã? — perguntou Paul, quando chegaram diante da porta da casa.
— Logo depois do almoço, como você sugeriu.
— Ótimo. Você gosta de nadar?
— Adoro.
— Então vamos tomar um banho de piscina antes do almoço.
— Combinado. Às dez horas está bom?
— Perfeito. Estou esperando por você na piscina. Até amanhã e durma bem. Aprenda a dizer comigo: *ka-lee-neekh ta sas*.
— O que quer dizer?
— Boa noite.
Teri repetiu as palavras lentamente.
— Ótimo. A primeira lição já foi. Vamos aprender mais amanhã, no passeio ao palácio. Adeus.
— Até amanhã, Paul, e muito obrigada pela companhia.
A casa estava silenciosa. A arandela acesa no *hali* da entrada projetava sombras negras sobre a parede caiada de branco. Uma outra iluminava o corredor que Teri atravessou na ponta dos pés, a fim de não acordar os empregados que dormiam no quarto dos fundos. Levou algum tempo preparando-se para dormir. Escovou os cabelos, passou creme de limpeza no rosto e leu um capítulo do romance policial que tinha comprado no aeroporto, antes de embarcar. Aquela vez, porém, o enredo emocionante não prendeu sua atenção. Ela estava distraída e, volta e meia, lembrava dos episódios da noite, da intimidade aparente que havia entre Damien e Melina.

Com um gesto de raiva, fechou o livro e atirou-o ao chão. Apagou a luz da cabeceira e afundou a cabeça no travesseiro. Que importância tinha se Damien e Melina tinham uma aventura clandestina, como Paul dera a entender? Para ela, pelo menos, não fazia nenhuma diferença. Não se importava a mínima que Damien dormisse na outra casa aquela noite. Na realidade, preferia que ele não viesse importuná-la. Ela não o queria perto de si, essa era a verdade. Uma hora depois Teri continuava acordada. Estendeu o braço, acendeu a luz do abajur e viu que passava da meia-noite. Damien dissera que voltaria para casa dentro de uma hora e já fazia mais de duas horas que Teri se despedira dele na casa de Stephanos. Paul tinha razão. Damien ia voltar de madrugada, se é que não ia dormir em outra cama, com Melina provavelmente. Teri tornou a apagar a luz da cabeceira e deitou-se de costas, olhando distraidamente para as estrelas que piscavam através da vidraça, prestando atenção aos ruídos que vinham de fora, esperando ouvir passos que desciam o caminho de pedras, rezando para que Damien voltasse e não passasse a noite com Melina.

Duas horas mais tarde ela estava morrendo de vontade de vê-lo. Irritada, furiosa consigo mesma por fazer papel de idiota, levantou-se da cama e foi ao banheiro, onde fumou um cigarro com a porta fechada, a fim de que a fumaça não entrasse no quarto de dormir. Ao enxergar sem querer seu rosto amargurado no espelho do banheiro, riu de si mesma com desprezo.

— Você está com uma cara medonha — murmurou. — O que deu em você? Por que está tão preocupada de repente com esse cara? Que importância tem ele gostar ou não de você? Volte para a cama e pare de pensar nele. Você não gosta dele. Ele não gosta de você. Para que se torturar à toa? Durma e não pense mais nele!

A conversa com o reflexo no espelho serviu ao menos para tranquilizá-la. Ao voltar para o quarto e deitar-se na cama, Teri adormeceu imediatamente. Mais tarde, bem mais tarde, teve a sensação de estar flutuando no alto de um abismo. De alguma parte vinham ondas de calor que envolviam seu corpo com um imenso bem-estar. No instante seguinte, porém, ela acordou sobressaltada com a impressão de que ia despencar no fundo do abismo. Olhou para o lado e avistou Damien que a observava de olhos entreabertos, com o braço passado em cima de sua cintura.

— Que horas são? — perguntou assustada, com a fisionomia sonolenta.

— São duas da manhã.

— Faz tempo que você está aí?

— Não muito. Você estava dormindo quando eu cheguei e não quis acordá-la.

— Eu estava muito cansada. Aliás, ainda estou. — Ela virou-se para o lado e encolheu-se no canto da cama. — Boa noite. Eu quero dormir.

Em vez de fazer o que ela pedia, Damien puxou-a para si e beijou-a na nuca, por cima dos cabelos soltos que cobriam as costas. Teri prendeu a respiração, ouvindo distintamente as batidas regulares do coração de Damien e as batidas mais rápidas do seu próprio coração. Ondas de calor arrastavam-na em direção a ele e sua pele estava ardendo como se tivesse sido exposta ao sol.

— Eu quero dormir — murmurou com a voz sumida. — Não suporto o seu contato.

Ela esperou alguns segundos, imaginando o que faria se ele a possuísse à força. Damien, porém retirou lentamente o braço da cintura e voltou-lhe as costas.

O silêncio pesado prolongou-se durante alguns minutos. Ela estava tensa, nervosa, agitada por uma série de fantasias e quase cedendo ao impulso de abraçá-lo, quando ouviu o rangido de uma mola do colchão. Damien levantou o lençol e saiu da cama. No instante seguinte, Teri ouviu os passos abafados em cima do tapete, escutou a porta abrir e fechar.

Damien tinha ido dormir no outro quarto.

CAPÍTULO IV

Teri acordou cedo na manhã seguinte. Não havia sinal de Damien e a porta do quarto de vestir estava fechada. No banheiro, porém, a umidade deixada pelo calor e pelo vapor d'água sugeria que Damien tinha tomado banho mais cedo.

Depois de escovar os dentes e de lavar o rosto, Teri vestiu uma roupa esporte e foi dar uma volta para conhecer os diversos aposentos e dependências da casa.

Sua impressão, contudo, era de que aqueles cubículos construídos na encosta do morro, que se comunicavam por passagens misteriosas, não seriam nunca uma casa para ela. No fundo, sentia-se uma estranha ali, uma intrusa.

Ao descer a escada e sair no pátio externo, avistou Arnie agachado no chão, plantando alguns gerânios em vasos de cerâmica vermelha, com bonitos desenhos que imitavam a arte geométrica da Grécia antiga.

— Bom dia — exclamou Amie com vivacidade. — Está dando uma volta pela casa?

— Estou procurando a sala do almoço. Você sabe se Damien já saiu?

— Penso que sim. Tina está servindo a mesa do café. Ela deve saber. Basta você atravessar aquela porta ali.

Teri seguiu a direção indicada e foi dar numa sala ampla e clara onde a mesa do café estava posta. Tina apareceu logo depois com uma bandeja na mão.

— Bom dia, Teri. Dormiu bem? Não estranhou a cama?

— Dormi muito bem, obrigada. Você sabe se Damien já saiu?

— Ele deixou esse bilhete para você — disse Tina, retirando do bolso do avental um pequeno envelope branco.

— A que horas ele saiu?

— Era bem cedinho. Ele foi de lancha até o porto.

Teri sentou-se na cadeira de vime e serviu-se de uma xícara de café com leite. Estava com fome e colocou o envelope em cima da mesa para ler depois. Além do bule fumegante de café, havia uma laranja descascada e cortada em pedaços, uma cestinha com fatias de pão integral embrulhadas num guardanapo de xadrezinho vermelho, um pote de louça com manteiga e outro de mel. Teri comeu tudo o que havia na mesa e, para terminar, bebeu duas xícaras de café preto. Abriu em seguida o envelope e leu o bilhete que Damien tinha escrito naquela manhã, antes de embarcar.

"Eu não quis te acordar porque imaginei que você devia estar cansada da viagem. Espero que aproveite estes dias que vou passar fora para descansar bastante. Não tive tempo de abrir uma conta em seu nome no banco. Se você precisar de dinheiro para fazer compras na cidade ou para qualquer outra coisa, peça ao secretário do meu pai para lhe fazer um cheque em branco. Eu dei ordens a ele nesse sentido. Não faça cerimônia. Espero estar de volta na sexta-feira à tarde. Adeus."

Teri dobrou o bilhete lentamente e tornou a guardá-lo no envelope. Ia aproveitar ao máximo sua estadia na ilha, naquele dia e em todos os outros da semana, até sexta-feira. Faria tudo o que lhe passasse pela cabeça. Ia se divertirá beça! Estava de férias.

— Teri! — chamou Tina da janela da sala ao vê-la tomar a direção do pátio.

— O que é, Tina?

— Você vai voltar para o almoço?

— Não tenho certeza. Vou até a outra casa, dar um mergulho na piscina. Não sei se vou almoçar lá ou não. Mas você não precisa fazer nada especialmente. Eu me viro sozinha, com o que tiver.

— Se você quiser, posso deixar seu almoço no fomo.

— Não precisa, Tina. Muito obrigada. Foi você quem assou o pão preto?

— Foi. Você gostou?

— Muito. É a primeira vez que eu como pão integral feito em casa. O mel também estava delicioso. As abelhas são daqui?

— Não. O mel vem do monte Imitos e é o melhor das redondezas — disse Tina com orgulho. — Você não precisa de mais nada? Não tem roupa para lavar?

— Pode deixar que eu lavo minha roupa quando voltar. Não se preocupe.

— Eu lavo para você — disse Tina com firmeza. — Estou aqui para isso. Eu cozinho e lavo a roupa, é essa a minha obrigação.

— Eu estou acostumada a fazer tudo sozinha. Eu mesma preparo minhas refeições, arrumo o quarto e lavo a roupa quando estou em casa. Não tenho empregada.

Tina não entendeu como era possível uma patroa fazer o trabalho da empregada. Limitou-se, porém a balançar a cabeça lentamente, como se procurasse assimilar a informação.

— Sei que você é uma moça independente, mas enquanto você estiver morando aqui na ilha, pode deixar tudo por minha conta. Ponha a roupa suja na cesta que está no banheiro. Eu vou apanhá-la quando for arrumar o quarto.

— Está bem. Eu vou fazer o que você falou.

Teri seguiu à risca o conselho da empregada e aproveitou para apanhar a roupa de banho que estava no armário. Em seguida subiu o caminho de pedras em direção à casa do sogro.

Vistas de longe, por entre os pinheiros, as paredes brancas da casa cintilavam como lantejoulas à luz forte da manhã. As telhas arredondadas eram de um vermelho encardido pelos anos e tinham diversas alturas, como é costume nas casas construídas na encosta do morro e que aproveitam os diversos desníveis do terreno.

A empregada que a recebeu na porta da frente encaminhou-a para o pátio externo, onde os pés de jasmim subiam pelas paredes e cobriam algumas janelas do andar de cima. Flores amarelas e brancas brilhavam como estrelinhas sobre o fundo verde das folhas e as pétalas dos gerânios cobriam os ladrilhos azuis e brancos da beira da piscina.

Paul estava deitado numa cadeira de lona e cumprimentou-a com animação.

— Descansou bastante?

— Dormi como uma pedra.

— Você estava meio abatida ontem à noite.

— Foi da viagem.

— Damien voltou cedo para casa?

— Olhe, não faço ideia — mentiu Teri. — Eu estava dormindo quando ele chegou.

— Dormindo! É assim que você aproveita a lua-de-mel?

— Você quer levar um soco? Se fizer mais um comentário desses, juro que vou embora e não volto mais aqui.

— Desculpe, amor. Prometo que não vou mais abrir a boca para comentar esse assunto. Você não vai trocar de roupa?

— Vou. Onde é o banheiro?

— Ali, atrás daquela porta de vidro.

Quando Teri voltou, minutos depois, Paul estava nadando na piscina. Ele tinha o corpo musculoso de um atleta e nadava como um peixe. Teri estava tão habituada com as piscinas de água quente, na Inglaterra, que ela experimentou a água com a ponta do pé antes de dar um mergulho.

Na meia hora seguinte, os dois brincaram e deram gargalhadas como duas crianças. Mergulharam, cataram moedas no fundo, passaram pelas pernas um do outro, plantaram bananeira e apostaram para ver quem nadava mais tempo embaixo d'água. Cansada finalmente, e achando que já tinha feito exercício demais naquela manhã, Teri saiu da piscina. Tinha subido apenas uns dois degraus da escada de metal quando Paul a segurou pela cintura e tornou a puxá-la para dentro d'água. Teri debateu-se um instante nos braços dele, mas de nada adiantou. Paul deu-lhe assim mesmo um beijo estalado na boca. Entretanto, quando ele tentou repetir a brincadeira uma segunda vez, ela afastou-o com firmeza.

— Agora, chega!

Subiu correndo a escada e esbarrou em alguém que vinha na direção contrária.

— Ah, desculpe!

Melina encarou-a com a fisionomia séria, sem dizer uma palavra. Teri corou até a raiz dos cabelos e passou a mão pelo rosto para enxugar as gotas de água que escorriam pelo queixo. Fazia quanto tempo que Melina estava ali? Ela teria visto o beijo que Paul lhe dera?

Teri ouviu Melina dirigir a palavra a Paul, mas não entendeu patavina do que a outra disse.

— O que foi que ela falou? — perguntou a Paul, que tinha saído da piscina nesse meio tempo e estava enxugando os cabelos na toalha. — Ela viu alguma coisa?

— Não sei — disse Paul com ar de pouco caso. — Ela convidou você para almoçar aqui.

— Agradeça em meu nome. Melina balançou a cabeça ao ouvir a resposta de Paul e disse alguma coisa em voz baixa, antes de se voltar e entrar em casa com o andar severo que assumia quando estava contrariada com alguma coisa.

Melina era realmente um tipo de beleza, pensou Teri, observando-a afastar-se com o porte ereto, a cabeça erguida. Era alta, tinha formas cheias e o corpo bem proporcionado. Os traços do

rosto eram expressivos, marcantes, e o nariz tinha uma pequena inclinação, o que acentuava o perfil característico da raça. Melina devia ser da mesma idade que Damien e os dois tinham provavelmente muita coisa em comum. Era natural que se dessem bem e procurassem a companhia um do outro.

— O que foi que ela disse? — perguntou Teri, apanhando a toalha em cima da cadeira de lona — Ela parecia estar brava com alguma coisa.

— Ela não gostou que eu a beijasse — disse Paul com displicência, deitando-se na cadeira. — Disse também que você é uma mulher casada e que merece respeito.

— Está vendo! Eu não falei? — exclamou Teri com o rosto sério. — Você fez muito mal.

— Ah, deixe Melina para lá! Ela também não é nenhuma santa. Ela faz qualquer loucura pelo homem que ama.

Teri apanhou a bolsa e pescou o maço de cigarros que estava no fundo.

— Não acredito!

— Não me diga que você não sabe!

— O quê?

— Ah, essa não!

— Juro que não sei. Diga o que você está pensando.

— Você vai ficar brava comigo, como da outra vez.

— Prometo que não vou. Desembuche de uma vez.

Paul fitou-a no fundo dos olhos, para criar um clima de suspense,

— Melina adora o seu marido.

Perturbada pela informação, Teri acendeu o cigarro com os dedos trêmulos, pôs os óculos escuros para disfarçar sua emoção e deitou-se na cadeira. Fazia tempo que eu não tomava um banho de sol — disse por fim, procurando desviar a conversa para um assunto neutro. — Quando saí de Londres estava frio e tinha nevado alguns dias antes.

Paul observou-a por baixo da mão que cobria os olhos.

— Se você tomar sol todos os dias, no fim da semana vai estar negra.

E você vai ficar irresistível com esses cabelos prateados. Melina vai morrer de inveja.

— Deixe Melina em paz, santo Deus! Eu não quero saber o que se passa entre ela e Damien.

— Você está com ciúme?

— Eu, com ciúme? Você está sonhando!

— Então por que ficou brava de repente?

Porque essa conversa me irrita profundamente. Você não pode falar de outra coisa?

— O quê, por exemplo?

— Sei lá. Conte um caso engraçado.

— No momento, não me ocorre nenhum.

— Claro você não fez nenhuma força para se lembrar. Os dois permaneceram em silêncio alguns minutos.

— Mudando completamente de assunto — disse Teri por fim. — Você costuma dormir depois do almoço?

— Só se for com você.

— Ah, não brinque! Eu ouvi dizer que as pessoas dormem depois do almoço na Grécia.

— Só no verão. Nós estamos na primavera.

— Ah!

— Vamos continuar nossa aula de ontem?

— Boa ideia. Comece.

— Vamos começar pelo alfabeto. Como você deve ter notado, o alfabeto grego é muito diferente do latino.

Uma hora depois, quando o almoço foi servido na sala clara e ventilada com vista para o jardim e a piscina, Teri tinha aprendido o alfabeto grego de cor e já sabia dizer por favor e muito obrigado.

Animada com o progresso, usou as duas palavras que sabia com Melina, quando esta lhe ofereceu a salada, procurando romper o gelo que havia entre as duas. Entretanto, seu sucesso anterior não se repetiu dessa vez. Melina escutou-a com o rosto impassível e não se deu nem mesmo ao trabalho de sorrir quando Paul chamou sua atenção para os progressos que Teri tinha feito.

O almoço é a principal refeição do dia na Grécia e consiste em geral de diversos pratos. Primeiro foi servida a tradicional sopa de cebola com queijo ralado, segundo a receita francesa. Em seguida, uma travessa maravilhosamente apresentada com carne assada cortada em fatias, verduras e cogumelos refogados na manteiga. Por último, a copeira colocou no meio da mesa um prato fundo com uma salada completa.

Na sobremesa, foi servido um bolo de nozes, amêndoas e uvas passas, que acompanhavam o café. Teri estava tão satisfeita com a refeição copiosa que só provou um pedacinho do bolo.

— Onde vocês vão hoje à tarde? — perguntou Stephanos, quando passaram para a sala de estar. — Você já combinou algum passeio com Teri, Paul?

— Nós vamos ver as ruínas do palácio antigo — respondeu Paul. — Afinal, o livro de Cari Zweiss foi publicado pela editora de Alex.

— Você conheceu pessoalmente o autor, Teri?

— Não. Só de nome.

— Cari é um homem muito interessante. Animado, culto, cheio de vitalidade.

— Foi a mulher dele que deu o fora com outro homem? — perguntou Paul impulsivamente.

— Que história é essa? — exclamou Stephanos, contrariado. — Onde você ouviu falar nisso?

— Ué, todo mundo sabe disso.

— Cari sofreu com aquela mulher. Ela só queria saber de se divertir. Enquanto o marido estava ocupado com o trabalho, a safada saía com outros homens.

— Fez muito bem — comentou Paul com um risinho.

— Eu vou tirar uma soneca — disse Stephanos voltando-se para a mulher, com quem trocou algumas palavras em grego. — A gente se vê mais tarde. Divirtam-se.

As ruínas do palácio antigo estavam situadas no alto de uma montanha, cuja encosta suave era coberta por pés de laranjeiras e de limoeiros. Do pico do morro avistava-se a baía em forma de ferradura, cercada de casas brancas com portas e janelas azuis.

O palácio propriamente dito conservava apenas algumas colunas de mármore cor de pedra, um pedaço do pátio, coberto em alguns trechos de mosaicos, e algumas paredes e muros em ruínas. O silêncio que reinava no local era uma justa homenagem à imponência do monumento antigo.

— Que pena! — exclamou Teri, ao caminhar por entre as pedras. — Não sobrou quase nada. Devia ser lindo quando foi construído.

— Esse palácio, na realidade, era uma casa de campo onde o dono vinha passar o verão — explicou Paul.

— Como os milionários de hoje.

— Pois é. Você já ouviu falar em Micenas?

— Claro. Os palácios de lá são semelhantes a este aqui?

— Mais ou menos. As colunas são do mesmo período, só que lá há diversas sepulturas antigas.

— Com fantasmas e tudo?

— Claro!

— Aqui só existe o fantasma de Cari e de Helga Zweiss.

— Eu gostaria de saber o que aconteceu naquele verão. Toda vez que eu tento tirar isso a limpo, alguém da família muda de conversa. Como se fosse um segredo que eu não pudesse saber.

— Eles estão protegendo a sua inocência — disse Teri com um risinho.

— Como se eu fosse muito inocente nesses assuntos. Como é? Você não está cansada de ver antiguidades? Vamos dar um giro na cidade?

— Podemos tomar alguma coisa num bar do cais.

— Isso mesmo. É muito mais divertido do que andar no meio das pedras. Há sempre alguma coisa acontecendo.

No fim da tarde, os dois voltaram para casa de charrete. Teri despediu-se de Paul na porta de casa e subiu diretamente para o quarto, com a cabeça ainda tonta das músicas estridentes que tinha ouvido nos cafés do cais.

Os dias seguintes seguiram o mesmo ritmo do primeiro. Todas as manhãs Teri subia o caminho de pedras em direção à casa do sogro, tomava banho de piscina, queimava-se ao sol e almoçava lá, na companhia de Paul, de Stephanos e de Melina. Todas as tardes Paul e ela davam um passeio pela

ilha e terminavam sempre num dos bares do caís, onde os moradores se reuniam para beber chope, cantar e ouvir as novidades.

Na quinta-feira Teri já estava farta dessa rotina. Não estava acostumada a passar o dia inteiro numa inatividade total e sentia saudade da vida que levava em Londres. Irrquieta e sem sono, passava horas acordada na cama, observando as estrelas que cintilavam entre os galhos da paineira e sonhava com os amigos de Londres, com o trabalho na editora do pai. Sentia saudade da mãe, dos colegas de trabalho, dos programas noturnos que fazia, dos fins de semana passados no campo. Paul era uma simpatia e Stephanos fazia tudo para lhe ser agradável, mas ela se sentia, mesmo assim, uma estranha na ilha. Como ignorava a língua, não podia conversar com ninguém que encontrava na rua, a não ser com os raros moradores que sabiam uma ou outra palavra de inglês.

Talvez a situação fosse melhorar com a volta de Damien. Poderia viajar por todos os lugares que desejava conhecer na Grécia e não se sentiria tão sozinha em casa. Voltaria a dormir normalmente e não sofreria mais de insônia.

Na manhã de sexta-feira, dia em que Damien ficara de voltar, Teri não foi tomar banho de piscina na casa do sogro. Em vez disso, aproveitou para pôr sua correspondência em dia. Somente depois do almoço subiu pelo caminho de pedras em direção à outra casa.

— Por que você não veio? — perguntou Paul. — Esperei a manhã toda por você.

— Eu estava ocupada.

— Vovô quer conversar com você. Ele está na biblioteca. Teri dirigiu-se à sala onde Stephanos passava a maior parte do dia, conversando com os amigos ou falando no telefone.

— Como está, querida? — disse Stephanos, estendendo os braços na sua direção.

— Muito bem e você, passou bem a noite?

— Mais ou menos. Você sabe como é, eu não tenho mais aquele sono tranquilo de antes. Acordo diversas vezes durante a noite. — Stephanos estendeu a mão e apanhou um telegrama que estava em cima da mesa. — Olhe, isso veio para você. Damien só poderá voltar na segunda-feira.

— O que aconteceu? Ele teve algum problema?

— Ele não encontrou passagem para sexta-feira. Mas vai estar aqui na segunda, sem falta. Eu sei como você se sente, mas o que se há de fazer? A vida é cheia de imprevistos.

— Eu sei disso.

— Eu aprendi a ter paciência em criança — continuou Stephanos, como se pensasse em voz alta. — Nós passamos muita necessidade e eu sei o que significa a palavra fome. Nasci de uma família pobre e gostaria que vocês dois tivessem um filho para eu me lembrar da minha infância no Peloponeso. Quero apertar meu neto nos braços.

Teri não podia confessar a Stephanos que não tinha a menor intenção de ficar casada muitos anos com Damien, muito menos de ter um filho com ele. Em vez disso, procurou disfarçar os pensamentos que a inquietavam e mordeu o lábio com um tique nervoso.

— Damien me falou a esse respeito.

— Foi por isso que eu insisti tanto com Damien para ele casar. Meu filho já gozou a vida de solteiro durante muitos anos e aproveitou bastante a liberdade. Agora está na hora de formar uma família. E você, Teri? Você também está preparada para ser mãe?

— Quem sabe?

— Você é bonita, forte, saudável, mas tem a cintura muito fina. Você não tem as cadeiras largas das matronas gregas. Elas têm um filho por ano. Você gostaria de ter um filho por ano, Teri?

— Deus me livre! — exclamou Teri com uma gargalhada.

— O que você vai fazer até segunda-feira? Onde gostaria de ir?

— Eu gostaria muito de visitar Atenas, ir aos museus, aos teatros...

— Por que você não combina com Paul?

— Você acha que ele gostaria de ir?

— Que pergunta! Claro que sim. Ele adora passear. Vocês podem ficar na minha casa, em Atenas. Vocês têm dois dias inteiros para conhecer a cidade. Está contente?

— Muito! Eu não sei como agradecê-lo.

— Agora você não precisa mais fazer essa cara triste porque seu marido atrasou alguns dias. Divirta-se com Paul em Atenas. Vá ao teatro, ao cinema, visite todos os lugares que você tem vontade

de ver. Eu não quero que você se aborreça, sozinha aqui na ilha. Foi por isso que Marilyn me deixou. Ela não aguentou a vida aqui.

Ao despedir-se de Stephanos, Teri saiu à procura de Paul. Encontrou-o deitado na cadeira de lona na beira da piscina, com um canudinho na boca, tomando um refresco de maracujá com a expressão de quem se entediava mortalmente por não ter o que fazer.

— Falou com meu avô?

— Falei. Damien só vai voltar na segunda-feira.

— Não diga! E você?

Teri sentou-se ao lado dele na borda da piscina.

— Eu vou passar esses dois dias em Atenas, para conhecer a cidade. Seu avô emprestou a casa. Você quer ir comigo?

Paul deu um pulo da cadeira, com os olhos radiantes.

— Você ainda pergunta? É lógico que quero! Eu tenho dois amigos em Atenas, um casal simpaticíssimo de americanos. Chegaram de viagem esta semana. Eu estava pensando mesmo em dar um pulo lá, para encontrá-los. Agora podemos ir juntos. Vamos de lancha até Egina e tomamos um barco para Atenas. Em algumas horas estamos lá. — Combinado. Eu vou fazer minha mala.

Duas horas mais tarde, Teri e Paul desceram do barco no porto do Pireus e tomaram um táxi para a casa de Stephanos, que ficava nos arredores de Atenas, situada na parte mais moderna da cidade, próxima ao monte Likavitos, um desses palacetes enormes construídos nos fundos de um jardim, com vista para muitos pontos pitorescos da cidade, inclusive a belíssima Acrópole.

O pé direito do salão de entrada era de uma altura descomunal e dava realmente a impressão de um palácio. Enquanto Paul explicava à empregada que os dois iam passar o fim de semana na casa, Teri observava os objetos em volte com a expressão deslumbrada.

A caseira era mais alegre e simpática que Tina e conduziu-os imediatamente ao andar de cima, onde estavam os quartos de dormir.

— Vocês fizeram boa viagem?

— Muito boa, obrigado — disse Paul,

Havia dois quartos pegados, como na casa de Damien em Skios. Um bem grande, mobiliado com extremo bom gosto, e outro menor, que também tinha uma cama de casal. Entre os dois quartos havia um banheiro completo. Da pequena sacada se avistava, Atenas e parte das montanhas vizinhas.

Teri tinha terminado de pendurar as roupas nos cabides quando ouviu baterem à porta.

— Pode entrar.

— Está tudo em ordem? — perguntou Paul.

— Tudo.

— Não falta nada?

— Não, nada.

— Você já viu se tem sabonete no banheiro?

— Já. Eu lavei o rosto quando cheguei.

— Onde vamos em primeiro lugar? — perguntou Paul, andando de um lado para o outro do quarto, esfregando as mãos com nervosismo.

— À Acrópole, é evidente.

— Vamos no carro de Damien?

— Você tem a chave?

— Está com a empregada.

— Ótimo. Amanhã bem cedo.

Havia uma certa excitação em andar pelas ruas de Atenas num carro esporte conversível, de capota abaixada, passando na frente dos carros maiores que sofriam os problemas habituais do trânsito num dia de sábado.

— Podemos almoçar num restaurante ao ar livre — disse Paul em voz alta, para se fazer ouvir no meio da confusão de buzinas e dos apitos estridentes. Ele estava no seu elemento. Com os cabelos esvoaçantes e um sorriso nos lábios, Teri mal reconheceu o rapaz entediado de algumas horas antes. — Eu telefonei para Chuck e Lily e ficamos de nos encontrar na Acrópole.

— Você não perdeu tempo.

— Eu sou rápido — disse Paul com um sorriso. — Olhe, aquele restaurante ali é um dos melhores de Atenas. Podemos vir jantar aqui. Tem uma música sensacional.

Depois de guardarem o carro no estacionamento, Paul e Teri juntaram-se a um grupo de turistas que tinham tirado férias na primavera, antes da temporada mais concorrida do verão. Todos subiram a pé a rampa que conduzia ao célebre templo de Atenas, de onde se tinha uma vista prodigiosa do mar Egeu.

— Vamos deixar esse pessoal aí e vamos dar um giro sozinhos — disse Paul em dado momento. — É muito mais divertido do que ouvir as histórias intermináveis do guia. Uma outra vez você volta aqui com mais calma.

Teri concordou e seguiu-o em direção às colunas de mármore que formavam os restos do Partenon. Embora os monumentos estivessem afetados pela poluição, conservavam mesmo assim uma solenidade impressionante.

— Vamos voltar aqui no fim da tarde — disse Paul. — As colunas ficam douradas ao pôr-do-sol.

— Você não vai procurar seus amigos? Talvez eles tenham chegado. Paul voltou-se, surpreso.

— Você já quer ir embora? Nós não vimos tudo ainda. Não fomos ao museu nem ao teatro de Dionísio.

— Fica para outra vez. Vamos, eu quero conhecer Lily e Chuck.

Eles se dirigiram de mãos dadas ao café que dava para a praça e que tinha mesas na calçada. Enquanto estavam sentados ali, observando o movimento incessante dos transeuntes, Teri teve a sensação de estar presenciando um espetáculo único: a vida borbulhante de uma cidade turística. Mulheres elegantes, provavelmente francesas, vestidas na última moda, caminhavam ao lado de garotas de uniforme de colégio ou de mulheres simples, com saias rodadas de algodão e um pano amarrado na cabeça. Todos falavam e riam ao mesmo tempo, com uma animação contagiante. No interior do café, os freqüentadores gesticulavam, chamavam o garçom em voz alta, cantavam aos berros. A algazarra era terrivelmente cômica.

Os amigos de Paul chegaram logo depois. Chuck tinha cabelos compridos, uma barbicha no queixo e estava vestido com calça jeans, camiseta de algodão e uma jaqueta de brim. Lily cumprimentou Teri com um sorriso aberto. As duas simpatizaram à primeira vista uma com a outra.

Estavam todos muito excitados por ser aquela a primeira visita que faziam a Atenas. Depois do almoço, ajeitaram-se como puderam no interior do carro esporte e circularam pelos arredores da cidade. Mais tarde, tomaram a avenida litorânea que dava voltas e mais voltas pela encosta do morro, antes de terminar num belíssimo parque balneário. No cabo Sounion avistavam-se as ruínas do magnífico templo de Poseidon, inteiramente de mármore, onde os visitantes gravavam os nomes nas colunas imponentes que dominavam a paisagem.

Foi ali que os quatro presenciaram um espetáculo inesquecível. O sol se punha de um lado enquanto a lua erguia-se do outro, quase ao mesmo tempo.

Voltaram ao anoitecer para Atenas e chegaram à praça principal, onde havia uma boate, por volta das nove e meia. Paul levou-os ao restaurante mais concorrido do momento, chamado Plaka. O piso de ladrilhos estava gasto e encardido pelo uso, e tonéis de vinho, enfileirados na entrada, faziam parte do ambiente rústico. A comida era simples, mas excelente. Pediram um prato típico, chamado *moussaka* e beberam o vinho da casa, ligeiramente frisante. Mais tarde, dançaram no salão dos fundos ao som vibrante da música grega.

À meia-noite, como era véspera da Páscoa, saíram na rua para acompanhar a imensa procissão que se dirigia ao morro Licabeto, onde estava a gruta iluminada feericamente por milhares de círios deixados ali

pelos fiéis que tinham ido à missa na igreja de São Jorge, enquanto os canhões do forte anunciavam festivamente a ressurreição de Cristo.

Passava das duas quando Teri e Paul voltaram para casa. O *hall* da entrada estava debilmente iluminado pelas duas arandelas e os dois entraram em silêncio, para não acordar os empregados. No momento em que Teri se despediu de Paul diante da porta do quarto, ele segurou-a pelos braços e beijou-a com ardor.

— Vamos passar a noite juntos — murmurou no seu ouvido.

— Você está sonhando! — disse Teri, afastando-o com bons modos.

— Que mal tem? Você é livre e eu também. Nós passamos um dia maravilhoso e não há razão para nos separarmos agora.

— Você se esqueceu de que eu sou casada?

— Só hoje, Teri. Ninguém precisa saber.

— Nada disso. Vá para seu quarto. Paul, eu vou dormir no meu,

Teri falou com firmeza e abriu a porta do quarto. Após entrar e fechar a porta por dentro, continuou alguns segundos ali, apoiada no batente, ouvindo os passos de Paul que se afastavam pelo corredor.

Tinha dado alguns passos no interior do quarto escuro quando parou de repente, ao avistar um vulto alto debruçado sobre a janela aberta. A luz que vinha de fora iluminava perfeitamente sua silhueta, mas não dava para reconhecer quem era. No primeiro instante ela ficou na dúvida se estava sonhando ou se era realmente Damien que estava apoiado no parapeito da janela.

Foi somente quando acendeu a luz do abajur que reconheceu a figura inconfundível do marido. Ele estava apenas com a calça do pijama e o peito descoberto, de um moreno mate, que tinha um brilho dourado à luz amarela da lâmpada elétrica.

— O que você está fazendo aí? — perguntou Teri, surpresa. — Você não mandou dizer que ia voltar na segunda-feira?

— Arrumei uma passagem na última hora com destino a Roma. Cheguei aqui há uma hora. Como estava tarde para tomar o *ferry-boat*, resolvi passar a noite aqui.

— A empregada não disse que nós estávamos passando uns dias na casa?

— Eu não vi a empregada. Estava me preparando para dormir quando ouvi passos na escada. Onde vocês estavam até agora?

— Ah, você nem imagina! Fomos a uma porção de lugares. Jantamos, dançamos, acompanhamos a procissão, fomos à Acrópole. Nunca me diverti tanto na vida. Foi fantástico. — Eu também vi a procissão daqui. O que vocês vão fazer amanhã?

— Combinamos ir ao porto de Delfos.

— Vocês pretendem passar o dia lá?

— Sim. Íamos voltar na segunda de manhã. Mas agora vamos alterar o programa.

— Porquê?

— Ué, porque você está de volta!

— Não se prenda por minha causa. O fato de você estar casada comigo não significa que esteja presa a mim. Você tem plena liberdade de ação.

— Ah, antes que me esqueça. Nós saímos no seu carro.

— Tinha gasolina?

— Nós pusemos. Você vai precisar dele amanhã?

— Não. Podem usar à vontade. Mas se vocês são quatro, é preferível irem a Delfos no carro do meu pai. É maior, mais confortável e tem lugar folgado para seis pessoas. Não se esqueça de que Delfos fica a duzentos quilômetros de Atenas.

— Boa idéia. Vou falar isso a Paul.

Teri virou-se para trás ao ver que Damien a seguia em direção ao outro quarto.

— Você está com cara de quem está morrendo de sono. A viagem foi muito cansativa?

— Mais ou menos — respondeu Damien, apagando a luz do abajur.

— Boa noite, então — disse Teri, dirigindo-se ao quarto vizinho, onde estavam suas coisas. — Até amanhã.

— Eu também estou dormindo nesse quarto — disse Damien com a mão em cima da maçaneta da porta. — Podemos dormir juntos. Como daquela vez, lembra?

— Eu estou cansada.

— Eu também estou. Mais uma razão para dormirmos juntos.

Embora o beijo que Damien lhe deu fosse terno e amolecasse seu coração vulnerável, Teri resistiu mesmo assim, com receio de abandonar-se indefesa nos braços dele.

— Você sentiu falta de mim?

— Senti — disse Teri, sem muita convicção.

— Da próxima vez você vai sentir mais. Eu vou viciá-la em mim.

— Duvido.

No momento em que Damien apertou o seu seio, ela deu um grito de dor e de prazer ao mesmo tempo.

— Você me machucou!

— É para você aprender a não sair com outros homens.

— E você? Com quantas mulheres você saiu em Nova York?

— Com nenhuma,

— Mentira!

Quando ele beijou-a na nuca e começou a despi-la, ela cedeu finalmente ao desejo que ardia em suas veias e abandonou-se inteiramente ao prazer do momento, esquecida de tudo, das brigas que tivera antes, do seu plano de abandoná-lo na primeira oportunidade.

Por momentos, voltava a si e tentava afastar-se dele, ouvindo a advertência do instinto que lhe dizia ser perigoso depender fisicamente de um homem por quem não sentia amor. Damien, porém parecia suspeitar de suas tentativas de fuga e beijava-a com redobrado ardor. Os beijos trocados tinham por efeito roubar-lhe toda vontade de resistir.

Após despi-la completamente da roupa de baixo, Damien levou-a no colo para a cama, onde a cobriu com o corpo suado, ofegante.

Mais de uma vez naquela noite os dois mergulharam no fundo do inconsciente, e os primeiros clarões da madrugada estavam atravessando as pás da veneziana quando adormeceram finalmente nos braços um do outro, como duas crianças exaustas no fim do dia.

O quarto estava claro quando Teri abriu os olhos. Alguém batia insistentemente na porta.

— Quem é? — murmurou, com os olhos pesados de sono.

— É Paul que está chamando por você — disse Damien, percorrendo a nuca e o pescoço dela com os lábios úmidos. Os pêlos duros da barba faziam cócega na pele macia. — Vocês não vão a Delfos?

— Eu não vou mais — murmurou Teri, aninhando-se de costas contra o corpo dele. — Quero ficar com você.

— Você tem certeza? — perguntou Damien com um sorriso irônico, levantando a cabeça dela pelos cabelos a fim de contemplar o rosto inchado, os olhos entreabertos, empapados de sono. Beijou-a longamente na boca e o desejo ardeu dentro dela. — Você gosta de mim?

— Adoro.

Paul bateu com mais força na porta.

— Eu vou atender — disse Damien, levantando-se da cama.

Teri tinha mergulhado no sono quando foi acordada pelo peso da perna passada sobre a sua. Ela voltou-se e abraçou-o com ternura.

— O que você disse?

— Eu disse que você não queria ir a Delfos porque ia partir comigo em lua-de-mel.

Ela despertou completamente e sentou-se na cama, com as pernas cruzadas.

— Verdade?

O quarto estava claro e era dia lá fora. Teri não tinha ideia da sedução de sua pose, os seios levemente entumescidos, as pernas dobradas em cima do lençol, um braço apoiado no joelho, os cabelos soltos despencando sobre o busto descoberto.

— Você já viu casamento sem lua-de-mel?

— Eu sei, mas quando há amor.

— E não é o nosso caso?

Ela afastou a cabeça e percorreu distraidamente o peito largo dele, os ombros musculosos, a pele lisa do estômago. Damien tinha uma pinta perto do umbigo. Ela pôs a ponta do dedo sobre a pinta e sentiu novamente o desejo de morder-lhe.

— Não, não é. A gente não se conhece o bastante para gostar um do outro.

— Que ideia! É preciso conhecer para gostar?

— Lógico.

— Pois eu não acho. Para mim, basta apenas um olhar.

— Isso não é amor.

— O que é, então?

— E sexo, querido — disse Teri com um risinho, abandonando-se à volúpia que lhe amolecia as pernas e contraía a boca do estômago.

— Se isso não é amor, então eu nunca amei na vida — disse Damien no ouvido dela, soprando os pêlos que nasciam em cima da nuca. — Você já amou alguém antes assim?

— Não. Nunca.

CAPÍTULO V

Dois meses mais tarde, Teri sentou-se na borda da piscina com uma carta na mão. Era de Dick, o irmão mais moço, e o tom alegre da carta levou-a a sorrir sem querer.

Dick tinha terminado a faculdade e convidava a irmã para ir aos Estados Unidos a fim de vê-lo disputar o campeonato anual interuniversitário que se realizava no Brooklyn. Dick era um sério concorrente à prova de mil e quinhentos metros e gostaria que Teri estivesse presente na arquibancada, a fim de torcer por sua vitória.

Entre as notícias que Dick contava, uma delas surpreendeu Teri. Ele mencionava que tinha lido numa revista de esporte que Damien fora um grande corredor quando estava na universidade, que tomara parte numa Olimpíada e representara a Grécia em diversas competições esportivas.

Teri franziu a testa e refletiu sobre o que acabara de ler. Damien, um atleta? Ele nunca comentava nada a esse respeito, muito menos que tivesse tomado parte numa Olimpíada. Teri lembrou-se, no entanto, do comentário de Damien no dia em que ele correu atrás do assaltante que roubara sua bolsa na porta do restaurante. Eu não sou mais veloz como antigamente, dissera Damien.

Teri deitou-se na borda da piscina e fechou os olhos. O sol de verão estava um forno e o ar impregnado com a resina forte que se desprendia dos pés de eucaliptos.

Damien, um atleta! Essa era novidade, se bem que ele tinha de fato um corpo musculoso, gostava de nadar e de fazer pesca submarina, adorava, dançar nas tavernas até de madrugada e competia com os moradores da ilha em provas de resistência física.

Por que ele nunca tinha contado nada a ela? Aliás, Damien não se abria com ela a respeito de nada. A prova é que, após dois meses de casamento, ela ignorava praticamente tudo a respeito de seu passado.

Mesmo assim, as duas semanas de lua-de-mel foram a época mais feliz de sua vida, e a lembrança daqueles dias ensolarados retornava constantemente à sua memória. Ela recordaria sempre aquela época com saudade, não importa o que sucedesse no futuro.

Uma das etapas do cruzeiro que agradou mais a Teri foi a estadia em Delos, a pequena ilha perdida no mar Egeu, repleta de sítios históricos, de fragmentos de templos antigos, de mosaicos belíssimos; em suma, um cartão postal esculpido no mármore, dourado à luz da tarde. Naxos também era linda, com os campos muito verdes que subiam pela encosta da montanha, as casas construídas ao pé do morro, pequenos pontos luminosos ao sol forte do meio-dia.

O outeiro de Lindos, na ilha de Rodes, parecia uma jóia cravejada de diamantes num mar de turquesa. A fortaleza antiga protegia as colunas elegantes do templo antigo e a água era tão funda no canal, que Damien atracou o iate bem junto da praia. Os dois foram nadando até as pedras e visitaram a antiga acrópole, de onde se tinha uma vista panorâmica da baía e dos pequeninos barcos que se preparavam para lançar as redes.

Da cidade de Rodes, propriamente dita, Teri lembrava-se apenas da baía de Mandraki, com duas torres de cada lado, bem como algumas lojas modernas situadas no centro da cidade. Na parte antiga havia ruas estreitas e pitorescas, onde as pessoas sentavam-se em cadeiras de vime na calçada para tomar um aperitivo e contar as novidades.

Foram, contudo as ilhas menores, menos frequentadas pelos turistas, de que Teri gostou mais. Lembrava-se com saudade das figuras pitorescas que avistara de passagem nas ruas, dos pescadores que vendiam peixes na praia, em grandes cestos de vime, dos verdureiros que gritavam embaixo das janelas das casas, oferecendo hortaliças e frutas colhidas no quintal de casa. Mais do que tudo, porém, Teri recordava com água na boca às vezes sem conta em que fizera amor com Damien, em toda parte, a qualquer hora do dia e da noite, em quartos pequenos e em suítes luxuosas, segundo a inspiração do momento. Ela estava convencida, no fim das duas semanas de lua-de-mel, que o relacionamento dos dois era puramente físico. Damien exercia um poder estranho sobre ela,

uma espécie de força mental que usava para dominá-la. Damien tinha se apossado de seu corpo e de sua alma. Ela era apenas um objeto de seu uso pessoal e era tratada exatamente dessa forma. Embora fosse humilhante ser possuída assim, ela tinha a esperança de que o relacionamento inicial se transformasse com o tempo, a menos que ela o deixasse antes disso, como era seu plano.

Enquanto isso, não havia outra alternativa senão desempenhar seu papel da melhor maneira possível, a fim de evitar atritos e brigas inúteis. A mulher podia fazer amor com o homem e continuar a levar uma vida independente, sem sentimento de culpa, da mesma forma que os homens, sem se deixar envolver afetivamente pelo contato físico.

Ao retornarem a Atenas, em vez de voltarem para Skios, Damien sugeriu que fossem morar num sobradinho que ele possuía nos arredores da cidade, uma versão moderna da residência grega tradicional, com paredes caiadas de branco, uma escada externa que dava numa varanda coberta e com canteiros e flores em profusão.

Teri adorou a localização da pequena casa rústica na encosta do morro, um verdadeiro paraíso de verde, e preferiu mesmo morar ali do que no palacete suntuoso que o sogro tinha, num bairro elegante da cidade.

— Esta é a casa mais gostosa onde já morei — disse Teri, com os olhos brilhantes à hora do almoço.

— Ela é sua.

— Sua também.

— Não, só sua.

— Como? Não entendo...

— É seu presente de casamento. A casa está em seu nome e você pode fazer o que bem entender. Vender, alugar, hipotecar.

— Ué, você não vai morar aqui comigo?

— As vezes.

— Como às vezes? Eu pensei que nós íamos morar juntos.

— Você já esqueceu que somos um casal moderno. Cada qual leva a vida que lhe agrada.

De fato, Damien passava apenas alguns dias da semana na casa. Era assim a combinação. Não residia permanentemente ali, como faria um marido convencional. O relacionamento entre os dois, como estava claro agora, era um acordo de ordem sexual e Teri era apenas a esposa-amante que Damien visitava de tempos em tempos, quando tinha vontade ou quando estava de passagem por Atenas.

Teri abriu os olhos na borda da piscina e apanhou a carta de Dick que tinha caído em cima da grama. A competição esportiva teria lugar dentro de duas semanas e ela contava estar nos Estados Unidos nessa época, a fim de torcer pelo irmão. A viagem seria um excelente pretexto para afastar-se por algum tempo da Grécia e de Damien. Sua intenção era voltar diretamente para a Inglaterra. Se Damien quisesse vê-la, teria que procurá-la em Londres.

Estava com saudade de Dick, da mãe, dos amigos que não via há séculos. Talvez pudesse voltar a trabalhar na editora do pai, na mesma função que tinha antes de casar. Estava começando a cansar-se da vida de inatividade que levava na Grécia, de ser uma mulher mantida pelo marido que passava o tempo todo viajando.

— Oi!

Teri sentou-se na beira da piscina e voltou-se, surpresa, ao ouvir a voz de Paul.

— Ué, você por aqui? Você não estava viajando?

— Estava, mas cheguei ontem à noite.

— De onde você está vindo?

— Diretamente de Nova York. Foi Damien que arrumou esse emprego para mim. Ele não gostou muito de nossas saídas. Por falar nisso, que fim ele levou?

— Quem? Damien? Está na Arábia Saudita, negociando a compra de petróleo com uma companhia árabe.

— Por que você não foi com ele?

— Porque não fui convidada. E você, quais são as novidades?

— Estou trabalhando como um cão, mas estou gostando. Ah, antes que me esqueça. Mamãe mandou lembranças. Ela pretende vir aqui neste verão para visitar meu avô. Você conheceu minhas tias?

— Conheci algumas. Katina deu um jantar em nossa homenagem quando voltamos de nossa viagem. Foi muito divertido. Havia um mundo de gente. Eu me senti como um peixe num aquário: as tias e os tios grudavam a cara no vidro, como se eu fosse uma raridade.

Paul deu uma risada.

— Imagino. De qualquer maneira, você está de parabéns. O casamento de vocês dois foi um sucesso. Vovô está adorando a nora que arrumou.

— Ele é um amor comigo. Faz todas as minhas vontades.

— Mamãe disse que Damien fez isso para tapear o velho.

Teri voltou-se surpresa para Paul, com a testa franzida. Ele tinha o dom de dizer coisas desagradáveis no meio da conversa mais inocente do mundo.

— Em que sentido?

— Ah, esqueça! Você não gosta que eu fale nesse assunto. — Nada disso! Quero saber o que sua mãe falou.

Paul fitou-a de relance, com o canto dos olhos.

— Você disse uma vez que não gostava de conversar sobre Damien e Melina e que preferia ignorar o que se passa entre os dois. Está lembrada? Aliás, você me ameaçou com um tapa na cara se eu insistisse.

— Está bem. Prometo que vou me comportar educadamente. Desembuche de uma vez, quero saber a verdade. O que foi que sua mãe disse?

— Depois não se queixe — disse Paul, com um suspiro de contrariedade, como se o assunto lhe desagradasse. — Quando mamãe soube que Damien tinha casado, ficou muito surpresa com a notícia. Não podia entender como um homem que preservava tanto a liberdade tinha se prendido finalmente a uma mulher, por mais bonita e atraente que fosse. A menos que Damien tivesse agido assim para encobrir o caso que mantinha clandestinamente com Melina.

— Você está inventando! — exclamou Teri, com os lábios trêmulos. — Sua mãe não falou isso. Aposto!

— Juro que estou repetindo textualmente as palavras dela. Aliás, a opinião de mamãe corresponde exatamente ao que presenciei pessoalmente quando cheguei aqui.

— O que você presenciou? — perguntou Teri, de cara fechada. Cada palavra de Paul doía como uma facada no coração.

— Você também viu o romance entre os dois. Melina se desmancha em atenções toda vez que Damien entra em cena. Eu vi os dois cochicharem pelos cantos, inclusive no quarto dela. Vi Damien voltar de madrugada para casa, após passar a noite na companhia de Melina. Além disso, ouvi as brigas terríveis que Damien e meu avô tiveram por causa dela...

— Por causa dela?

— É. Vovô não se conforma de ser velho. Uma vez, inclusive, ele acusou Damien publicamente de flertar com as mulheres casadas, como se fosse uma indireta a situação existente na sua própria casa.

— Não é possível! O que Damien disse?

— Ele não negou a acusação. Pelo contrário, defendeu o direito de levar a vida que quisesse. Por sinal, ele foi muito ríspido com meu avô. A tal ponto que o velho não se conteve e lançou o ultimato: se Damien não casasse e não tivesse um filho no prazo de um ano, ele iria deserdá-lo e afastá-lo da posição que ocupava na companhia. Como você sabe, vovô conserva ainda a maioria das ações e tem voz ativa em todas as reuniões da diretoria. Você não faz idéia do quebra-quebra que foi aquela tarde. Os dois quase se pegaram. Damien saiu de casa, furioso, e disse que nunca mais punha os pés ali. Vovô teve um acesso de tosse e foi levado às pressas para o quarto. Essa situação se prolongou durante uma semana. Vovô sofreu terrivelmente. Ele tinha medo de que Damien cumprisse sua promessa.

Paul fez uma pausa e fitou-a nos olhos, procurando adivinhar seus pensamentos.

— E aí? — perguntou Teri, impaciente para ouvir o fim da história.

— Uma semana depois, vovô recebeu um telegrama de Damien anunciando que tinha casado e que estava levando a mulher para ser apresentada a ele. Você ainda acha que estou inventando?

Teri abaixou sem querer a cabeça, vencida pela evidência.

— Não, não acho. Deve ser verdade.

— Você pode imaginar a alegria do velho quando recebeu o telegrama.

— Imagino — murmurou Teri com a voz sumida.

A explicação de Paul encaixava-se perfeitamente a tudo o que ela observara pessoalmente desde que chegara a Skios. Ela mesma não entendia o motivo que levava Damien a casar-se na correria, com uma mulher que conhecera casualmente num cassino. Agora tudo se explicava. Todas as peças do quebra-cabeça encaixavam-se perfeitamente umas nas outras. Inclusive as crises de mau humor que Damien manifestava e que a levavam a duvidar do sentimento que nutria por ela.

— Você ficou magoada com o que eu disse? — perguntou Paul, ao notar sua expressão abatida. — Desculpe, querida, mas você insistiu.

— Não foi nada — negou Teri, procurando fazer cara alegre. — Foi bom eu saber. Quanto tempo você pretende passar aqui, desta vez?

— Eu vim apenas dar um alô e vou voltar hoje mesmo para Atenas.

— Eu vou com você — disse Teri impulsivamente, levantando-se da borda da piscina. — Vamos entrar? O sol está queimando.

— Quando Damien vai voltar?

— Na quinta ou sexta, de manhã. — Teri deu o braço a Paul e os dois dirigiram-se para dentro de casa. — Gostei muito de revê-lo, Paul. Vamos fazer um programa nesse fim de semana, como aquela vez?

— Você está falando sério?

— Lógico.

— Legal! Vamos jantar no Plaka. Eu vou telefonar para Lily e Chuck. Talvez eles queiram ir com a gente. Vai ser superlegal!

Tudo saiu como Teri planejava. Ela viajou naquela tarde para Atenas, jantou fora com Paul e, no dia seguinte, comprou passagem de avião para Londres. Feito isso, voltou para casa e escreveu um bilhete para Damien, explicando friamente a razão de sua partida repentina.

"Após refletir de cabeça fria sobre nossa situação, cheguei à conclusão de que não podemos viver juntos. O homem que se casa por uma razão puramente egoísta e interesseira está se conduzindo de maneira condenável sob todos os aspectos. Com minha partida, você terá um pretexto justo para se divorciar de mim, conforme combinamos anteriormente. Espero que não haja necessidade de nos encontrarmos mais depois disso. Não insista, por favor."

Embora tivesse escrito a carta da maneira mais objetiva possível, Teri sentiu uma certa apreensão quando desembarcou no aeroporto de Londres e tomou um táxi para casa. O que sua mãe diria? Ela se recusaria a recebê-la?

No momento, porém, em que Bridget abriu a porta da frente e avistou a filha a dois passos de si, todos os receios de Teri se desfizeram.

— Minha filha, que surpresa agradável! — exclamou Bridget, com a voz emocionada. — Ah, que saudade eu tinha de você. Quando foi que chegou?

— Agorinha mesmo.

— Entre, querida, entre. Vamos conversar na sala. Onde você deixou suas malas?

— Deixei no aeroporto. Não sabia se você estava em casa.

— Eu estou sempre em casa para os meus filhos — disse Bridget, fechando a porta da frente e dirigindo-se à sala de estar.

As duas sentaram-se no sofá, de frente para as margens tranquilas do rio Tamisa.

— O que aconteceu? Por que você não me avisou que vinha?

Teri ajeitou-se no sofá e resolveu desabafar de uma vez com a mãe, sem perder tempo com explicações inúteis.

— Eu me separei de Damien.

— O quê? — exclamou Brídget, arregalando os olhos.

— Tudo terminou entre nós.

— O que aconteceu?

— Não dava mais. Tudo tem um limite.

Teri levantou-se do sofá e debruçou-se no peitoril da janela. Era tarde e, entre as ramagens pendentes do chorão, podia avistar as águas cinzentas do rio, brilhantes como uma chapa metálica. As primeiras estrelas estavam começando a piscar no céu. Que horas seriam em Atenas? Será que Damien estava em casa? Recebera seu bilhete? O que estava fazendo? Conversando ou fazendo amor com Melina?

Afastou-se repentinamente da janela, com um suspiro fundo, quando o ciúme mordeu seu coração.

— Você ouviu o que eu disse? — perguntou Bridget.

— Não. Eu estava distraída. O que foi?

— Por que vocês brigaram? O que aconteceu realmente?

— Nosso casamento era uma farsa.

— Mas faz apenas três meses que vocês estão casados.

— Dois meses e meio — corrigiu Teri. — Eu não tinha a intenção de abandoná-lo já, nessa correria. Pretendia ficar casada um ano, pelo menos, mas não foi possível. Estou farta de ser humilhada...

— Ele foi cruel com você?

— Cruel? Não, de jeito nenhum! — exclamou Teri com um riso nervoso. — Pelo contrário, Damien foi um anjo de generosidade comigo. Ganhei inclusive uma casa em Atenas. Só para mim.

— Uma casa? — exclamou Bridget.

— É. Uma casa com jardim, linda de morrer. Posso vendê-la, alugá-la, hipotecá-la, como ele próprio disse.

— Nesse caso, por que você se separou desse homem, filha?

— Mamãe, será que você não entende? — perguntou Teri com impaciência. — Eu me casei com Damien por dinheiro, para saldar as dívidas de papai. Sabia que o casamento era uma farsa, sem pé nem cabeça, e que ia acabar de um dia para o outro. Eu apenas precipitei a separação. Só isso.

— E Damien concordou com a separação?

— Não sei. Não perguntei a ele.

— Você não se despediu dele? — indagou Bridget, horrorizada com a idéia.

— Não. Aproveitei para dar o fora enquanto ele estava viajando.

— Ah, eu não entendo os casais de hoje!

— Nem eu.

— Você tem certeza de que não rompeu o contrato ao agir dessa forma?

— Não sei. Realmente não sei. Pode ser que sim. Mas eu não podia ficar lá mais nem um minuto depois do que soube.

Bridget voltou-se no sofá e encarou-a nos olhos. Seu nervosismo era extremo. Ela não entendia como a filha podia conduzir-se com tanta frieza e sangue-frio. Afinal, o casamento era uma instituição sagrada.

— Você soube o quê?

— Que Damien se casou comigo para encobrir um caso com a mulher do pai. — Teri voltou-se para a mãe com a expressão torturada pelo ódio. — Você continuaria casada depois disso?

— Ah, meu Deus! — exclamou Bridget, horrorizada. — Isso é pior do que uma tragédia grega.

Teri deu uma gargalhada que aliviou momentaneamente a tensão.

— Também não precisa exagerar!

— Você fez bem em ter se separado, minha filha. Nossa família tem orgulho de ser honesta e nunca ninguém abaixou a cabeça diante dos outros. Faço votos de que tudo termine bem e que Damien não lhe cause mais nenhum aborrecimento.

— Eu também.

O desejo de Bridget foi atendido. Damien não procurou Teri em Londres, nem escreveu diretamente para ela. Tudo foi tratado através do advogado. Damien mandou informá-la de que recebera a carta e estava de acordo com a separação. Neste meio tempo, dera instruções ao

advogado para depositar mensalmente uma quantia no banco em nome dela, equivalente à mesada que recebia na Grécia.

— E o contrato? — perguntou Teri ao advogado. — Continua de pé?

— Meu cliente não fez nenhuma alteração nesse sentido. Aliás, há uma cláusula no contrato que prevê essa ocorrência. No caso de separação ou de divórcio, meu cliente se compromete a seguir à risca os termos do contrato. Isso significa, em outras palavras, que a dívida contraída por seu pai foi definitivamente quitada com a ação do casamento.

Teri deu um suspiro de alívio. Em parte, pelo menos, estava salva. A casa e a editora continuavam na família.

No dia seguinte, ela foi à editora a fim de ter uma entrevista com Harry, seu antigo chefe no Departamento Editorial.

— O que você manda? — perguntou Harry, após terem matado as saudades e atualizado as novidades.

— Eu queria voltar para cá — disse Teri com um sorriso sem jeito. — Você acha que tem um lugarzinho para mim?

— Olhe, eu gostaria muito de atender ao seu pedido, mas no momento não temos nenhuma vaga.

— Ah, que pena! Logo agora que eu estava precisando de um emprego.

— Mas você não tem um marido rico? Ele pode lhe dar uma mesada muito superior ao ordenado que você recebia aqui.

— Não é esse o problema, Harry. Eu preciso trabalhar, sinto falta de uma atividade. Você não pode me colocar em outra seção? Afinal, eu tenho algumas ações na editora.

— Está bem, vou ver o que posso fazer. Eu ligo para você logo que tiver alguma novidade.

— Você é um amigo.

Naquela semana, Teri sentiu os primeiros sintomas da gravidez, na forma de enjôo e tontura. Como não queria consultar o médico da família, nem alarmar a mãe inutilmente, marcou hora numa clínica particular. Após alguns exames, o médico confirmou que ela estava grávida.

O que faria agora pensou ao tomar um táxi para casa. Não comunicaria nada a Damien. Caso contrário, ele tomaria o filho dela, porque estava escrito no contrato que, em caso de separação ou de divórcio, o pai tinha plenos poderes sobre os filhos nascidos do casamento. Damien fora inflexível nesse ponto.

Teria que manter segredo, portanto, até a época do nascimento. Sairia de casa e iria trabalhar numa cidade onde não fosse conhecida. O problema era achar o emprego e a cidade. Teri estava disposta inclusive a aceitar o emprego de babá ou de secretária no estrangeiro, se não surgisse nenhuma oferta melhor.

No fim da semana, recebeu um telefonema de Harry.

— Você já ouviu falar em Miles Trinton?

— Claro. Nós publicamos um livro dele há alguns anos. Miles é catedrático em literatura grega na universidade.

— Isso mesmo. Ele está terminando um segundo livro sobre mitos na Grécia Antiga e precisa de uma secretária que se ocupe da parte de pesquisas bibliográficas. Você topa?

— Está perfeito para mim.

— Só que você terá que morar na Escócia durante alguns meses, provavelmente até o fim do ano.

— Não tem problema

— Miles é casado e a mulher dele é uma simpatia. Ela adorou a sugestão quando eu disse que você era filha do Alex. Os dois eram muito amigos do seu pai.

— Esse emprego caiu do céu. Quando posso começar?

— Imediatamente. Você tem uma caneta aí? Tome nota do endereço.

— Vou telefonar hoje mesmo — disse Teri, após anotar os dados que Harry lhe forneceu. — Você é um anjo. Não sei como lhe agradecer.

— Foi um prazer. Está contente agora?

— Muito.

Três dias depois Teri embarcou de trem para a Escócia. Helen, a mulher de Miles, foi esperá-la na estação.

— Alex falava muito em você — comenhou Helen, enquanto dirigia o carro pelas ruas movimentadas da cidade. — Nós ficamos consternados quando soubemos do acidente. Um homem tão moço. E sua mãe, como está passando ?

— Mamãe ficou muito contente quando eu disse que ia trabalhar com Miles. Por falar nisso, vocês moram longe do centro?

— Não muito. A uns trinta minutos de carro. Nossa casa era uma espécie de granja, no passado. Depois que papai morreu, nós resolvemos mudar definitivamente para lá. É mais sossegado, o ar é mais puro e a gente não sofre com os problemas das cidades grandes.

Teri ouviu distraída a explicação de Helen sobre as vantagens de morar num sítio afastado. Estava abatida com a viagem que fizera de trem, ligeiramente enjoada, e a paisagem cinza que avistava através da janela do carro não melhorou sua disposição. Parecia que o sol não ia sair nunca de trás das nuvens pesadas e que, dia após dia, acordaria com o céu encoberto, tristonho. Teri recordou com saudade os dias ensolarados na Grécia. O que aconteceria com a casa que Damien lhe dera? Quem cuidaria do jardim? Quem abriria as janelas para ventilar os quartos?

O carro fez uma curva fechada e mergulhou numa ladeira íngreme, dando outras guinadas bruscas à direita e à esquerda. A estrada litorânea acompanhava a encosta do morro e terminava na avenida beira-mar, que corria paralelamente à praia por algumas dezenas de quilômetros.

Teri começou a sentir-se enjoada e com falta de ar dentro do carro apertado. Felizmente, o carro estacionou logo depois diante do portão de ferro de uma casa que lembrava uma fazenda antiga. Helen desceu e abriu o portão.

— Miles, chegamos! — gritou ela para dentro de casa. O marido foi recebê-las no portão. Era um homem magro, ligeiramente encurvado, o que o fazia parecer mais baixo do que era na realidade.

— Como vai, Teri? — disse Miles, cumprimentando-a com um sorriso. — A última vez em que nos vimos você tinha dez anos, está lembrada?

Teri sorriu, sem jeito. Ela não se lembrava da metade dos amigos do seu pai.

— Mais ou menos.

— Fez boa viagem ou sofreu muito com as curvas da estrada?

— Um pouquinho.

— Helen é uma perfeita louca na direção. Ela desce com o pé na tábuia, como se fosse um piloto de corrida. É por isso que você está pálida assim?

— Eu estou um pouquinho enjoada, mas logo vai passar.

— Vamos entrar, gente. Eu vou preparar um aperitivo. O jantar está pronto.

Nos dias seguintes, Miles e Helen desdobraram-se em atenções para lhe ser agradável. Teri ficou hospedada no pequeno quarto no sótão da casa, que tinha o teto inclinado e uma janela dupla com vista para o rio.

A mobília do quarto era simples, mas confortável e, quando tinha um tempo livre, Teri sentava-se na varandinha com um livro na mão. Em vez de ler, porém, ela refletia sobre tudo o que lhe acontecera nos últimos tempos.

A localização da granja não podia ser mais pitoresca. Construída no alto do morro, cercada de verde e de campos plantados, terminava às margens do ribeirão que marcava os limites da estrada municipal. A planície verde estendia-se a perder de vista e, do outro lado da estrada, avistava-se a praia de areia escura que estava sempre deserta.

Depois que Teri se adaptou à nova vida os dias passavam rapidamente. O tempo estava firme naquele verão, com dias de sol forte e pouca chuva. Nas horas de folga, Teri dava passeios a pé pelos arredores, às vezes com Helen e os cães da casa, às vezes sozinha.

O período de enjoo e de mal-estar passou após algumas semanas. Teri recuperou-se rapidamente e experimentou uma grande vitalidade. Sua face adquiriu cor, os olhos um brilho saudável e ela sentiu-se mais animada e cheia de vida do que nunca.

No dia em que notou os primeiros movimentos do bebe na barriga. Teri marcou hora no médico. Como não podia sair de casa sem pedir o carro emprestado a Helen, resolveu abrir-se de uma vez e contar o que se passava.

— Não me diga! — exclamou Helen. surpresa ao ouvir a notícia. — Você tem certeza?

- Absoluta. Eu senti o bebe se mexer na barriga
- E seu marido? Onde ele está? Como se chama?
- Está na Grécia Talvez você o conheça de nome. Ele se chama Damien Nikenos,
- Claro que o conheço! Quem não conhece Damien de nome?

Miles ficou tão perplexo com a notícia quanto Helen, Arregalou os olhos e fungou um segundo em silêncio, sem saber o que dizer.

- Você não falou nada com seu marido?

— Não. Nós estamos separados. Eu não quero que ele saiba. Aliás, eu não contei nada a ninguém, nem mesmo à minha mãe. E preferia que esse assunto ficasse entre nós.

Miles coçou a cabeça, como se procurasse as palavras para expressar sua dúvida

- Seu marido é o pai da criança? — perguntou por fim. corando ligeiramente

Ten ouviu a pergunta com um nó na garganta. Se um homem bom como Miles tinha dúvida a respeito da paternidade, o que não pensariam as outras pessoas?

- É — respondeu, por fim. — Eu posso pôr minha mão no fogo.

- Nesse caso, eu acho que você devia avisá-lo.

- É impossível! — exclamou Teri com vivacidade. — Se ele souber, vai tirar o bebê de mim.

— Nenhum pai faz isso — disse Miles, procurando tranquilizá-la. — Os filhos do casamento pertencem mais à mãe do que ao pai. Isso é um costume aceito.

- Eu sei disso. Mas nós assinamos um contrato.

- Um contrato? — exclamaram os dois ao mesmo tempo.

Teri não teve outra alternativa senão contar a história toda, a dívida de Alex, o casamento absurdo, o contrato que dava a Damien plenos poderes sobre o filho e as razões que tinha para deixá-lo. Os dois ouviram atentamente, sem interrompê-la nenhuma vez. Foi Miles quem falou primeiro, quando Teri terminou.

— Você não devia tê-lo condenado sem antes ter uma conversa com ele. O marido tem o direito de defender-se das acusações que lhe são feitas. Todo réu é considerado inocente, a menos que seja provada a sua culpa. E isso que a lei determina. Mas, já que você agiu impulsivamente, a solução é assumir as consequências do seu ato.

— E se acontecer alguma coisa imprevista? — interveio Helen. — Muitas vezes os primeiros filhos dão problemas às mães.

— Helen tem razão — concordou Miles. — Seria bom você nos dar autorização para avisar alguém da família, em caso de necessidade.

— Somente minha mãe. Vocês podem comunicar o fato a ela, mas somente se for absolutamente necessário.

— Eu sou de opinião que sua mãe devia ser informada com antecedência — insistiu Helen. — Ela ficará profundamente magoada se você esconder isso dela. Sabe como são as mães...

— Está bom, gente — concordou Teri por fim. — Vocês me convenceram. Vou escrever para ela na primeira oportunidade.

CAPÍTULO VI

Na última semana de dezembro, Teri foi levada ao hospital para fazer uma operação cesariana, segundo recomendação do ginecologista que a examinou durante a última fase da gravidez.

— Sua bacia é um pouco estreita para um parto normal — explicou o médico. — A cesariana é aconselhável nesse caso como medida de segurança.

Embora estivesse apreensiva quanto ao resultado da operação. Teri aceitou imediatamente a sugestão do médico, porque não queria correr nenhum risco desnecessário. Foi internada, portanto, na clínica, numa manhã gelada de dezembro, a fim de ser anestesiada e preparada para a intervenção cirúrgica.

Uma hora depois, ao sair da sala de operação, foi informada pela enfermeira de que tudo corria normalmente e de que era a mãe de um menininho forte e saudável.

A enfermeira deitou o bebê no berço ao lado da sua cama e Teri passou o resto do dia num estado de sonolência, recuperando-se lentamente do efeito da anestesia. Com exceção de um

pequeno acesso de tosse, o bebê dormiu tranqüilamente a maior parte do tempo. Teri não se cansava de observar o rostinho miúdo com o punho fechado junto da boca.

Passou em revista tudo que lhe acontecera ultimamente. As brigas com Damien, a conversa com o sogro a respeito de não ter o físico robusto das matronas gregas, a crise de ciúme de Melina. Atravessara já a primeira fase de sua provação. Provara ao sogro que tinha força de vontade e resistência física. Não era em absoluto a moça frívola e medrosa que fugia das responsabilidades. Gostaria que Damien e Stephanos estivessem ali agora para ver o menino dormindo no berço. Mas, como podiam descobrir seu paradeiro, se ela não contara nada a ninguém?

Lágrimas de fraqueza e de emoção rolaram pela sua face. O orgulho que lhe dera coragem nos últimos meses para enfrentar sozinha a situação difícil e que a ajudara a suprimir os sentimentos de ternura que nutria por Damien estava começando a se evaporar lentamente. Por que agira dessa forma? Por que ocultara de Damien, e até mesmo de Stephanos, o nascimento do filho? Que direito ela tinha de ocultar-lhe a verdade, tanto mais que o filho era dele também? Ah, como gostaria que Damien compartilhasse de sua alegria! Fazia semanas que desejava sua vinda e que rezava secretamente para que Damien ignorasse seu pedido e a levasse de volta para a Grécia, para qualquer lugar, contanto que morassem juntos, na mesma casa, como antes.

— Então, como está passando? — perguntou a enfermeira ao sentar-se na cama e tomar o pulso de Teri. — Melhorou?

— Estou um pouquinho melhor — murmurou Teri com a voz sumida. — Eu queria que Damien visse o bebê. Eu gostaria que estivesse aqui.

— Quem é Damien, bem?

— É meu marido, o pai do bebê.

— Ah, bom. Fique tranqüila, ele virá certamente mais tarde, na hora das visitas.

— Não, ele não virá — disse Teri com a voz aflita, levantando a cabeça do travesseiro. — Ele não mora aqui e não sabe de nada do que aconteceu. — Tomou a cair sobre o travesseiro, enquanto as lágrimas rolavam pela face pálida. — Ah, eu quero que ele venha aqui. Eu quero muito.

A enfermeira levantou-se, endireitou a roupa da cama e preparou-se para sair.

— Você está com um pouquinho de febre, mas isso não é nada. Logo você estará completamente boa. Já escolheu o nome do filho?

— Ainda não — disse Teri, enxugando as lágrimas do rosto na ponta do lençol.

— Não tem nenhuma ideia?

— Que dia é hoje?

— Vinte e sete de dezembro, e seu filho nasceu às nove horas da manhã.

— Vinte e sete de dezembro — repetiu Teri, pensativa. Um dia depois do aniversário de Stephanos. Dia de Santo Estevão. — Já sei. Meu filho vai se chamar Stephen.

A enfermeira deu um sorriso.

— Muito bem. Você escolheu um bonito nome. Seu filho vai ter um padroeiro forte.

Cinco dias mais tarde, Teri recebeu alta do hospital. Tanto ela quanto o bebê estavam gozando de perfeita saúde e não necessitavam mais de cuidados especiais. Miles e Helen levaram-na de volta para casa onde Teri encontrou cartas e presentes à sua espera. Não havia, porém, nenhuma notícia de Damien, nem mesmo um canção postal. Como Damien podia escrever se não sabia onde ela estava? Ela não dera seu novo endereço.

Guardando em segredo sua decepção, repetindo consigo mesma que só desejara a visita de Damien num momento de fraqueza. Teri afastou os pensamentos depressivos da cabeça e dirigiu toda a sua atenção e energia para o trabalho. Miles estava terminando o livro e, nas horas de folga, o bebê ocupava todo o seu tempo. Ela não precisava pensar em Damien para se distrair.

No fim de janeiro, o manuscrito datilografado da obra estava praticamente terminado e pronto para ser impresso. Miles iria pessoalmente a Londres, a fim de entregar o trabalho nas mãos do editor.

— Você não gostaria de ir comigo? — perguntou a Teri numa tarde em que tomavam café juntos.

— Gostaria muito. Aproveitaria para fazer uma visita a minha mãe.

— Ela vai delirar quando enxergar esse seu bebê.

Teri deu um sorriso de satisfação. Todas as pessoas diziam a mesma coisa: Stephen era um dos bebês mais lindos e saudáveis que já tinham visto. Era natural que ela se sentisse orgulhosa do filho.

Na véspera da partida, Teri subiu ao quarto no sótão, a fim de arrumar a mala. Stephen tinha acabado de tomar a mamadeira e estava dormindo no quintal, embaixo de uma barraca de sol que Helen lhe emprestara.

Teri punha as roupas dentro da mala automaticamente, com o pensamento em outra pane. A vista da janela lembrava a de sua casa em Atenas, se bem que o céu da Grécia fosse muito mais luminoso que o da

Escócia. Aliás, naquele dia, o céu estava tão limpo que se podia avistar o pico distante da montanha que pairava sobre a região dos grandes lagos. O que Damien estaria fazendo a essa hora? Estaria em Atenas ou em Skios, na casa do pai? E Stephanos, sentira falta dela? Eles se davam muito bem, apesar da grande diferença de idade, e costumavam conversar horas a fio sobre isso e aquilo.

— Teri! Você está ocupada?

Ela reconheceu imediatamente a voz forte de Miles, no corredor.

— Não. Pode entrar.

Miles abriu a porta com o rosto corado de excitação e fitou-a por trás das lentes grossas dos óculos.

— Chegou uma visita para você. Está lá embaixo.

— Uma visita? repetiu Teri com a testa franzida. — Quem é?

— Adivinhe — disse Miles, saindo do quarto com um ar de mistério. Quem podia ser? Alguma vizinha que passara para trocar um dedo de prosa e saber notícias do bebê? Teri fizera algumas amizades durante sua estadia na casa de Miles e, quando Stephen nasceu, ela ganhou um verdadeiro enxoval de presente.

— Diga que eu já vou, Miles.

Sentou-se no banquinho da penteadeira e escovou os cabelos rapidamente. Em seguida, passou uma camada leve de pó compacto e um pouquinho de sombra nos olhos. Quem podia ser? repetiu consigo, enquanto fazia o contorno dos olhos com o lápis. Se fosse uma vizinha, Miles não faria aquela cara de mistério. Só podia ser uma pessoa. A imagem de Damien passou rapidamente pela sua mente, mas ela a afastou na mesma hora, como totalmente improvável. Como Damien a encontraria nesse fim de mundo?

Desceu a escada com um pressentimento estranho. Não havia ninguém na sala de visitas, a não ser os dois cachorros que estavam deitados em cima do tapete, cochilando. Um deles levantou a cabeça e acompanhou-a um instante com a vista. Estavam cansados depois da corrida matinal que tinham dado com Miles. Não havia ninguém na copa, também. Teri rumou ligeiramente para o quintal. A porta da cozinha estava entreaberta e, pelo vão, ela avistou um vulto debruçado sobre o berço.

Assustada com o pensamento de que o desconhecido podia acordar sem querer o bebê, Teri correu naquela direção e parou estupefata quando o homem voltou-se ao ouvir seus passos. — Damien! O que você está fazendo aqui?

Ele fitou-a de relance, com a fisionomia impassível, ignorando a pergunta e voltou a olhar atentamente para o bebê, que dormia à sombra da barraca de sol.

— Ele parece comigo — disse por fim. — Eu sempre achei que todos os bebês eram iguais, mas esse aí é a minha cara!

— Claro, é seu filho — acrescentou Teri com uma certa rispidez. Passada a surpresa inicial, a presença de Damien voltou a incomodar como uma ferida em carne viva.

— Você tem certeza?

— Absoluta.

O encontro que ela desejara tanto estava começando a produzir seu efeito habitual. Ao invés de demonstrar alegria, Damien não perdia a oportunidade de agredi-la, adotando uma atitude cínica que a exasperava profundamente.

— De fato, ele se parece comigo, mas Paul também tem os mesmos traços de família.

— Não é possível! — exclamou Teri, sem conter mais tempo sua indignação. — O que você está insinuando?

Ela estava tão fora de si que não podia pronunciar as palavras com serenidade. Tomada subitamente de uma fúria incontrolável, levantou a mão e desferiu um tapa violento no rosto dele. Sem aguardar a reação, fez meia-volta e entrou em casa. Estava subindo a escada quando se lembrou de que havia deixado o bebê sozinho no quintal. Damien podia vingar-se do tapa e fugir com o filho. Tomada de pânico, desceu correndo e voltou ao quintal. Damien observou-a aproximar-se com os braços cruzados sobre o peito. Ela evitou seu olhar e mordeu o lábio ao ver a marca vermelha que o tapa deixara no rosto dele.

— Por que você disse isso? Por que você achou que podia ser filho de Paul?

— Simplesmente porque vocês saíram diversas vezes juntos, enquanto eu estava fora. Vocês passaram dois dias em Atenas, na mesma casa, lembra? Eu sempre pensei que havia alguma coisa entre vocês.

— Nunca houve nada. Como você sabia que eu estava aqui?

— O advogado me deu o seu endereço. Quem é o homem que abriu a porta para mim? Seu amante?

— Miles — exclamou Teri, perplexa com a opinião que Damien fazia dela. Para todos os efeitos, ele a considerava uma mulher leviana, que se deitava com o primeiro homem que encontrava. — Miles é o dono da casa. É casado e a mulher dele é minha amiga. Eu estou trabalhando para ele.

— Que tipo de trabalho?

— Faço pesquisas bibliográficas para o livro que ele terminou de escrever e vai levar para o editor em Londres. Eu vou aproveitar e fazer uma visita à minha mãe.

— Podemos voltar juntos.

Teri avistou o carro esporte parado diante do portão de casa.

— Você veio de carro.

— Vim. Eu não conhecia a Escócia. É muito interessante. Além de ser extremamente pitoresca, como paisagem. Estou encantado com a região. E você? Está gostando daqui?

Teri deu um sorriso sem jeito.

— Eu engordei um quilo depois que vim morar aqui.

— A maternidade vai bem com você. Seu rosto está mais cheio. Você esta com ótima aparência.

— É o clima. — Ela mudou de inflexão. — Alguém falou com você a respeito do bebê?

— Não, ninguém. Eu não sabia de nada. Foi somente quando cheguei aqui e dei de cara com esse bebê que é a minha cara, por sinal. Por que você não mandou dizer?

— Eu não linha certeza.

— Do quê? De que o filho era meu?

— Não, claro que não! Eu tinha certeza absoluta de que o filho era seu. Eu não tive nada com mais ninguém, se é isso que você quer saber. Eu não tinha certeza se estava grávida.

— Ah, sim.

Damien afastou-se um passo e aproximou-se da barraca, embaixo da qual estava o berço.

— Meu pai está muito mal.

— O que ele tem? — exclamou Teri, surpresa. — For que você não me escreveu?

— Eu achei preferível dar a notícia pessoalmente. Gostaria que você voltasse comigo. Ele precisa muito de nossa companhia. Aliás, perguntou várias vezes por você. Vai ficar feliz quando souber que é avô.

Teri ouviu o comentário em silêncio, sentindo uma pontada no coração. O sentimento anterior de surpresa deu lugar à raiva. Como era possível alguém ser tão egoísta? Damien fizera toda essa viagem unicamente para conquistar as boas graças do pai, de quem dependia econômica e socialmente.

— Eu vou pensar — disse Teri por fim, ao avistar Helen, que estava de volta da cidade.

Miles ajudou a mulher a retirar os embrulhos e pacotes de dentro do carro e os dois rumaram juntos em direção à porta da frente. Miles e Helen eram um casal harmonioso, que ignoravam os dramas e os conflitos da vida conjugal. Eram muito amigos e raramente se desentendiam. Teri pelo menos nunca presenciara um atrito entre os dois. Resolviam todos os problemas do cotidiano

amigavelmente, sem levantar a voz. Miles, por sinal, era de uma paciência a toda prova e tinha verdadeira adoração pela mulher.

— Lembre-se de que meu pai tem poucos dias de vida — insistiu Damien. — Talvez nem mesmo uma semana.

Ela voltou-se e encarou-o no fundo dos olhos. Havia uma expressão de urgência no rosto dele e uma

palidez que não lhe era habitual. As olheiras fundas em volta das órbitas eram de alguém que passará muitas noites em claro.

— Está bem, eu vou com você. Mas vou fazer isso unicamente por causa de seu pai.

Uma sombra de amargura encobriu os olhos dele por uma fração de segundo.

— Eu agradeço em nome dele.

Miles e Helen não esconderam a alegria ao encontrar os dois juntos.

— Muito prazer em conhecê-lo — disse Helen com animação, estendendo a mão para Damien. — Teri me falou muito de você. De certa forma, nós já somos velhos conhecidos.

— O prazer é meu — disse Damien, com um sorriso cativante. — infelizmente eu estou de partida e não vou poder conhecê-la mais intimamente.

— De jeito nenhum! — exclamou Helen. — Nós fazemos questão absoluta de que você fique aqui. Eu vou fazer seu quarto enquanto Miles vai preparar uma bebida para vocês tomarem. Estou muito contente que vocês tenham feito as pazes.

Teri abaixou a cabeça e evitou o olhar que Damien lhe dirigiu. Ela não podia ser indelicada e desmentir as palavras da amiga. No fundo, isso não tinha a menor importância no momento. Ela ia viajar com Damien no dia seguinte e, durante uma semana pelo menos, teria tempo de sobra para pensar no futuro.

Na tarde daquele dia, Damien acompanhou Teri num passeio que deram com o bebê pelos arredores da propriedade. Teri tinha a sensação curiosa de que estava andando num sonho. Parecia tudo irreal, muito diferente das duas semanas que tinham passado juntos na viagem de lua-de-mel pelas ilhas do mar Egeu. A lembrança mais viva que ficara daquela época era das vezes sem conta em que tinham feito amor. Aliás, o produto do sexo estava deitado agora no carrinho que Damien empurrava pelo caminho arborizado, com a alegria e o orgulho de um verdadeiro pai de família.

Quando voltaram para casa, no fim da tarde, Damien ajudou-a a pôr o bebê na cama. Teri sentiu uma pontada de ciúme ao ver a maneira como Damien segurava o filho no colo e lembrou-se da cláusula do contrato segundo a qual, em caso de divórcio, ele assumiria automaticamente a educação do filho.

A impressão de irrealidade que experimentara no passeio à tarde repetiu-se à mesa do jantar. Era realmente Damien, o milionário grego conhecido no mundo inteiro, que conversava com Miles e Helen sobre assuntos domésticos? Teri ouviu a conversa boquiaberta. Ela desconhecia completamente esse aspecto do marido.

Depois de dar a mamadeira das dez horas da noite ao filho, Teri voltou à sala de estar e encontrou Damien sozinho, folheando uma revista, no sofá. Miles e Helen tinham se recolhido mais cedo, com o pretexto de que iam acordar de madrugada para a viagem de carro.

— Sua mãe já sabe que é avó? — perguntou Damien, quando Teri se sentou ao seu lado,

— Já. Eu telefonei para ela do hospital.

— Ela vai ficar contente de ver o neto.

Teri não podia comentar com Damien a briga que tivera com a mãe por causa de seu casamento, nem a conversa que as duas tiveram depois que voltara da Grécia. Limitou-se por isso a dar um beijo discreto, dando a entender que não queria prolongar a conversa pela noite adentro. Damien percebeu no mesmo instante a indireta.

— Você está com sono?

— Um pouco.

— Não se prenda por minha causa. Vou terminar de ler esta revista e vou para meu quarto.

— Até amanhã, então.

— Boa noite, Teri. Durma bem.

A viagem do dia seguinte transcorreu normalmente. Stephen dormiu o tempo todo no banco de trás e acordou apenas nas horas da mamadeira. Durante a viagem, os dois conversaram sobre

diversos assuntos e Damien contou em pormenores a doença do sogro depois da partida de Teri da ilha. Stephanos fora operado de uma complicação renal em Nova York, onde foi tratado pelos melhores médicos do mundo.

— Mas tudo foi inútil — acrescentou Damien. — Em novembro ele pediu para ser levado de volta para casa. Queria morrer na ilha onde residira uma boa parte de sua vida.

— Coitado.

— Procurei fazer todas as vontades do meu pai nestes últimos meses. Foi por isso, inclusive, que insisti para você ir vê-lo.

Teri ouviu o comentário em silêncio. Estava tão ocupada nos últimos meses com seus problemas pessoais que não podia imaginar que o sogro sofrera uma crise repentina que parecia ser fatal. Ao ouvir Damien falar sobre o pai com a voz emocionada, ela se esqueceu momentaneamente da conversa que tivera com Paul, segundo a qual Damien agia assim por interesse, para conquistar as boas graças do pai.

Quando a chuva começou a cair, no início da tarde, Stephen acordou com a mudança brusca da temperatura e agitou-se no berço. Ele só se acalmou um pouco depois que Teri o segurou no colo. No momento em que Damien parou o carro no portão da casa de Bridget, Teri estava exausta e nervosa com a viagem.

Bridget abriu correndo a porta de casa ao reconhecer a filha, da janela. Imediatamente segurou o neto no colo com a fisionomia aberta num sorriso.

— Meu queridinho! — disse Bridget, levando o bebê no colo para dentro de casa. — O que foi que eles fizeram com você, coração? Por que você está chorando? Você está com fominha? Quer uma sopinha feita pela vovó, quer? Eu vou fazer para você.

— Mamãe, ele acabou de tomar a mamadeira — disse Teri com firmeza. — Ele não pode comer nada agora.

— Coitadinho! Como você trata mal o seu filho.

Nesse meio tempo, Stephen tinha parado de choramingar e olhava para tudo em volta com os olhos arregalados.

— Mamãe, eu queria apresentá-la a Damien.

Bridget estendeu a mão livre. Com a outra, estava dando palmadinhas nas costas do bebê.

— Muito prazer. Até que enfim nós nos conhecemos!

— Pois é. Infelizmente eu não pude vir aqui antes — disse Damien com um sorriso, procurando conquistar a simpatia da sogra.

— Nós vamos para a Grécia, amanhã — interrompeu Teri. — Meu sogro está muito mal e Damien veio me buscar para irmos até lá.

— Ah, que pena! Eu gostaria tanto que vocês ficassem alguns dias comigo.

Durante o jantar, Damien foi apresentado a Dick, o irmão mais moço de Teri, que tinha terminado a faculdade e estava trabalhando na editora do pai. Dick monopolizou a atenção de Damien uma boa parte da noite, conversando sobre atletismo e competições universitárias.

— Damien é muito diferente do que eu imaginava — comentou Bridget, quando as duas se encontraram sozinhas na cozinha.

Teri estava fazendo a última mamadeira de Stephen.

— Como você pensava que ele fosse?

— Sei lá. Um desses gregos milionários que a gente vê nos filmes. De óculos escuros e terno de ombros largos.

Teri deu uma risada.

— Você está confundindo os gregos milionários com os membros da máfia.

Bridget não se deu por achada.

— Seja como for, eu fiquei contente que vocês tenham feito as pazes. Onde vocês vão morar?

— Na ilha. Mas não se esqueça de que é somente durante algum tempo. Eu devo estar de volta aqui dentro de algumas semanas.

— Não diga isso, filha! Se vocês passarem algum tempo juntos, você não vai querer mais se separar. Por falar nisso, eu já arrumei a cama de vocês no quarto de hóspedes.

— Eu vou dormir no meu quarto com Stephen — disse Teri, com obstinação.

— Mas sua cama é muito estreita — comentou Bridget com paciência.

— Não dá para duas pessoas. Faça o que eu estou dizendo. Durma no quarto de hóspedes. É muito mais confortável.

— Damien pode dormir lá sozinho — disse Teri, apanhando a mamadeira e subindo para o quarto.

Teri não via a hora de embarcar para a Grécia. Lá, pelo menos, ninguém reparava em que quarto ela dormia. Tanto na ilha quanto em Atenas, havia quartos e camas de sobra.

Entretanto, vinte e quatro horas depois, deitada na cama do seu quarto em Skios, olhando para o céu estrelado através da vidraça, Teri sofreu a mesma crise de ciúme da primeira noite em que passou na ilha, um ano atrás, indagando consigo mesma onde Damien estava dormindo, se é que estava dormindo... Quem sabe não estava com Melina?

Na manhã seguinte, Tina cuidou de Stephen como se fosse seu próprio filho. Deu banho no menino, preparou a mamadeira e levou-o para passear pelo jardim da casa, sem perguntar antes se podia ou não sair com a criança.

— Não fique com ciúme — comentou Damien à mesa do café. — Tina adora crianças. Elaine carregou no colo quando eu era pequeno.

— Isso é diferente — disse Teri, contrariada. — Sua mãe tinha que sair e não podia cuidar o tempo todo de você. Mas eu estou em casa e prefiro tomar conta do meu filho.

— Por quê? Você não confia nela?

— Não é isso.

— Por quê, então?

— Porque ele é meu filho, bolas!

— É meu também. E agora que ele está aqui, ele vai ficar aqui. Certo? Teri colocou a xícara de café em cima da mesa. A briga que ela tanto temia estava se anunciando no horizonte. Damien recorrera a um estratagema para levá-la de volta à ilha, com o único propósito de apoderar-se do filho.

— Você não pode ser tão cruel assim! Eu não acredito que você vá tomar meu filho...

— Eu não vou torná-lo, se você morar aqui — disse Damien levantando-se da cadeira. — Eu disse a meu pai que nós íamos subir logo depois do café. Você está pronta?

Teri subiu o morro em direção à casa do sogro com o coração pesado. O dia estava quente e o vento que soprava do mar trazia as primeiras nuvens anunciadoras de tempestade. A casa grande no alto do morro

conservava seu aspecto imponente de sempre, cercada por árvores altas que revelavam pouco a pouco as diversas dependências da casa. As colunas de mármore cintilavam à luz da manhã. As trepadeiras cobriam as paredes brancas de verde, num contraste vibrante de cores.

Foram diretamente ao quarto onde Stephanos passava os dias desde que ficara acamado. Stephanos recebeu-os com alegria, mas Teri ficou surpresa com a mudança ocorrida com o sogro no último ano. Ele parecia ter encolhido e dava mais a impressão de um esqueleto coberto de pele do que de um homem de carne e osso. Mesmo assim, conservava o brilho enérgico nos olhos pretos.

O primeiro olhar dele foi dirigido ao neto.

— Posso segurar o menino no colo? Ou você tem medo de que eu o deixe cair?

Teri deu um passo à frente e colocou o filho no colo de Stephanos. As mãos magras e ossudas estreitaram a criança com ternura. Stephanos murmurou alguma coisa em grego e Teri viu as lágrimas rolarem pelo rosto pálido, murcho, sem vida. Ele levantou a cabeça no mesmo instante com um sorriso malicioso nos olhos. — Você agüentou firme. Parabéns. Mostrou que tem coragem.

Teri enxugou uma lágrima.

— Viu só?

— Muito obrigado por ter vindo me ver, minha querida. Esqueça aquela conversa que tivemos uma vez.

No momento em que Teri saiu do quarto do sogro, com o filho no colo, Damien segurou-a pelo braço

— Que conversa foi essa que vocês tiveram?

— Ah, faz tempo. Seu pai me disse um dia que eu não era a mulher indicada para casar com você. Ele disse ainda que eu tinha a cintura fina e que não podia ter filhos. Ele tinha razão, no fundo. Eu fiz cesariana

— E você não me disse nada? — exclamou Damien em voz alta. — Você podia ter morrido. Por que escondeu isso de mim?

Perturbado pela discussão entre os dois, Stephen começou a choramingar nos braços de Teri.

— Você está machucando meu braço — protestou Teri. — Solte-me, por favor. Eu não falei nada porque não queria que você levasse embora meu filho.

Damien soltou o braço dela com um safanão e rumou na frente para casa. Durante alguns minutos os dois caminharam em silêncio por entre os pés de pinheiros e de eucaliptos. Quando Damien tornou a falar, a voz dele estava áspera e rouca.

— Você não pode ter filhos de parto normal?

— Creio que não.

Por entre os galhos das árvores avistava-se o brilho intenso do céu azul. O vento trazia o barulho das ondas que quebravam nas pedras. Além disso, ouvia-se apenas o chiado estridente dos grilos e o canto alto das cigarras.

— Não tem importância — disse Damien abruptamente, como se pensasse em voz alta.

— O que não tem importância?

— Não tem importância se você não puder ter mais filhos. Um basta. Ele estendeu a mão para segurar o bebê no colo.

— Deixe-me levá-lo um pouco. Você deve estar cansada.

As três semanas seguintes transcorreram num clima de tensão. Stephanos estava à beira da morte. Teri visitava o sogro todas as manhãs e deixava o filho aos cuidados de Tina. Às vezes Damien a acompanhava nessas visitas, quando não embarcava cedo para Atenas, a fim de resolver algum assunto urgente no escritório da companhia. Nos dias em que Damien ia com ela ao quarto do sogro, Teri tinha a impressão de que os dois estavam se aproximando pouco a pouco um do outro. Tanto ela quando Damien evitavam os assuntos que produziam atritos e procuravam manter um relacionamento harmonioso na presença do sogro.

Como os quinze dias da lua-de-mel, as duas semanas que antecederam a morte de Stephanos marcaram profundamente a memória de Teri. Embora não houvesse amor nem contato físico, a intimidade agia como um poderoso calmante. Teri sentia-se bem na companhia de Damien, afastava cuidadosamente todas as ocasiões de conflito, procurava ser a companheira amável e terna que todo marido deseja ter. Damien, por sua vez, rivalizava com ela em atenções e palavras de carinho.

Como era de prever, porém, a situação se modificou um dia. A saúde de Stephanos declinou sensivelmente no início da semana e os parentes distantes foram chegando nos dias seguintes para assistir às últimas horas do chefe da família.

Teri estava tão ocupada com suas obrigações pessoais que não tinha tempo nem vontade para fazer sala aos hóspedes de passagem. Por outro lado, a intimidade que mantinha nos últimos dias com Damien sofreu com isso. Ela passou a vê-lo raramente, na correria, somente à mesa do almoço ou do jantar e, pior do que tudo. Melina estava de volta e, com ela, as crises de ciúme.

Para surpresa de todos, Marilyn, a mãe de Damien chegou à ilha inesperadamente, poucas horas antes da morte de Stephanos.

Alta, elegante, vestida com um conjunto de tafetá de uma simplicidade clássica, os cabelos negros e os olhos castanhos de um brilho incomparável, Marilyn parecia muito mais moça do que era na realidade. Ninguém diria, ao vê-la atravessar o *hall* da entrada com o andar gracioso de uma manequim, que ela era a mãe de Damien.

— Eu queria muito conhecê-la — disse Marilyn apertando com animação a mão de Teri. — Damien me falou de você. Eu acabei de ver o seu filho no colo da babá. Você está de parabéns. Ele é o bebê mais lindo que eu já vi. Só lembro uma coisa: agora todos vão saber que eu sou avó

— Ninguém vai acreditar — comentou Teri com uma risada. — Você não tem um fio de cabelo branco

Sem fazer a menor cerimônia, Marilyn retirou a peruca que usava e mostrou a Teri os cabelos grisalhos, cortados curtinhos.

— Está vendo? É uma desgraça. A gente envelhece sem querer. E você? Que idade você tem?

— Vinte e dois.

— Que beleza! Você está na flor da idade. Meu filho é um maroto muito grande. Ele saiu ao pai...

Nos dias seguintes, Teri teve muitas oportunidades de conversar com Marilyn. Alegre por natureza, ela animava as conversas com seus comentários picantes e bem-humorados. Ao contrário dos outros membros da família, que adotaram uma atitude sombria durante a cerimônia do enterro, Marilyn continuou a mesma de sempre.

Aproveitando um momento em que os parentes estavam reunidos na sala, ela saiu com Teri em direção ao jardim.

— Eu queria ter uma conversa íntima com você antes de ir embora — disse Marilyn, dirigindo-se a um banco de madeira que havia embaixo de um eucalipto. — A família de Stephanos não pode me ver nem pintada.

— Por quê? — perguntou Teri, surpresa com a franqueza da outra.

— Porque eu fui a única que tive um filho homem. Você ouviu falar na primeira mulher de Stephanos?

— Muito por alto.

Ela se chamava Cassandra e era filha única de um magnata da navegação mercante. Stephanos foi o terceiro marido de Cassandra. Pouco a pouco, Stephanos passou a controlar a empresa do sogro, até ser o principal acionista. Os dois estavam casados há pouco mais de um ano quando Stephanos confessou à mulher seu desejo de ter um filho. A princípio, Cassandra relutou em atender o pedido. Ela fora casada duas vezes antes e sempre se recusara terminantemente a ter filhos. Dessa vez, porém, ela acabou cedendo, diante da insistência do marido. Cassandra teve duas filhas, Katina e Andrea. Entretanto, ao ficar grávida pela terceira vez, teve uma complicação e foi levada às pressas para o hospital. Os médicos não puderam fazer nada. Ela perdeu a vida no parto prematuro.

— Que horror! Eu não sabia desse fato.

— Stephanos ficou muito abalado com a morte da mulher e o desejo de ter um filho homem tornou-se uma obsessão com o passar dos anos. Fazia uma semana que tínhamos sido apresentados em Nova York quando ele me pediu em casamento. Por alguma razão misteriosa, ele tinha certeza de que eu lhe daria um filho.

— Paul me contou esse pedaço — disse Teri.

— Você ficou chocada, evidentemente?

— Um pouco. Depois, porém, eu compreendi o motivo que a levou a aceitar o casamento.

— Ele não gostava de mim, nem eu dele. Além disso, a família inteira me odiava porque Damien era o filho predileto de Stephanos. Por falar nisso, Stephanos alterou o testamento no último minuto, quando soube que vocês tinham um filho.

— Alterou o testamento? — indagou Teri, surpresa. — Como você sabe disso?

— Foi Damien que me contou. Foi por isso que eles se pegaram na sala. Você não viu? Você não observou que Paul está jururu, como se tivesse perdido a sorte grande?

— De fato, Paul me pareceu meio triste nos últimos dias. Mas eu não sabia que isso tinha a ver com o testamento.

— Evidentemente que sim. O filho que você teve com Damien alterou completamente a situação familiar. A parte da fortuna destinada anteriormente a Paul passou automaticamente para o neto de Stephanos.

— Ah, agora estou entendendo! Coitado do Paul.

— Vocês dois tiveram um caso, não foi?

— Nunca! — exclamou Teri com vivacidade. — Paul e eu somos apenas amigos, mais nada. Nunca tivemos nada um com o outro. Dou minha palavra.

— E Paul nunca tentou separá-la de Damien? — insistiu Marilyn com sua franqueza habitual.

— Bem, ele me contou que Damien tinha casado comigo apenas para encobrir uma aventura que tinha com Melina.

— Está vendo só! — exclamou Marilyn, levando a mão ao rosto. — Que patife! Melina é amiga deles. A família faz frente unida para afastar Damien e eu da herança. Você sabia que Melina é prima distante de Paul?

— Não, não tinha idéia. Paul nunca me falou nada.

— Melina veio morar aqui a fim de fazer companhia a Stephanos durante sua convalescença. Em seguida, a família fez tudo para casá-la com Damien. Foi por isso que Stephanos se casou com Melina, para não haver perigo de Damien casar com a prima, mesmo em segundo grau.

Nesse instante, a conversa íntima entre as duas foi interrompida pela chegada de Arnie.

— Damien mandou informar que o helicóptero já chegou — disse Arnie a Marilyn.

— Ah, muito obrigada, Arnie. Eu já estou indo. — Ela voltou-se mais uma vez para Teri. — Gostei muito de conhecê-la. Vá me ver um dia em Nova York.

— Está combinado. Irei, sem falta. Boa viagem Marilyn e tudo de bom para você.

A tarde transcorreu sem nenhuma novidade. Depois de pôr o filho na cama, Teri subiu o caminho de pedras miúdas que levava à casa grande, refletindo sobre tudo o que ouvira na longa conversa que tivera com Marilyn. Agora que a cerimônia fúnebre tinha terminado, urgia fazer um plano para o futuro. Sua função naquela casa terminara. Chegara o momento de despedir-se mais uma vez de Damien e da Grécia.

Teri, porém, não desejava partir. Queria permanecer com Damien após descobrir, finalmente, o laço estreito que os unia. Nas últimas duas semanas, Teri chegara à conclusão de que a vida só fazia sentido ao lado do marido. Entretanto, ela não sabia se este sentimento era recíproco.

Ah, se fosse possível recomeçar tudo de novo, namorar e noivar sem que a sombra de Stephanos pesasse sobre eles, corrompendo o sentido do relacionamento com motivos materiais. Se isso fosse possível, ela se apaixonaria sinceramente por Damien. Se não tivesse ouvido os comentários maldosos de Paul. Se houvesse conservado o coração inocente.

Ao subir os degraus que levavam à sala da frente, onde pensava encontrar Damien e os outros membros da família, Teri parou no último degrau e prestou atenção às vozes sussurradas que vinham do interior. A sala estava debilmente iluminada, mas podia avistar mesmo assim os dois vultos que conversavam na penumbra. Estavam cochichando, próximos um do outro, como ela os surpreendera outras vezes. Melina falava rapidamente, com nervosismo, como se estivesse prestes a explodir numa crise de choro.

No instante em que Melina segurou Damien pelos braços e afundou a cabeça no seu peito, Teri teve a impressão de mergulhar num pesadelo. Ela queria gritar: Não façam isso! Eu não quero que isso aconteça. Eu não quero saber o que se passa entre vocês.

O grito, porém, morreu em sua garganta. Em vez disso, fez meia-volta e desceu correndo a escada, assaltada subitamente por uma angústia imersa.

CAPÍTULO VII

Profundamente perturbada pela cena íntima que havia presenciado, Teri desceu correndo os degraus da escada e subiu o morro, em vez de tomar o caminho habitual que levava à casa de Damien, situada a uma centena de metros mais abaixo.

Embora a luz estivesse visível no horizonte, uma bola amarela que brilhava entre os galhos altos das árvores, era difícil localizar-se com segurança na escuridão. Era a primeira vez que Teri seguia aquele caminho pelo morro acima.

Entretanto, não queria voltar para casa com o coração atormentado pelo ciúme. Andou por isso alguns minutos sem destino, até avistar as ruínas de um pequeno templo no pico do morro. Tropeçando nas pedras soltas que rolavam sob seus pés, arranhando os dedos nas moitas de capim em que se agarrava, Teri conseguiu com alguma dificuldade galgar a trilha íngreme e foi dar finalmente numa plataforma onde estava construído o templo antigo.

Estava exausta, ofegante e com o rosto suado quando avistou lá do alto a paisagem noturna banhada pelo luar. Em sua volta, as ruínas do templo antigo formavam sombras escuras e misteriosas no terreno inculto, por entre os capins altos que brotavam entre os tijolos e as pedras roladas. O vento soprava com força e empurrava-a em direção ao despenhadeiro, de onde se via o mar prateado, cercado de pontinhos luminosos, que eram as casas construídas em volta da enseada.

Teri refugiou-se do vento entre as colunas do templo e deu um grito de horror quando uma forma escura passou raspando em seu rosto a uma velocidade assustadora. Era um morcego, que fora desalojado do seu esconderijo e que voava assustado para longe. Com receio de que houvesse

mais morcegos entre as ruínas, Teri sentou-se em cima da pedra plana que devia ter sido antes o pedestal de alguma estátua

Milhares de anos atrás, os fiéis levavam oferendas ao deus ou deusa que presidia àquele templo. As oferendas incluíam algumas vezes peças valiosas de cobre ou de prata; outras vezes, animais domésticos, cabritos ou ovelhas, dependendo dos recursos de cada um. Entretanto, qualquer que fosse o valor material da oferenda, todos desejavam uma única coisa: obter as graças do deus ou da deusa em cuja honra aquele templo fora construído.

Havia também aqueles que faziam uma promessa para algum membro da família que estava doente. Outros pediam para terem filhos. E os mais jovens pediam sorte no amor ou para serem correspondidos no seu sentimento.

Teri avistou o bloco maior de pedra que parecia ter sido o altar. Ela não tinha nada consigo para oferecer, a não ser a correntinha de ouro no pescoço e a aliança que levava no dedo. A correntinha era presente de Damien. Ele lhe dera muitos presentes durante os poucos meses em que estiveram casados: roupas, jóias, a casa em Atenas, o filho. Dera-lhe tudo o que uma mulher podia desejar, menos amor.

Era isso que devia pedir agora. Antes de tudo, pedir para que Melina sumisse do seu caminho e Damien a amasse como ela o amava. De que adiantava, porém, fazer esse pedido? Nada podia apagar de sua lembrança à cena de amor que presenciara aquela noite. Ela perdera a confiança em Damien. Agora a decisão dependia unicamente dela e nenhum deus ou deusa, por mais antigo e venerado que fosse, podia ajudá-la. Tinha duas alternativas: continuar na ilha como se não soubesse de nada ou partir e nunca mais voltar.

O amor-próprio aconselhou-a a partir. Não queria ser humilhada novamente. Embarcaria para a Inglaterra na manhã seguinte e levaria o filho consigo. Damien não poderia impedi-la de agir assim. Se fizesse questão de conservar o filho consigo, Teri defenderia seus direitos com unhas e dentes no tribunal.

Mais animada por ter tomado uma decisão que tranquilizava seu amor-próprio ferido, Teri levantou-se da pedra onde estava sentada, agradeceu com um sorriso a interferência da deusa e dirigiu-se para o barranco por onde tinha subido. No escuro era difícil localizar com certeza as pegadas deixadas no morro.

A descida foi mais árdua que a subida. As pedras rolavam continuamente sob seus pés e ela tinha que se agarrar com força nas moitas de capim para não cair ou escorregar pelo morro. Escorregou diversas vezes e arranhou-se toda. Por momentos ocorria-lhe a ideia horrível que podia rolar pelo morro abaixo e ir parar numa gruta, onde ninguém a encontraria, até morrer ali de fome e de sede, exposta às aves de rapina que bicariam sua carne e seus olhos.

Alarmada com esse pensamento, Teri desceu o morro com todo o cuidado, até chegar a uma parte mais plana, onde parou por alguns instantes, completamente desorientada. Não avistava as luzes das casas que contornavam a enseada e não tinha a menor ideia de onde podia estar. A única solução era seguir a trilha que atravessava uma plantação de limoeiros. Acabaria saindo em alguma parte.

De fato, após caminhar uns quinze minutos pela encosta suave do morro, por entre os pés de limoeiros e de laranjeiras, Teri avistou um aglomerado de casebres construídos perto da praia.

A primeira casa era um sobradinho humilde. O andar térreo tinha um galinheiro nos fundos, como adivinhou pelo cheiro forte que vinha de lá. Uma escada externa de tijolos levava ao andar de cima, onde havia uma janela aberta. Vozes de crianças vinham da sala.

Teri subiu a escada e, após uma pequena hesitação, em que procurou lembrar-se das poucas palavras que sabia em grego, bateu na porta. A mulher que atendeu arregalou os olhos ao vê-la desgrehada e com as mãos e as pernas feridas. Teri sorriu sem jeito, disse boa-noite e tentou explicar à mulher que estava perdida e que desejava uma orientação.

A mulher voltou-se para dentro de casa e chamou alguém em voz alta. No instante seguinte um homem moreno, de rosto largo e bigode enrolado nas pontas, apareceu na sala. Teri teve a impressão de que o conhecia de algum lugar.

— Entre, entre — disse o homem em inglês. — Não faça cerimônia. Você não está me reconhecendo?

— Ah, você é o dono da charrete! — exclamou Teri, reconhecendo finalmente o homem simpático que a conduzira à casa na noite em que chegara na ilha. — Como vai?

— Muito bem, obrigado. O que você manda? Teri explicou rapidamente a situação.

— Não tem problema. Espere um instantinho na sala enquanto vou atrelar a charrete.

A sala era pequena, acanhada e estava impregnada com o odor de fritura que vinha da cozinha. As paredes eram caiadas de branco e estavam literalmente cobertas de imagens de santos e de recortes de revistas. A lâmpada elétrica, presa num fio em cima da mesa rústica batia na vista das duas crianças que estavam sentadas diante dos pratos vazios. Elas tinham terminado de jantar quando Teri entrou na sala.

No canto direito havia uma cristaleira onde a dona da casa guardava potes coloridos, copos e a louça. No outro canto estava a cama de casal, coberta com uma colcha de retalhos. Na cabeceira da cama, iluminada por uma lâmpada de óleo, estava a imagem da Virgem e uma outra do Sagrado Coração de Jesus. Pelo visto, a família de Patros era pobre, mas fazia questão de manter a casa impecavelmente limpa e arrumada.

— Sente-se, por favor — disse Patros. — Irene vai fazer seu prato enquanto eu atrelo a charrete.

— Não se incomode. Eu não estou com fome — mentiu Teri. Irene ignorou sua resposta e colocou uma xícara de café com leite na mesa e fez sinal para Teri sentar-se.

— Ah, muito obrigada — disse Teri em grego.

O leite de cabra causou-lhe uma certa repugnância de início, mas ela tomou mesmo assim, para agradar à dona da casa.

Entretanto, o prato de comida que Irene colocou na sua frente estava uma delícia. Era um risoto de camarão, com cenoura e ervilha miúda, coberto de queijo ralado. Teri estava faminta e não se fez de rogada. Raspou o prato e bebeu a xícara enorme de café com leite.

Patros voltou logo depois e disse que a charrete estava pronta. Teri agradeceu à dona da casa, despediu-se das crianças e desceu a escada externa que dava no quintal. A mesma charrete descoberta em que tinha andado uma vez com Damien e uma outra com Paul estava atrelada na porta de casa.

Deu um suspiro ao afundar no banco e lembrou-se da primeira noite em que chegara a ilha. Gostaria que Damien estivesse com ela naquele momento, que segurasse no seu joelho e a estreitasse nos braços. O desejo foi tão forte que ela ficou toda arrepiada e sentiu um tremor no corpo. Com receio de que o dono da charrete percebesse alguma coisa, sentou-se ereta no banco e concentrou a atenção na paisagem.

Meia hora mais tarde avistou as paredes claras da casa de Damien por entre as árvores. A sala da frente estava feericamente iluminada, com todas as janelas abertas, como se fosse dia de festa. No instante em que a charrete atravessou o portão, Amie gritou alguma coisa para alguém que estava dentro de casa. A porta da frente abriu-se imediatamente e Damien apareceu no aito da escada, um vulto escuro contra o fundo claro da sala. Desceu correndo os degraus da entrada e estendeu a mão para Teri pular da charrete.

— Onde você estava?

O rosto dele estava alterado pela emoção e os olhos tinham um brilho intenso de ansiedade.

— Eu subi o morro.

— No escuro? Sozinha? Você podia rolar do barranco. Você não tem juízo!

— Não tenho mesmo! — exclamou Teri com impaciência. — Vamos conversar sobre isso depois. Primeiro pague a corrida a Patros. E pague também o jantar que ele me ofereceu. Eles são terrivelmente pobres. Você precisa ver a casa onde moram. Dormem todos na mesma sala, coitados!

Após agradecer a Patros o jantar e a carona, Teri entrou diretamente em casa, passando entre Arnie e Tina, que presenciavam a cena em silêncio, no alto da escada.

Foi diretamente à sala de banho e abriu as torneiras da banheira. A única coisa que desejava no momento era afundar o corpo dolorido na água morna e lavar os arranhões das pernas e dos braços.

Terminado o banho, embrulhou-se na toalha e voltou ao quarto de dormir.

Damien estava deitado na cama, com os ombros apoiados na cabeceira. No instante em que a avistou, levantou-se prontamente e aproximou-se dela com a expressão preocupada.

— Você está bem? Não aconteceu nada?

— Eu estou ótima — disse Teri, passando na frente dele e indo ao armário apanhar a camisola.

— Onde você foi?

— Eu fui até o templo em ruínas, no alto do morro.

Damien estava atrás dela, com a mão no bolso do robe de chambre.

Teri enfiou os braços pelas mangas da camisola, passou a cabeça pela gola ampla e deixou o tecido deslizar sobre o corpo enquanto soltava a toalha em que estava enrolada.

— O que você foi fazer lá?

— Fui pensar.

Ela apanhou a toalha caída no chão, pendurou-a no cabide do banheiro e voltou ao quarto. Sentou-se no banquinho da penteadeira e começou a escovar os cabelos.

— Pensar no quê? — perguntou Damien, retirando a escova de suas mãos.

Ela ficou parada, com as mãos caídas sobre o colo, enquanto Damien passava a escova nos cabelos compridos com gestos longos e estudados.

— Decidi voltar para casa amanhã. E vou levar Stephen comigo.

Ela estava de frente para o espelho e viu a escova ir até a ponta dos cabelos, voltar ao alto da cabeça e descer novamente, várias vezes.

— Agora você está com outra cara — disse Damien por fim; contemplando o reflexo dela no espelho de três faces. — Você estava medonha quando chegou aqui. Parecia uma bruxa. Desgrenhada, com o vestido amassado, toda arranhada.

Ele largou a escova em cima da penteadeira e segurou-a pela cintura, apertando o tecido fino da camisola entre os dedos. Teri inclinou-se para a frente e procurou soltar-se das mãos dele.

— Você ouviu o que eu disse?

— Ouvi, mas não estou de acordo com a sua decisão — disse ele, beijando-a na nuca, por cima das penugens loiras. — Vamos conversar sobre este assunto na cama. Você está cansada e eu também.

— Eu não vou dormir na mesma cama que você! — exclamou Teri, afastando-o com os punhos fechados.

— Por quê? Você não gosta mais de mim?

Teri aspirou fundo e arqueou o corpo para trás, com os lábios entreabertos, os olhos lânguidos.

— Eu o odeio.

— É mentira! Você está morrendo de vontade.

Sem aguardar a resposta, Damien levantou-a nos braços e deitou-a na cama.

— Você prometeu que não ia se aproveitar da situação — protestou Teri, debatendo-se frouxamente nos braços dele. — Você não tem palavra! — A culpa é sua. Você me deixa louco.

O corpo dela afundou no colchão sob o peso do dele e, no instante em que Damien a estreitou nos braços, Teri deu um gemido de prazer e agarrou o rosto dele com as duas mãos.

A partir daquele momento nada mais tinha importância, a não ser a satisfação do desejo urgente que a consumia. Parecia que ambos estavam famintos de beijos e carícias, após tantos meses de jejum, e que nada podia saciá-los.

O prazer final foi violento e simultâneo, a satisfação completa do desejo adiado, a desforra de muitos dias e muitas noites de solidão. Continuaram algum tempo abraçados em silêncio, com a respiração ofegante, os cabelos loiros de Teri embaralhados nos cabelos pretos de Damien, os braços e as pernas enroscados, a pele macia, elástica, empapada de suor, sem sentirem nenhuma necessidade de falar, até mergulharem no sono profundo e reparador.

Teri estava grogue, com a cabeça tonta e os olhos pesados quando ouviu alguém abrir a porta do quarto. Estava escuro no quarto, mas podia perceber que era dia lá fora pelos raios de luz que entravam pelas pás da veneziana.

— Que horas são? — perguntou, espreguiçando-se embaixo do lençol, desfrutando os últimos minutos de languidez e sorrindo consigo mesma do bem-estar que experimentava. Ah, ela e Damien faziam amor como ninguém, Nunca mais iria encontrar outro homem igual a ele. Nem queria.

— São onze e meia — respondeu Tina, colocando a bandeja do café em cima da mesinha de cabeceira.

— Tão tarde assim? — exclamou Teri, sentando-se na cama e cobrindo o corpo nu com o lençol. — Por que você não me acordou, criatura?

— Eu não sabia se você queria dormir até tarde.

— Faz tempo que Damien saiu?

— Umas duas horas. Ele mandou dizer que o helicóptero está à sua espera para levá-la a Atenas.

Teri ignorou a notícia.

— E o bebê?

Era a primeira vez, em sete semanas, que não acordava de manhã cedo com o choro do bebê.

— Está dormindo no quintal.

— Já tomou a mamadeira? — Já, faz tempo.

Depois que Tina saiu do quarto, Teri levantou-se da cama, vestiu o robe que estava pendurado no cabide e engoliu rapidamente o café com leite que estava esfriando na xícara. Enquanto comia as torradas com geléia, Teri passou em revista as diversas providências que deveria tomar nas próximas horas.

Damien ficara de comprar a passagem de avião para Londres. Pelo visto, não tinha a intenção de prendê-la na Grécia contra a sua vontade. Pelo contrário, atendera sem discussão seu pedido da noite anterior. Diante disso, ela não tinha outra alternativa se não partir imediatamente da ilha, levando Stephen consigo.

Teri sentou-se na beira da cama e cobriu o rosto com as mãos. Por que ficara tão deprimida repentinamente? Onde estava seu orgulho? Ia continuar sofrendo a vida toda por causa de um homem que não ligava a mínima para ela, que a tratava como uma amante ocasional?

Entretanto, houve momentos na última semana em que Damien se comportara como se gostasse sinceramente dela. Aliás, o olhar que lhe dirigira na noite anterior, quando ela desceu da charrete, era de alguém que estava sinceramente preocupado com seu paradeiro.

Posso vestir o bebê para a viagem? — perguntou Tina da porta.

— Pode. Enquanto isso eu vou arrumar as malas.

Meia hora depois, Teri empurrou o carrinho do bebê em direção ao helicóptero que estava pousado no terreno atrás da casa. No momento em que desceram no aeroporto de Atenas, o piloto ajudou Teri a levar as malas e o carrinho do bebê em direção ao carro que os aguardava na saída.

Foi com o sentimento de quem voltava para casa que Teri reconheceu as ruas, as praças e os lugares por onde passaram. Avistou a Acrópole no alto do morro, o templo de Dionísio, as escadarias em que descera de mãos dadas com Paul, no primeiro fim de semana que tinham passado em Atenas.

Minutos depois o carro parou diante do portão de sua casa na encosta do morro, a casa que Damien lhe dera de presente de casamento e onde ela passara a temporada mais feliz da sua vida na companhia do marido.

Desta vez, porém, não havia ninguém para recebê-la. O motorista empurrou o carrinho do bebê até a porta de casa e afastou-se para Teri passar. O interior estava abafado, como se a casa estivesse fechada há

algum tempo, se bem que não havia o menor vestígio de poeira em cima dos móveis. Onde estavam as empregadas?

— Precisa de mais alguma coisa? — perguntou o motorista, após colocar as malas no *hall* da entrada.

— Não, muito obrigada.

— Eu vou indo, então.

— Até outra vez.

Teri fechou a porta da frente e voltou para Stephen, que estava chorando e agitando as pernas no carrinho. Levou-o até a sala e trocou a fralda molhada. Feito isso, foi até a cozinha, onde inspecionou o armário e a geladeira. Ambos estavam impecavelmente limpos e repletos de mantimentos. No andar de cima, igualmente, os quartos estavam arrumados e as camas feitas. Não havia nada fora do lugar ou atirado em cima das cadeiras.

Fazia algum tempo que Stephen tinha tomado a mamadeira e estava dormindo no quarto quando Teri ouviu o ronco familiar do carro esporte.

Sua primeira reação foi correr ao encontro do marido e atirar-se nos seus braços. Em vez disso, contudo, continuou debruçada na janela da sala e acenou com a mão quando ele apareceu na entrada.

— Nossa, como você demorou! Eu pensei que você não vinha mais.

— Eu tive um dia terrível — disse Damien, colocando a pasta de couro em cima da cadeira no *hall*. Soltou em seguida o botão do colarinho, afrouxou o nó da gravata e beijou-a no rosto. — Stephen já está dormindo?

— Faz tempo.

— Você encontrou tudo o que precisava ou está faltando alguma coisa?

— Encontrei tudo. Muito obrigada. Você comprou provisões para uma semana, pelo visto.

Damien ouviu o comentário em silêncio e dirigiu-se ao armário de bebidas.

— Você não faz ideia da confusão armada na casa de papai. Estão todos brigando por causa da herança. Andrea e Katina não se conformam com a parte que receberam. Paul, então, nem se fala.

— Melina também estava lá? — perguntou Teri cautelosamente, observando-o servir-se do copo de aperitivo.

— Estava. Chorando pelos cantos.

— Por quê?

— Porque não foi incluída no testamento.

— Coitada — disse Teri, de cara fechada. — Por falar nisso, você comprou minha passagem?

Damien terminou de tomar o aperitivo e colocou o copo em cima da mesa.

— Não.

— Ué, você não tinha ficado de comprar?

— Eu mudei de ideia.

— Como assim? Não estou entendendo.

— Depois de ontem à noite, eu pensei que você tinha resolvido ficar.

— De jeito nenhum! — exclamou Teri com vivacidade. — Nosso relacionamento nunca significou nada para você. No fundo, você continua agindo exatamente como antes. Você passa Melina na minha frente toda vez que pode. Você saiu cedo e me deixou sozinha unicamente para cuidar dos interesses de Melina. Você a trata como se ela fosse sua mulher e a mim como se eu fosse sua amante. Quando devia ser o contrário, você não acha?

Em vez de explodir, como seria de prever, Damien ouviu as acusações em silêncio.

— Seja mais explícita — disse, por fim. — Eu não entendi muito bem onde você quer chegar.

— Pois olhe, para mim esse assunto está claro como água. Você preferia estar casado com Melina e não comigo. Não adianta negar. Eu vi os dois na sala, ontem à noite, na casa do seu pai.

— Ah, foi você que desceu correndo a escada?

— Você me viu?

— Eu saí correndo atrás de você, chamei-a diversas vezes, mas você já tinha sumido. Pensei que você tinha ido para casa e fui até lá. Esperei mais de uma hora e nada. Comecei a ficar preocupado com sua demora. Pensei que tinha acontecido alguma coisa.

— O quê?

— Sei lá. Que você tinha rolado pelo morro abaixo. Nunca mais saia de casa sem avisar aonde você vai. Está ouvindo?

— Está bem. Mas você não explicou ainda o que estava fazendo na sala escura com Melina.

— Eu estava tentando consolá-la. Ela estava inconformada por ter sido excluída do testamento.

— Coitadinha! Você me consolou uma vez e veja o que aconteceu. Ou você já esqueceu?

Não, não esqueci. Eu não resisti à tentação. Aliás, toda vez que estou perto de você, tenho vontade de tocá-la, para ter certeza de que você é minha. Você tem razão ao dizer que eu dou mais importância ao aspecto físico do nosso relacionamento do que ao afetivo. É possível. Desde a noite em que a vi pela primeira vez no cassino, desejei possuí-la fisicamente. Mas havia um outro sentimento presente, caso contrário não teria me casado com você. E não teria sentido ciúme de Paul.

— Eu nunca tive nada com Paul.

— Nem eu com Melina.

— Como não? Eu vi com meus olhos vocês dois cochichando pelos cantos. Além disso, na primeira noite que passamos na ilha, você voltou de madrugada para casa.

- O que você quer? Papai tinha mil assuntos para resolver.
- Por que você não falou nada?
- Porque você não perguntou. Quando eu cheguei em casa, você já estava deitada e não quis saber de conversar comigo.
- Claro! Estava farta de esperar. Como causei de esperar por você durante suas viagens. No fundo, nós nunca moramos juntos, como marido e mulher.
- Foi por isso que você foi embora?
- Não. Eu fui embora porque pensei que você tinha casado comigo para esconder o caso com Melina. Eu não aguentei ficar aqui depois disso.
- Você acreditou no que Paul disse?
- Sim, e fiquei uma fera no primeiro momento. Pensei inclusive em me ver livre do seu filho.
- Você pensou nisso? — exclamou Damien com a expressão perplexa. — Você seria capaz de fazer uma coisa dessas?
- O que você quer? Eu estava furiosa e achei que você não gostava de mim.
- Eu gosto de você, sempre gostei. Eu fiquei louco de preocupação quando você sumiu de casa. De repente percebi que não podia viver sem você. Foi por isso que não me contive quando você voltou. Você tem medo de ter outro filho?
- Não. O médico jamais disse que eu não podia ter mais filhos.
- Você tem certeza?
- Absoluta.
- Teri soltou-se dos braços dele e dirigiu-se à cozinha.
- Onde você vai?
- Está na hora do jantar. O que você quer comer?
- Você sabe cozinhar?
- Lógico.
- Comida grega?
- Posso tentar.
- Damien ajudou-a a fazer o jantar e os dois se divertiram com um programa que nunca tinha acontecido antes na vida de casados.
- Essa é a primeira vez que jantamos sozinhos desde que nos conhecemos.
- Você gostou?
- É mais íntimo assim. Foi por isso que mandei as empregadas embora.
- Você sabia que eu vinha?
- Joguei com a sorte.
- Como eu, no cassino?
- Pois é — disse Damien, pensativo. — Você ainda quer voltar para casa?
- Não. Você quer que eu fique?
- Quero muito. Eu não entendi ainda por que você me deixou aquela vez. O que foi que Paul contou, exatamente?
- Teri repetiu mais uma vez a história que ouvira de Paul. Quando ela terminou, Damien deu uma gargalhada bem-humorada.
- Você acreditou nisso?
- O que você queria? A explicação de Paul pareceu-me muito plausível. Eu sabia que seu pai era um homem extremamente autoritário e que você é teimoso como ninguém.
- Eu sei, eu sei — disse Damien, contendo o riso. — Era só o que faltava! Eu ter uma aventura com a mulher do meu pai. É verdade que nós brigamos algumas vezes mas, de uma maneira geral, nosso relacionamento foi sempre bastante harmonioso. Papai gostava de brincar comigo a respeito de minha condição de solteiro e foi isso provavelmente que Paul ouviu. Quanto ao mais, é tudo pura imaginação. Papai nunca ameaçou-me seriamente.
- Por que Paul inventou essa história?
- Para você ter um motivo para me deixar. E foi exatamente isso o que aconteceu. Em vez de me procurar para esclarecer o assunto, você deixou um bilhete desaforado e sumiu.
- Teri ouviu a explicação em silêncio, com a fisionomia pensativa. Havia ainda uma última dúvida que atormentava sua mente. — Diga francamente: por que você casou comigo?

— Você não descobriu ainda?

— Juro que não.

— Simplesmente porque eu gosto de você e de sua maneira de ser.

— Nesse caso, por que você não foi me ver em Londres?

— Porque você deixou bem claro no seu bilhete que não queria mais saber de mim. Eu também tenho orgulho. Sofri com as acusações que você me dirigiu. Para me consolar, resolvi achar que você era igual às outras mulheres e que não valia a pena eu me torturar por sua causa.

— Você tem razão — concordou Teri em voz baixa. — Eu me conduzi muito mal. Recebi tudo e não dei nada em troca. Fiz tudo para esquecê-lo, mas não consegui. Passei estes últimos meses com a esperança de que você fosse me ver.

— E eu tinha a esperança de que você fosse escrever para saber notícias. Quando papai caiu doente, achei que tinha um motivo justo para procurá-la e trazê-la de volta para casa.

— Seu pai perguntou realmente por mim?

— Muitas vezes. Papai não sabia que você tinha ido embora para sempre. Eu disse que você tinha ido visitar a família e que voltaria no fim de alguns meses. Foi duro para mim aceitar essa rejeição. Eu sofri muito uma vez por causa de uma mulher e jurei que nunca mais aquilo iria se repetir. Desde então, eu tomava sempre a iniciativa. Era eu quem dava o fora...

— Quem foi essa mulher?

— Helga Zweiss, a mulher de Cari Zweiss, o arqueólogo.

— Ah, foi você então que causou aquele escândalo? — exclamou Teri lembrando-se da história que Paul lhe contara por alto e que era um segredo na família.

— Eu quase fugi com ela.

— Não diga! Como foi?

— Helga tinha tudo o que um rapaz da minha idade podia desejar. Era bonita, dada, insinuante e muito mais experiente do que eu em contatos humanos. Eu tinha o sangue ardente dos meridionais e me senti profundamente atraído. Um dia Helga queixou-se para mim do marido, que era um homem mais velho que ela, frio e indiferente aos encantos femininos. Eu ouvi sua queixa com atenção e achei que Helga não era mulher para estar casada com Cari.

Damien fez uma pausa e tomou um gole de vinho.

— E aí? O que aconteceu?

— Nós planejamos fugir para a Itália. Eu tinha uma casa lá, onde podíamos morar juntos. Foi então que Alex apareceu na ilha. Ele tinha vindo especialmente para ter uma conversa com Cari a respeito da publicação do livro. Helga sentiu-se imediatamente atraída por Alex. Desinteressou-se do jovem inexperiente que eu era e voltou toda a sua atenção, bem como todo o seu charme de mulher fatal, para o homem maduro e vivido que era Alex.

— Não é possível! — exclamou Teri, perplexa com a direção que o caso tinha tomado. — Não me diga que papai teve um caso com essa mulher!

— Eu nunca soube ao certo o que houve entre os dois. Sei é que fiquei tão furioso e ciumento com a atitude de Helga, que desafiei o seu pai para uma briga. Alex, naturalmente, procurou me acalmar e me deu alguns conselhos que me abriram os olhos. Ele disse que Helga estava interessada apenas na minha fortuna e que eu não devia esperar muito de sua lealdade. Disse também que eu devia me precaver no futuro das mulheres insinuantes e oportunistas do gênero dela. Alex partiu no dia seguinte para Londres, e, como era de esperar, Helga dirigiu novamente sua atenção para mim, como se nada houvesse acontecido nesse meio tempo.

— O que você fez dessa vez? — perguntou Teri, curiosa para ouvir o fim da história.

— Segui o conselho de Alex. Em vez de partir com ela para a Itália, numa aventura sem pé nem cabeça, embarquei num petroleiro com destino ao Golfo Pérsico.

— E Helga? O que aconteceu com ela?

— Não sei. Nunca mais a vi. Quando voltei a Skios, alguns meses depois, os dois já tinham partido para a Alemanha.

— Cari ficou sabendo de alguma coisa?

— Penso que não. E, mesmo que tenha sabido, ele não dava muita bola para as aventuras da mulher.

— Que confusão!

— Pois é. Foi esse o favor que Alex me prestou e que eu mencionei uma vez a você, está lembrada?

— Sim. Você falou isso no restaurante grego, no primeiro dia em *que* nos conhecemos

— Se eu não tivesse retribuído esse favor na forma de um empréstimo nós dois não teríamos nos conhecido.

— E se seu pai não tivesse sentido saudade de mim, você nunca mais iria me procurar.

— Você não tinha a intenção de voltar um dia para mim?

— Realmente eu não estava decidida sobre o que faria depois que voltasse da Escócia. — Teri estendeu a mão e acariciou o rosto repentinamente triste de Damien. — Não faça essa cara, amor. Eu nunca fiz planos para o futuro. Depois que David morreu naquele acidente de automóvel eu passei a não contar com a vida nem com os outros. Eu vivo o dia-a-dia.

— Você podia ter me escrito ao menos para contar que tinha um filho — interveio Damien

— Eu tinha medo de que você o levasse embora. Mas se eu tivesse escrito, você teria ido ver seu filho?

— Evidente que sim. Eu estava aguardando com ansiedade uma carta sua.

Teri deu um sorriso aberto e fez um carinho no rosto dele com a palma da mão.

— Nesse caso, estamos quites. Eu sofri uma vez por sua causa e você sofreu uma outra, por minha causa. É só isso que importa.

Damien levantou-se e estendeu a mão para Teri

— A única coisa que importa é você estar aqui. comigo

Eles subiram a escada de braços dados, bem devagar, como se não tivessem pressa de chegar ao quarto de dormir. A luz do corredor estava acesa e projetava duas sombras compridas sobre os degraus da escada.

Damien parou em frente ao quarto de Teri e fitou-a no fundo dos olhos. — De hoje em diante eu prometo que não vou entrar no seu quarto sem bater primeiro. — Quanta gentileza.

— Eu sei que você preza a independência acima de tudo e eu vou respeitar a sua maneira de ser

— Muito obrigada. Você é o marido mais compreensivo que eu conheço.

Damien deu um sorriso irônico e segurou-a pela cintura.

— Isso não impede que eu passe a noite no seu quarto. Você tem alguma objeção?

— Não, nenhuma — disse Teri com alegria, puxando-o pela mão para o quarto escuro. — Pelo contrário, é a coisa que mais desejo na vida.

FIM